



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – ICHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGEOG
MESTRADO

LUGAR E REPRESENTAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O BAIRRO
DO ABIAL NO MUNICÍPIO DE TEFÉ/AM

Mestrando: Raimundo Nonato Freitas dos Santos
Orientadora: Profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira

MANAUS – AMAZONAS

2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – ICHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGEOG
MESTRADO

LUGAR E REPRESENTAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O BAIRRO
DO ABIAL NO MUNICÍPIO DE TEFÉ/AM

Mestrando: Raimundo Nonato Freitas dos Santos
Orientadora: Dra. Amélia Regina Batista Nogueira
Grupo de pesquisa: Ambiente e Cultura na Amazônia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Amazônia: Território e Ambiente. Linha de pesquisa Território e Cultura na Amazônia.

MANAUS – AMAZONAS

2012

Ficha Catalográfica
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

S2371ug Santos, Raimundo Nonato Freitas dos
Lugar e representação: um estudo sobre o bairro do Abial no município de Tefé/AM / Raimundo Nonato Freitas dos Santos. – Manaus : UFAM, 2012.
109 f. : il. color.
Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal do Amazonas.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Amélia Regina Batista Nogueira.

1. Geografia cultural 2. Identidade social – Tefé (AM)
I. Nogueira, Amélia Regina Batista (Orient.) II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU (1997): 911.3(811.3)(043.3)



Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
ICHL/DEGEO/Programa de Pós-Graduação em Geografia



Aprovado pela Resolução nº 009 – CONSUNI de 17/08/95, credenciado pela CAPES em set/2000

Ata da Defesa Pública da Dissertação de Mestrado do(a) Senhor(a) **RAIMUNDO NONATO FREITAS DOS SANTOS**, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas, área de concentração em Amazônia: Território e Ambiente, realizada no dia 27 de novembro de 2012.

Aos vinte e sete dias do mês de novembro de 2012, às 09:00 horas, no Sala de Audiovisual do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas, realizou-se a Defesa Pública da Dissertação de Mestrado, intitulada **“LUGAR E REPRESENTAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O BAIRRO DO ABIAL NO MUNICÍPIO DE TEFÉ - AMAZONAS”**, sob orientação do(a) Professor(a) Doutor(a) **AMÉLIA REGINA BATISTA NOGUEIRA (DEGEO/UFAM)**, do(a) aluno(a) **RAIMUNDO NONATO FREITAS DOS SANTOS**, em conformidade com o Art. 83 do Regimento Geral de Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas, como parte final de seu trabalho para a obtenção do grau de **MESTRE EM GEOGRAFIA**, área de concentração em **AMAZÔNIA: TERRITÓRIO E AMBIENTE**. A Banca Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professor(a) Doutor(a) **AMÉLIA REGINA BATISTA NOGUEIRA** Orientador(a)/Presidente (DEGEO/UFAM), Professor(a) Doutor(a) **BENHUR PINÓS DA COSTA (UFAM)** e o(a) Professor(a) Doutor(a) **PAOLA VERRI DE SANTANA (DEGEO/UFAM)**. O(A) Presidente da Banca Examinadora deu início à sessão convidando os membros da Banca e o(a) Mestrando(a) a tomarem seus lugares. Em seguida, o(a) Senhor(a) Presidente informou sobre o procedimento do exame. A palavra foi facultada ao(a) Mestrando(a) para apresentar uma síntese do seu estudo e responder às perguntas formuladas pelos membros da Banca Examinadora. Após a apresentação e arguição pelos membros da Banca Examinadora, esta se reuniu onde decidiu, por unanimidade, que o(a) aluno(a) foi **“APROVADO”**. A sessão foi encerrada. Eu, Maria das Graças Luzeiro, Secretária do PPG-GEOG, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim, pelos membros da Banca Examinadora e pelo(a) Mestrando(a). Manaus (AM), 27 de novembro de 2012.

Banca Examinadora	Rubrica	Conceito
Profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira Orientador/Presidente (DEGEO/UFAM)	<i>Amélia Regina Batista Nogueira</i>	“Aprovado.”
Prof. Dr. Benhur Pinós da Costa Membro Titular (UFAM)	<i>Benhur Pinós da Costa</i>	“Aprovado”
Prof. Dr. Paola Verri de Santana Membro Titular (DEGEO/UFAM)	<i>Paola Verri de Santana</i>	“Aprovado.”

Raimundo Nonato Freitas dos Santos
Raimundo Nonato Freitas dos Santos
Mestrando

Maria das Graças Luzeiro
Maria das Graças Luzeiro
Secretária do PPG-GEOG

DEDICATÓRIA

A minha família, especialmente a minha mãe Maria de Fátima Libânio de Freitas e meu pai Almir Pereira dos Santos.

A minha esposa Valdeneide Rezendes dos Santos, por sua ajuda ao longo desses anos.

Ao meu sogro Valdecy Gomes Bezerra e minha sogra Filomena Pereira Rezendes.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado forças, saúde, recursos e tantas outras coisas para chegar até aqui. Se eu puder dizer uma palavra, digo: Obrigado.

A minha família, em especial a minha mãe Maria de Fátima Libânio de Freitas e meu pai Almir Pereira dos Santos, pelo carinho, amor e apoio a mim dedicado durante esta caminhada.

A minha orientadora professora Dr^a. Amélia Regina Batista Nogueira, faltam-me palavras para agradecer seu carinho e orientação, pela paciência e compreensão nos momentos difíceis.

Ao meu sogro Valdecy Gomes Bezerra e minha sogra Filomena Pereira Rezendes pela ajuda durante todos esses anos. O meu sincero agradecimento.

Ao meu querido Irmão Eládio, que desde o início desta caminhada sempre esteve ao meu lado, me ajudando de acordo com suas possibilidades e não medindo esforços para me ajudar.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro para a realização deste estudo.

A Universidade Federal do Amazonas - UFAM, na pessoa dos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia pelas contribuições por meio das disciplinas ministradas.

Seja bendito o nome do Senhor, de eternidade a eternidade, porque dele é a sabedoria e a força. (Dn. 2.20)

RESUMO

Este trabalho é fruto de algumas reflexões obtidas quando ainda morava na cidade de Tefé/AM na época em que cursava graduação em Geografia. Compreender qual a imagem construída pelos moradores da cidade de Tefé sobre o bairro do Abial e saber como os moradores do referido bairro se sentem quando são discriminados foi nossa principal intenção. Participaram da pesquisa vinte e três moradores, todos com idade superior a quinze anos, alguns moradores do bairro do Abial, outros de outros bairros, com o objetivo de demonstrar a percepção sobre o bairro, tanto dos que moram quanto dos que não moram. Os mapas mentais nos auxiliaram no acesso ao mundo vivido de cada indivíduo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na perspectiva fenomenológica da Geografia. Esta pesquisa contribui para que este bairro seja compreendido tanto pela sua imagem positiva quanto negativa, contribui também para a compreensão da relação de identidade existente ou não com relação aos que moram no bairro, enquanto os moradores mais antigos se orgulham de identificarem-se como pertencentes ao bairro, alguns, geralmente os mais jovens, se identificam com moradores de outros bairros quando indagados sobre o lugar onde moram, mudando às vezes seu próprio nome.

PALAVRAS-CHAVE:

Percepção, Mundo Vivido, Lugar, Identidade, Mapas Mentais.

RESUMEN

Este trabajo es el resultado de unas reflexiones obtenido mientras vivía en la ciudad de Tefé/AM en el momento de asistir graduado en Geografía. Entender que la imagen construida por residentes de la ciudad sobre el barrio Abial de Tefé y cómo los residentes de ese vecindario se siente cuando son discriminados era nuestra intención principal. Los participantes fueron veinte y tres residentes, todos ellos mayores de quince años, algunos residentes del barrio de Abial, otros de otros distritos, con el objetivo de demostrar la percepción del barrio, tanto de los que viven como los que no viven. Los mapas mentales auxiliaron en el acceso al mundo vivido del individuo. Se trata de una investigación cualitativa, la perspectiva fenomenológica de la geografía. Esta investigación contribuye a este barrio que sea entendido por su imagen, tanto positivas como negativas, también contribuye a la comprensión de la relación que existe identidad o no con respecto a los que viven en el barrio, mientras que los residentes de mayor edad se sienten orgullosos de identificarse como pertenecientes el barrio, algunos identifican, por lo general lo más jóvenes, con los habitantes de otros barrios cuando se les pregunta donde viven a veces, cambiando su nombre.

PALABRAS CLAVE:

Percepción, mundo vivido, el lugar, la identidad, los mapas mentales.

SUMÁRIO

Listas de figuras.....	10
Lista de Siglas.....	11
Tabelas.....	11
Mapas.....	11
INTRODUÇÃO.....	13
1 CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA CULTURAL NO ESTUDO DO LUGAR.....	20
1.1 A Geografia Cultural.....	20
1.2 A abordagem cultural geográfica até a década de 1970.....	23
1.3 Geografia Cultural: em busca da renovação.....	26
1.4 Contribuições da Geografia Humanista.....	29
1.5 Contribuições da abordagem fenomenológica a geografia humanista.....	33
1.6 O lugar e a experiência vivida.....	41
2 O BAIRRO DO ABIAL: UM CONTINENTE ABIÁTICO.....	48
2.1 O bairro na Geografia: uma revisão conceitual.....	48
2.2 Tefé: breve relato de sua história.....	52
2.3 Tefé e as mudanças socioeconômicas entre os séculos XIX e XX.....	61
2.4 O bairro do Abial – o continente Abiático.....	64
3 LUGAR: PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO BAIRRO DO ABIAL.....	73
3.1 Percepção dos moradores do bairro do Abial sobre o lugar onde moram.....	75
3.2 Percepção dos moradores do restante da cidade sobre o bairro do Abial.....	77
3.3 Uma tentativa de leitura do bairro.....	80
3.4 O Abial representado através dos mapas mentais por seus moradores	82
CONSIDERAÇÕES.....	95
REFERÊNCIAS.....	101

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Esquema representativo de quando o espaço se torna lugar.....	44
Figura 02: Crianças que moram no bairro do Abial tomando banho nas águas do Lago de Tefé.....	46
Figura 03: Vista do bairro do Abial, ao fundo.....	51
Figura 04: Bairro do Abial, julho de 2010.....	51
Figura 05: Planta da cidade de Tefé em 1955.....	55
Figura 06: Planta da cidade de Tefé por zonas.....	56
Figura 07: A Vila de Ega ou Tefé.....	57
Figura 08: Centro da cidade de Tefe.....	62
Figura 09: Avenida Brasília, bairro Jurua.....	64
Figura 10: Bairro do Abial, imagem de satélite.....	65
Figura 11: Zona urbana do município de Tefe.....	66
Figura 12: Orla do bairro do Abial – Rua Copacabana.....	67
Figura 13: Bairro do Abial (ao fundo) no início de sua formação – 1960.....	68
Figura 14: Bairro do Abial no período de cheia.....	69
Figura 15: Ponte de madeira que liga o bairro do Abial ao outro lado da cidade no período de seca.....	70
Figura 16: Chegando ao bairro do Abial em uma catraia.....	71
Figura 17: Catraieiros aguardando passageiros para irem ao outro lado da cidade.....	71
Figura 18: Catraieiros aguardando passageiros.....	72
Figura 19: Pôr-do-Sol visto a partir do bairro do Abial.....	72
Figura 20: Escola Estadual Getúlio Vargas – Abial.....	78
Figura 21: Escola Municipal a ser inaugurada – Abial.....	78

LISTA DE SIGLAS

CPD – Central de Processamento de Dados.....	66
CEST - Centro de Estudos Superiores de Tefé.....	13
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.....	53
UEA – Universidade do Estado do Amazonas.....	13
PDM – Plano Diretor do Município.....	56
ZU – Zona Urbana.....	56

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Zoneamento da cidade de Tefé.....	56
Tabela 02: Tabela de preços dos catraieiros em Tefé.....	72

MAPAS

Mapa 01: Mapa de Localização dos municípios de Tefé e Manaus no Estado do Amazonas.....	53
Mapa 02: Mapa do município de Tefé/AM.....	54

MAPAS MENTAIS

Mapa mental 01 – Elaborado pelo Sr. Hermes Cordovil.....	84
Mapa mental 02: Elaborado pela senhora Maria Nunes (Biló).....	85
Mapa mental 03: Elaborado pelo Senhor Raimundo Ferreira da Silva	87
Mapa mental 04 – Elaborado pelo Sr. Paulo Alves. Visão do Abial em 1940.....	88
Mapa mental 05 – Elaborado pelo Sr. Paulo Alves. Abial 2011.....	90
Mapa Mental 06 – Elaborado pelo Sr. Ivonei Cruz.....	91
Mapa mental 07 – Elaborado por Corina Eudócio Leão.....	92

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é resultado de reflexões de leituras e trabalhos de campo realizadas na intenção de compreender a realidade vivenciada pelos moradores do bairro do Abial no município de Tefé/AM. As interrogações aqui colocadas foram em parte levantadas a partir da experiência que adquiri ao longo de quatro anos (2006-2009) como morador da cidade de Tefé/AM, sendo que meu primeiro contato com o referido município, foi no ano de 2002, quando morei cerca de 08 meses.

Ao longo desses meses, ainda que sem muito entendimento a respeito de diferenças culturais, fui percebendo um comportamento diferente de alguns moradores do bairro do Abial em relação ao outro lado da cidade¹, como também dos moradores do outro lado da cidade em relação aos moradores do bairro do Abial. Até mesmo quando era estudante de graduação do curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) do CEST em Tefé (Centro de Estudos Superiores de Tefé) percebia algumas anedotas dirigidas àqueles que moravam/moram no referido bairro.

No período em que iniciei a graduação em Geografia (2006), fui obtendo mais entendimento a respeito de tais diferenças, mas, era somente um entendimento empírico, foi quando decidi pesquisar essas questões que me deixavam “intrigado”.

Este estudo parte do mundo vivido dos moradores do referido bairro, onde descreve-se ao longo da pesquisa suas vivências e como os mesmos representam seu espaço.

Para melhor compreender o contexto da pesquisa, foram levantadas bibliografias sobre a história de Tefé/AM, tomando como referência o bairro do Abial, entendendo-o como discorre Tuan, como um lugar intimamente experienciado.

Tomamos como suporte para uma melhor compreensão a Geografia Cultural Humanística de abordagem fenomenológica.

Pode-se dizer que a Geografia Humanista reflete sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição humana. Ela não é em si, uma ciência da terra em seu objetivo final. Ela se

¹ O bairro do Abial é separado dos demais bairros da cidade pelo Igarapé do Xidarini, por isso a expressão “outro lado da cidade”.

entrosa com as Humanidades e Ciências Sociais no sentido de que todas compartilham a esperança de prover uma visão precisa do mundo humano.

A Geografia Humanística procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar.

O pensamento humanista se expressa na valorização do espaço vivido, é o espaço visto como lugar significativo e valorizado. De acordo com esta perspectiva o homem não apenas vê, mas atribui valor as coisas que o cercam, e é nesta relação que está a sua percepção do espaço.

Mas foi apoiado na fenomenologia que a geografia Humanista se preocupou em analisar os aspectos essenciais dos objetos da consciência, através da supressão de todos os preconceitos que um indivíduo possa ter sobre a natureza dos objetos, como as provenientes das perspectivas científicas, naturalistas e do senso comum.

De acordo com Cardoso,

No campo da Geografia, a corrente humanística-cultural tem entre seus objetivos interrogar o sujeito a respeito de como este constrói sua visão de mundo e estabelece formas específicas de relacionamento com a natureza a partir do mundo experienciado e vivido a cada dia, elementos fundamentais para a construção da geograficidade² do ser e, numa outra escala, pelo conjunto dos grupos sociais, compreender as diversas formas de habitar cada lugar num sentido existencial. (Cardoso, 2010, p. 13).

O estudo se justifica pelo fato de a fenomenologia criticar as “verdades” da ciência racionalista, apresentando outras formas de conhecimento que se baseiam na percepção, na vivência do mundo e no processo de subjetivação através do método fenomenológico que considera a percepção, o mundo vivido e a subjetividade.

Desta forma os objetivos desta pesquisa foram de compreender qual a imagem construída pelos moradores dos diferentes bairros da cidade de Tefé sobre

² Nogueira, (2004) afirma que Dardel é o responsável pela descrição mais completa das bases fenomenológicas da geografia, sendo um referencial na discussão sobre a categoria “geograficidade”, que se refere às várias maneiras de sentir e conhecer os ambientes, em todas as suas formas e os relacionamentos com os espaços e as paisagens, mesmo sendo um precursor dessa abordagem na geografia, Dardel não foi reconhecido de imediato por seus contemporâneos.

o bairro do Abial e também verificar como o bairro do Abial é percebido e concebido por seus próprios moradores.

Os objetivos foram (re)feitos de acordo com a realidade encontrada a cada campo realizado e também levando em consideração as orientações feitas pela banca de qualificação.

Para tentarmos alcançar nossos objetivos, no contexto desta realidade optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa na perspectiva fenomenológica, tendo como técnica principal a entrevista.

A fase da coleta de dados é um momento de acumulação de informações, de reformulação de hipóteses, com descobertas de “pistas” novas que são elaboradas em novas entrevistas. (CARDOSO, L., 1986, p.101).

Utilizando-se a técnica das entrevistas, acreditamos que foi possível obter dados relevantes para o desenvolvimento da pesquisa. A realização das entrevistas seguiu o que é proposto por Ludke e André (1986). De acordo com tais autoras, a entrevista é um instrumento básico para a coleta de dados, sendo importante atentar para o caráter de interação que se cria, com uma influência recíproca entre o entrevistado e o entrevistador.

Já de acordo com Bogdan e Biklen (1994) a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio entrevistado, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os mesmos interpretam os aspectos do mundo.

Ainda, segundo Ludke e André (1986): *“Como se realiza cada vez de maneira exclusiva, seja com indivíduos ou com grupos, a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos tem seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que o elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar entre o entrevistador e o entrevistado”* (p. 34).

Na entrevista, “[...] o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais” (CRUZ NETO, 2004, p. 57).

Uma das vantagens da entrevista é que com ela é possível conseguir as informações desejadas com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados assuntos, além de permitir um aprofundamento.

Também foram utilizados como procedimentos metodológicos os mapas mentais, estes foram muito úteis para representação do bairro do Abial por parte de seus moradores.

Para que fosse possível analisar os resultados obtidos nas entrevistas, foi necessário em primeiro lugar transcrevê-las para transformá-las em registro escrito. As transcrições tem ainda o intuito de recordar o momento da conversa, um momento importante para reflexão e até mesmo comparação de falas.

A transcrição é o processo da mudança do estágio da gravação oral para o código escrito. Neste caso, primeiramente ouvi todas as entrevistas e depois iniciei as transcrições, com a intenção de melhor recordá-las e entendê-las.

O primeiro passo para a realização das entrevistas foi a construção de um roteiro semiestruturado, no qual procuramos abordar primeiramente qual a importância do bairro (do Abial) na vida cotidiana dos moradores. No decorrer das entrevistas, foi possível conseguir informações relevantes sobre os motivos que levam alguns moradores do “outro lado” da cidade a olharem os moradores do bairro do Abial de modo diferenciado.

As entrevistas foram bastante flexíveis, permitindo uma maior liberdade ao entrevistado de contar sua história, suas preocupações e desejos, sem, contudo perder de vista o interesse de se atingir os objetivos pré-estabelecidos pelo entrevistador. Tal roteiro permitiu que a entrevista se desenvolvesse a partir de um esquema básico, sem ter uma aplicação muito rígida, admitindo as necessárias adaptações.

Foram utilizados alguns critérios para seleção dos entrevistados, dentre os quais pode-se destacar:

- Ter idade igual ou superior a quinze anos.
- Estar residindo em Tefé há pelos menos 02 anos.

Após as transcrições realizei as análises dos dados para uma melhor sistematização, pois, trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e requer muita

atenção de quem transcreve, analisa e interpreta, para que possua a maior originalidade possível, não alterando/adulterando nenhuma das falas dos entrevistados.

Os relatos dos moradores sobre o referido bairro foram de grande importância, pois nos forneceram ricas informações sobre o cotidiano, as vivências, as lembranças, sobre a infraestrutura, e também sobre as perspectivas futuras.

Foram realizados alguns levantamentos sobre documentos antigos da cidade de Tefé/AM, a maioria deles cedidos pelo Professor Protásio Lopes Pessoa.

No ano de 2010 realizei o primeiro campo (quando havia cursado um semestre de aulas), e no ano de 2011 tive a oportunidade de realizar dois campos, onde, em ambas as oportunidades entrevistei um total de 23 (vinte e três) pessoas (incluindo senhores, senhoras, estudantes, professores, jovens, etc), algumas que moram no bairro do Abial e outras que moram nos bairros do outro lado da cidade.

A maioria das entrevistas foram realizadas nas residências dos próprios moradores³, onde tive a liberdade de perguntar sobre os principais pontos relacionados às suas vivências e cotidianos no bairro.

Outra técnica também utilizada para coleta de dados foi à observação. A mesma constitui-se em elemento fundamental no processo de pesquisa. De acordo com Lakatos e Marconi (1991, p. 190) “a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade”. Ou seja, permite captar situações que refletem “o que há de mais imponderável e evasivo na vida real” (CRUZ NETO, 2004, p. 60).

O resultado da pesquisa foi sistematizado nesta dissertação que ficou estruturada em três capítulos.

No primeiro capítulo apresentamos uma discussão entorno da abordagem da renovada geografia cultural. Destacamos a importância do estudo da fenomenologia para compreensão do que propusemos fazer, como também da geografia cultural humanística, em seguida falamos sobre a categoria lugar, categoria de principal abordagem neste trabalho.

³ Vale ressaltar que antes de cada entrevista era feito um rápido esboço sobre o assunto a ser abordado, só a partir daí que podia realizar a entrevista, isso com o consentimento do morador.

No segundo capítulo iniciamos com uma rápida conceituação sobre bairro, tendo em vista a visão de diferentes autores, depois comentamos sobre a localização e história do município de Tefé/AM. Também fizemos uma abordagem sobre o histórico do referido bairro e em seguida mencionamos alguns aspectos que consideramos importantes sobre o bairro do Abial, foco principal da pesquisa.

No terceiro capítulo comentamos sobre a atual visão em relação ao bairro do Abial tanto por seus moradores, como por aqueles que não moram no bairro, tentando-se fazer uma leitura mais clara e real do mesmo. Utilizamos dos mapas mentais como forma de representação do bairro feito pelos próprios moradores. Partimos das experiências que esses indivíduos tem do lugar, sejam elas agradáveis, ou não. A partir das vivências representadas nos mapas mentais foi possível perceber como ainda está/permanece viva em suas mentes a lembrança dos primeiros anos do bairro.

CAPÍTULO I

CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA CULTURAL NO ESTUDO DO LUGAR

Neste capítulo faremos uma breve exposição a respeito das contribuições de geógrafos que desenvolveram trabalhos na perspectiva fenomenológica para a consolidação da Geografia Cultural Humanista, contribuindo de maneira significativa na apreensão do conhecimento do mundo vivido do indivíduo, fazendo-se menção da principal categoria geográfica neste trabalho, a categoria lugar.

1.1 A GEOGRAFIA CULTURAL

A Geografia Cultural, para muitos autores, é entendida como uma espécie de subgrupo da Geografia, como a Geografia Agrária ou a Geografia Política. Contudo, “existem autores que defendem que todos os fatos geográficos possuem, de uma forma ou de outra, uma contribuição cultural”. Isso leva esses geógrafos a preferirem falar em abordagem, ou perspectiva cultural na Geografia, e não em Geografia Cultural. (Claval, 2001: p.147).

Embora a ciência geográfica represente um importante papel para a sociedade moderna, ela passa definitivamente a ser aceita como ciência nos moldes impostos pelos padrões requeridos pelo conhecimento organizado, conseguindo assim sua inserção na cátedra das universidades, a partir do século XIX, onde as primeiras cadeiras da geografia na academia foram criadas: em 1870, na Alemanha e um pouco mais tarde na França (CHRISTOFOLETTI, 1985, p. 12). Neste período era aceito que a função primordial desta nova ciência era a do estudo da diferenciação regional da superfície da terra, ou, como propôs Albert Demangeon, em 1942 (apud CHRISTOFOLETTI) seria papel da geografia *o estudo dos grupos humanos nas suas relações com o meio geográfico*.

Ao discutir o campo cultural na geografia, Bonnemaïson (2002), destaca a importância da cultura ter se libertado da visão de superestrutura vaga e fluida que lhe foi dada. Hoje ela é compreendida como um sistema de representação simbólica, existente em si mesma. Assim destaca Bonnemaïson:

A cultura é rica de significados porque é tida com um tipo de resposta no plano ideológico e espiritual, ao problema do existir coletivamente num determinado ambiente natural, num espaço e numa conjuntura histórica e econômica colocada em causa a cada região. (BONNEMAISON, 2002.p.86)

Na década de 1970 e na década de 1980, a Geografia sob a abordagem cultural inicia um processo de renovação, quando sofre diversas influências. Entre essas influências, contam-se, além da “tradição saueriana e do legado vidaliano (...) a influência das filosofias do significado, especialmente da fenomenologia, e do denominado materialismo cultural de Raymond Williams” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p. 12).

No final do século XIX e início do século XX a Geografia europeia já se ocupa da dimensão cultural da sociedade. O foco central do interesse dos geógrafos europeus, neste período, está centrado no resultado da ação humana responsável pela alteração da paisagem natural. Era essa alteração que produzia cultura, caracterizada por um gênero de vida, resultante das relações de um determinado grupo humano e a natureza. Nos Estados Unidos a Geografia Cultural ganha identidade através das obras de Carl Sauer e seus discípulos, a qual está ancorada no historicismo.

Ainda no final do século XIX domina na Geografia a perspectiva material, na qual os seres humanos são considerados produto do meio. A ciência geográfica contenta-se com “a tipologia das paisagens e com o inventário das combinações produtivas (gênero de vida, ou modos de produção), que permitem explorar o ambiente” (CLAVAL, 2001, p. 41). A partir dos anos oitenta do século XX, aborda-se, na Geografia, a dialética das relações que ocorrem no espaço, as relações com o meio ambiente e com o papel das paisagens. Esta Geografia é a Geografia Cultural.

Sabe-se que não é fácil definir cultura, visto ter inúmeros significados em diversos contextos, pois este conceito não é trabalhado somente pela ciência geográfica. O conceito de cultura mais aceito pela Geografia é o da Antropologia Cultural, pois esta reconhece que os seres humanos vivem num mundo que foi construído por eles mesmos e nele encontram significado. A cultura é constituída pelo mundo cotidiano vivido por todos nós e onde todos nos movimentamos, relacionando-nos entre nós e com o entorno.

Os estudos culturais ignoravam transmissões de saberes, diversidade das sociedades e aspectos normativos da civilização. Para superar era preciso um esforço de aprofundamento como cita Claval:

[...] A cultura é mais complexa do que se imaginava: ela varia no tempo, e algumas de suas manifestações diferem de uma parte a outra em áreas que teria tendência a perceber como homogêneas, porque aqueles que as habitam tem o sentimento de pertencer a uma mesma comunidade (CLAVAL, 1999.p. 42).

A cultura, mais do que isso, é o resultado da capacidade que os seres humanos tem de se comunicar entre si por meio de símbolos (WAGNER; MIKESELL, 2003, p. 28). Estes símbolos são representações de suas crenças, superstições, usos, costumes, língua, religião, que faz com que as pessoas de determinado grupo entabulem conversas, criem modos de vida, construam suas casas, seus jardins, suas estradas, suas lavouras, suas cidades, suas indústrias, seu cotidiano. A cultura é o resultado natural da interação entre o homem e a natureza e do homem com seus semelhantes, podendo ser compreendida como um processo de produção da própria existência humana. A cultura é o resultado de seu mundo de acordo como o vivem, o percebem e o concebem.

CLAVAL (1999), em sua obra *La Géographie Culturelle*, destaca que o termo geografia cultural foi introduzido pela primeira vez na Alemanha por Friedrich Ratzel na década de 1880. Ratzel dedicou-se ao estudo dos fundamentos culturais da diferenciação regional da Terra reconhecendo nos povos a mobilidade como um atributo de sua essência.

As contribuições para a Geografia Cultural na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX, mesmo sendo abordagens parciais, foram importantes e fazem parte da evolução de um pensamento cultural na Geografia.

Através dos seus conceitos-chave, a Geografia passa a valorizar a cultura segundo sua dimensão simbólica. As experiências vividas, o conhecimento adquirido, as assimilações coletivas dão significado à sociedade e evocam a Geografia Cultural.

Na Geografia, essa articulação pode ser percebida na produção de autores do século XIX como Alexander Von Humboldt e Karl Ritter entre outros, cujos projetos podem ser inscritos no horizonte da Geografia Humana. Com efeito, racionalismo e humanismo figuram, na produção dos iniciadores da Geografia Moderna, como aspectos complementares de um mesmo e único conhecimento científico, ou seja, misturam-se em proporções variáveis, sem aparência contraditória. (GOMES, 1996).

Na atualidade, a articulação de paradigmas é postulada por geógrafos, que também consideram como necessárias e complementares as abordagens racionalista e humanista, cuja produção científica pode ser inscrita no horizonte de uma Geografia Humana Pós-Moderna. Conforme reconhece Claval (2001, p. 46):

Há mais similaridades do que parece à primeira vista, entre os geógrafos atraídos pela fenomenologia e aqueles que abraçam a causa radical, pois os dois grupos consideram que os fatos sociais diferem dos fatos naturais. O que é fundamental para os geógrafos de inspiração humanista ou radical não é a distribuição espacial dos fatos sociais, mas a maneira como as pessoas vivem nos lugares onde residem ou os que visitam, deles extraíndo uma experiência.

Da mesma forma, Cosgrove e Jackson (2003) postulam a cooperação entre a geografia cultural humanista e a geografia social marxista, para investigar o mundo do homem e as geografias da mente.

Nesse contexto, muitas perspectivas de análises tem sido propostas para compreender as intensas transformações do espaço geográfico, bem como para orientar o trabalho de educação geográfica escolar necessário à formação para a cidadania crítica. Dentre elas, uma perspectiva de cunho crítico que, a partir da década de 1990, adquiriu significativa relevância, devido sua consonância com o movimento pós-moderno, é a abordagem cultural. Destaca-se, nessa abordagem, o interesse pela investigação de uma pluralidade de temas relacionados à cultura popular, ao folclore, à etnia, ao gênero, à religião, a paisagem, assim como por diferentes manifestações artísticas como a música, a literatura e a poesia. Conforme McDowell (1996, p.159):

A geografia cultural é atualmente uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado das paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. Seu foco inclui a investigação da cultura material, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas.

1.2 ABORDAGEM CULTURAL GEOGRÁFICA ATÉ A DÉCADA DE 1970

A construção do conteúdo humanista cultural fez a Geografia buscar aporte teórico-metodológico em outras ciências, como na filosofia, na antropologia, na sociologia e outras, para melhor compreensão do espaço geográfico. As concepções metodológicas adotadas fundamentaram-se, principalmente, em pressupostos filosóficos da fenomenologia.

De acordo com Zanatta (2008) o interesse pela relação entre espaço e cultura é uma tradição da ciência geográfica, haja vista que seus interesses sempre estiveram voltados para a descrição da diversidade da superfície terrestre. No entanto, foi somente no final do século XIX que as relações sociedade, cultura e natureza tornaram-se objeto central de atenção de geógrafos europeus como Friedrich Ratzel (1844-1904), Paul Vidal de La Blache (1845-1918), Otto Schuter (1872-1952), entre outros.

O termo cultura foi introduzido pela primeira vez na geografia alemã, por meio do livro de Friedrich Ratzel, publicado em 1882, intitulado *Antropogeografia*, obra em que analisou os fundamentos culturais da diversidade das repartições dos homens e das civilizações, adotando encaminhamento ora etnográfico, ora político. Segundo Claval (1995, p. 13), nessa obra, Ratzel analisa a cultura

[...] sob seus aspectos materiais, como conjunto de artefatos mobilizados pelo homem na sua relação com o espaço. As ideias que a sustentam e a linguagem que exprimem não são quase nada invocadas [...] A ideia de luta pela vida limita, portanto, o interesse que tem Ratzel pelos fatos da cultura e dá à sua obra uma posição essencialmente política.

Com esse trabalho, Ratzel edificou a base conceitual na qual se tem estruturado desde então a Geografia Humana e passou a ser considerado como o grande apóstolo do ambientalismo, uma vez que “[...] seus seguidores desconsideraram em muito os seus estudos culturais posteriores, nos quais ele se referia à mobilidade populacional, às condições de assentamento humano e à difusão da cultura através das principais vias de comunicação.” (SAUER, 2003, p.20).

Na França, a tradição dos estudos culturais foi inaugurada por Paul Vidal de La Blache, e surgiu, assim como na Alemanha, simultaneamente ao processo de sistematização da Geografia como ciência acadêmica. Refletindo sobre as relações que se estabelecem entre os seres humanos e o meio, Vidal de La Blache elaborou o conceito de gênero de vida, o qual exprimiria uma relação entre população e recurso, uma situação de equilíbrio, construída historicamente. Pode-se definir esse conceito como o conjunto de técnicas, hábitos e costumes próprios de uma sociedade que possibilitam o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis. Sustentando a ideia de que a ação humana é influenciada pela contingência, para La Blache o meio físico exercia ascendência sobre certos gêneros de vida, mas os

grupos humanos também nele podiam intervir, dependendo de seu estágio civilizatório, cultural e seu desenvolvimento tecnológico (La Blache, 1995, *apud* DANTAS, 2005, p. 26).

Vidal, entretanto, tinha a mesma visão de Ratzel no que tange ao entendimento do papel da cultura, que se interpõe entre o homem e o meio natural. Para ele, a cultura pertinente deveria ser aquela que se apreende por intermédio dos instrumentos, utensílios, técnicas e maneiras de habitar que as sociedades utilizam para modelar a paisagem. Do seu ponto de vista, a noção de gênero de vida permitia organizar estes elementos de tal forma que explicassem as diferentes paisagens construídas.

Nas décadas iniciais do século XX, à medida em que a Geografia Humana progredia, persistindo nas relações entre sociedade, ambiente natural e cultura, o conceito de paisagem humanizada tornou-se objeto de investigação geográfica. Zanatta (2008) comenta que nesta época, na Alemanha, adquire relevância o conceito de paisagem cultural elaborado por Otto Schuler. A ênfase da escola alemã era dada às marcas que os homens produziam na paisagem, e o objeto da geografia era, justamente, apreender sua organização, descrever a morfologia da paisagem cultural procurando captar sua gênese.

A discussão sobre a dimensão cultural da paisagem estendeu-se aos Estados Unidos no início do século XX e adquiriu expressividade a partir de 1925, ano em que Carl Ortwin Sauer (1889-1975) definiu a paisagem geográfica como resultado da ação da cultura, ao longo do tempo, sobre a paisagem natural. Carl Sauer fundou a escola norte-americana de Geografia cultural, originando, [...] uma sólida tradição, que em parte, compartilhava com os geógrafos europeus [...] “inclusive a ênfase na dimensão material da cultura” (Corrêa, 1999, p. 50, *apud* Zanatta, 2008).

Para Sauer (1998), o principal objetivo dos estudos geográficos era analisar as paisagens culturais de modo que a morfologia física deveria ser vista como um meio, transformado pelo agente que é a cultura. Conforme Duncan (2003, p.81), Sauer concebia a cultura

[...] como uma entidade supra-orgânica, com suas próprias leis, pairando sobre os indivíduos, considerados como mensageiros da cultura, sem autonomia. A cultura era assim, concebida como algo exterior aos indivíduos de um grupo social; sua internalização se faz por mecanismos de condicionamento, gerador de hábitos, entendidos como cultura.[...] nesta

visão não havia conflitos, predominando o consenso e a homogeneidade cultural.

Até a década de 1940, o interesse da Geografia Cultural atinha-se, principalmente, às marcas que a cultura imprimia na paisagem ou à noção de gênero de vida. Ainda que sob diferentes formas, ambas abordagens acentuavam a cultura material (artefatos, técnicas, utensílios, *habitat* e instrumentos de trabalho), não acompanhando a evolução dos estudos antropológicos que já davam destaque à cultura mental, aos aspectos psicológicos das sociedades. Conforme Claval (1995), no decorrer desse período, os geógrafos valorizaram quatro temas associados ao estudo das relações entre sociedade e natureza, quais sejam: a análise das técnicas, os instrumentos de trabalho, a paisagem cultural e os gêneros de vida. Os três primeiros estão relacionados a aspectos materiais da cultura, e o último a aspectos não materiais.

1.3 GEOGRAFIA CULTURAL: EM BUSCA DA RENOVAÇÃO

No final dos anos 1970, começou-se a esboçar um processo de recuperação da abordagem cultural na geografia que, desde então denotando um nítido interesse pelo pensamento pós-moderno, passou a dar mais atenção às questões anímicas e ontológicas dos seres humanos. Não se tratava mais de estudar a diversidade cultural com base nos seus conteúdos materiais, mas de admitir que a cultura está intimamente ligada ao sistema de representações, de significados, de valores que criam uma identidade que se manifesta mediante construções compartilhadas socialmente e expressas espacialmente, ou seja, de admitir que a cultura no seu sentido antropológico mais amplo representa todo o modo de vida de uma sociedade, o que não inclui somente a produção de objetos materiais, mas um sistema cultural (valores morais, éticos, hábitos e significados expressos nas práticas sociais), um sistema simbólico (mitos e ritos unificadores) e um sistema imaginário, que serve de liame aos dois últimos, constituindo-se no *locus* da construção da identidade espacial de um grupo (Zanatta, 2008).

De acordo com Corrêa (2003, p.13) nesse contexto, o conceito de cultura,

[...] é liberado da visão supra-orgânica e do culturalismo, na qual a cultura é vista segundo o senso comum e dotada de poder explicativo. É vacinado também contra a visão estruturalista, na qual a cultura faria parte da "superestrutura", sendo determinada pela "base". A cultura é vista como um

reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada.

A origem desse processo pode ser situada por volta dos anos de 1980, ou mesmo um pouco antes, com a crise de maio de 1968, a guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo e o surgimento da *New Left*, o movimento ecológico, e a crescente consciência e necessidade de novos paradigmas para compreender a realidade, até então explicada com base nos pressupostos teóricos da Geografia positivista e da Geografia neopositivista.

Essas abordagens não mais explicavam a realidade, diante da diversidade social, das estratégias da economia mundial e, sobretudo, em relação ao descaso com determinados componentes da realidade como a cultura ou os meios de comunicação. Foi nesse contexto que, gradativamente, adquiriu identidade a abordagem cultural geográfica (ZANATTA, 2008).

Nas palavras de Corrêa (1999, p.51, *apud* ZANATTA, 2008).

O ressurgimento da geografia cultural se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. A dimensão cultural torna-se necessária para a compreensão do mundo.

A abertura dos novos horizontes para a análise da dimensão geográfica da cultura foi encontrada na revalorização de características fundamentais do humanismo. Assim, o homem foi recolocado no centro das preocupações dos geógrafos culturais, como produtor e produto de seu próprio mundo. Da mesma forma, foram resgatados da Geografia do século XIX elementos que possibilitaram estabelecer a ligação entre a abordagem cultural clássica da geografia e as atuais perspectivas de análise da cultura. Por um lado, o retorno a essa tradição se traduz na valorização do estudo dos costumes e hábitos marcados no tempo e que sustentam a importância primordial da cultura, frequentemente esquecida pela ciência em sua versão racionalista (ZANATTA, 2008).

De acordo com Claval (1999), a Geografia Cultural renovada sente-se cada vez mais constantemente chamada a reforçar seu interesse sobre os aspectos “não-materiais” que envolvem as questões que relacionam espaço e cultura. Ao longo desse processo de renovação, uma característica merece um destaque especial, que é o interesse em buscar um entendimento de ser humano em seu sentido mais

amplo. Isso significa considerá-lo como um ser efetivamente ativo nos processos de construção da realidade. Este caráter de atividade implica intencionalidade. Dessa forma, inclui-se na problemática espacial elementos subjetivos como as emoções, lembranças, desejos e escolhas.

Outra importante contribuição do humanismo refere-se ao método. Nesse aspecto, a hermenêutica foi reconhecida como método eficaz de interpretação, à medida que permite levar em conta os contextos próprios e específicos de cada fenômeno. Para desenvolvê-lo, o geógrafo deve assumir a posição de observador capaz de interpretar o jogo complexo das analogias, valores, representações e identidades que caracterizam a atividade humana exercida espacialmente. Por meio da compreensão, é possível alcançar uma significação, revelar a essência dos fatos que representam experiências vividas. (Zanatta, 2008, p.12).

A fenomenologia empenhada em desbravar os meandros dos significados e da qualidade de vida humana no mundo vivido (Buttimer, 1979) serve como via para a compreensão de tais geografias. Todavia, vale salientar, as fronteiras entre as filosofias do significado (fenomenologia, existencialismo e hermenêutica) não são muito rígidas.

Além do humanismo, a renovação da abordagem cultural também foi enriquecida pelas contribuições do materialismo histórico e dialético e das filosofias do significado por meio da Geografia Humanista.

Na Geografia Humanista, os geógrafos encontram subsídios necessários à reflexão sobre a própria existência e, por conseguinte, sobre os fenômenos do mundo vivido. Segundo McDowell (1996), foi a partir dessa abordagem que o fator cultural, tema central do humanismo, reapareceu como elemento imprescindível para uma nova compreensão da produção e reprodução das culturas através das práticas sociais que ocorrem ao nível espacial de maneira diferenciada.

Os geógrafos da corrente humanística não lidam com aspectos precisos ou concretos. Por muito tempo, a ciência espacial excluiu de suas abordagens os laços de vizinhança, o estoque de conhecimento, a agradabilidade, a topofobia, a fixação nos espaços e lugares, as experiências cotidianas e os elos que unem as pessoas ao meio ambiente (Buttimer, 1983).

Outra contribuição dessa abordagem refere-se aos aportes da filosofia dos significados, que valoriza a experiência, a intersubjetividade, os sentimentos, a intuição e a compreensão. Esses aportes serviram de base para os geógrafos culturalistas se posicionarem contra a visão alienante de mundo da sociedade tecnológica e a favor da compreensão de que a riqueza da existência humana se desenvolve para além dos cânones da lógica positiva, que com seu reducionismo quantitativo, sua fragmentação do conhecimento em compartimentos especializados e sua pretensão de racionalidade e objetividade, separava a ciência do homem. (Buttimer, 1983).

É nesse contexto que ocorre a reelaboração dos conceitos, a ressignificação e ampliação dos temas da abordagem cultural, assim como a dinâmica de sua renovação. Isso pode ser verificado em periódicos como *Géographie et Cultures* e *Ecumene* que, ao lado do mais antigo *Journal of Cultural Geography*, contribuem, a partir da década de 1990, para divulgar a crescente produção da abordagem cultural geográfica.

Admite-se que essa corrente epistemológica visa analisar de que modo os fatores culturais e de percepção interferem nas ações de organização e elaboração do espaço geográfico. Assim, esse espaço resulta não apenas das transformações econômicas, mas também das condições psicológicas e físicas dos indivíduos e das sociedades, sobretudo da experiência de vida de cada pessoa e das heranças culturais coletivas.

1.4 CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA HUMANISTA

A abordagem humanística em Geografia tem como base os trabalhos realizados por Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, Edward Relph e Mercer e Powell, e possui a fenomenologia existencial como a filosofia subjacente. (CHRISTOFOLETTI, 1982. p. 21).

A geografia humanista está assentada na “subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na continuidade, privilegiando o singular e não o universal, e ao invés da explicação, tem na compreensão a base da inteligibilidade do mundo real”. Revaloriza-se a paisagem como conceito. Um nome que se destaca na gênese dessa corrente é Yi-Fu Tuan, para quem ‘os sentimentos

espaciais e as ideias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência' são importantes (SPÓSITO, 2004, p.100-101).

Para a Geografia humanista as abordagens mais significativas são aquelas que evocam a significação espacial e as relações humanas com o espaço vivido.

Segundo ENTRIKIN (1980), na perspectiva humanista o lugar não é uma coleção de objetos e eventos empiricamente observáveis, mas é antes um repositório de significados. Também afirma que o conceito de lugar recebeu mais atenção dos geógrafos humanistas do que qualquer outro conceito tradicionalmente geográfico.

De acordo com Rocha (2007, p. 25) a Geografia Humanista, tornou-se um dos pilares centrais do movimento de renovação da Geografia Cultural tradicional na década de 1960. Desde então é verificável de maneira bastante clara, o interesse da Geografia Cultural de abordagem humanista em se colocar como uma alternativa ao cartesianismo e positivismo reinantes, até então, na ciência, mesmo que, de acordo com Holzer (1997), os primeiros esforços nesta direção tenham sido dados já na década de 1920, com alguns estudos empreendidos por Carl Sauer e a escola de Berkeley, nos Estados Unidos, que marcaram profundamente a história da Geografia Cultural, contribuindo para sua efetivação enquanto campo de estudo geográfico.

A crítica ao positivismo e ao cartesianismo ganharia um reforço, na América do Norte, a partir de um artigo de David Lowenthal datado de 1961. Através dele, Lowenthal lançava as bases de uma Geografia baseada no estudo da imaginação e da experiência. Apropriando-se das palavras de Wright (1947), Lowenthal é enfático em argumentar que uma Geografia Humanista deveria estar preocupada com a "terrae incognitae" (...) "que se encontra na alma e no coração dos homens" (LOWENTHAL, 1982, p. 103).

A Geografia humanística está interessada em resgatar os valores e sentimentos que ligam o homem a Terra, o que atribui aos espaços conteúdos que extrapolam a simples lógica geométrica, e que encerram internamente os papéis simbólicos de "lar" e "proteção". (TUAN, 1980).

A proposta humanística leva à geografia a necessidade de que o conhecimento do mundo humano se dá a partir do estudo das relações das pessoas com a natureza, considerando aí, tanto seu comportamento geográfico, como

também seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (TUAN, 1985, p. 143).

O lugar passa a ser visto como o recorte do *espaço* em que o indivíduo se encontra ambientado, e no qual está integrado. Ele, o lugar, é aceito como elemento essencial na construção do mundo dos sujeitos, com seus sentimentos e afeições, pois este é o centro de significância ou um foco de ação emocional do homem. O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas (CHRISTOFOLETTI, 1985, p. 22).

No campo da geografia, a corrente humanística-cultural tem entre seus objetivos interrogar o sujeito a respeito de como este constrói sua visão de mundo e estabelece formas específicas de relacionamento com a natureza a partir do mundo experienciado e vivido a cada dia, elementos fundamentais para a construção da geograficidade do ser e, numa outra escala, pelo conjunto dos grupos sociais, compreender as diversas formas de habitar cada lugar num sentido existencial.

Holzer (1993) afirma que a Geografia Humanista se apresenta de diferentes formas, possui suas origens na Geografia Histórica e Cultural Tradicional, destacando o papel de Sauer como precursor do culturalismo. A Geografia Humanista, nessa proposição constituiu-se, após um período de renovação nos anos pós 1970, com a inserção de bases filosóficas fenomenológicas e existencialistas e a centralização na subjetividade das ações humanas.

Entretanto, Holzer aparta a Geografia Humanista da Geografia Comportamental praticada por alguns autores da década de 1960. Ambas trabalhavam com questões referentes à percepção ambiental, porém os autores desta última *“visavam à incorporação de aspectos subjetivos à geografia analítica, buscando maior consistência metodológica para uma geografia aplicada”* (HOLZER, 1993, p.139); enquanto os humanistas estavam preocupados com a construção de uma nova epistemologia para a Geografia, incorporando questionamentos de outras áreas científicas. Como pioneiros dos estudos na Geografia Humanista são citados por Holzer (1993) David Lowenthal e Yi-Fu Tuan.

Por outro viés, Capel (1981) apresenta a Geografia Humanista como proveniente da Geografia da Percepção ou do Comportamento – vertente inserida no neopositivismo, porém objetivando criticar os modelos de localização espacial

das atividades humanas propostas pela Geografia Quantitativa – concepção que se apossou de enfoques filosóficos e recuperou abordagens historicistas relacionadas à Geografia Tradicional.

Gomes (2000), em “Geografia e Modernidade”, salienta alguns pontos em comum utilizados pela disciplina que foram retomados do Humanismo renascentista, ao qual salienta-se à *visão antropocêntrica do saber* que demarca a subjetividade como relevante devido à atribuição de valores e significados pertinentes a uma produção científica que combate o materialismo e parte de uma análise das particularidades, sem a pretensão de generalizações.

Ao longo do tempo, as diversas áreas científicas, especialmente as ciências humanas, na busca de compreender e interpretar o mundo e as coisas, evoluíram, e continuam evoluindo, no compasso das transformações sociopolíticas, econômicas, culturais e espaciais ocorridas no cenário mundial. Simultaneamente, os paradigmas estabeleceram seus princípios teóricos, organizaram conceitos em níveis de relevância e priorizaram determinados valores e atitudes, para explicar cientificamente as mudanças da realidade e seus desdobramentos. Neste processo, diferentes paradigmas coexistiram durante certos períodos e não foram raras às vezes em que se postulou a articulação de paradigmas “incompatíveis” ou complementares.

Ressalta-se aqui que a corrente humanista não objetivava, em absoluto, negar ou desvincular as perspectivas científicas sobre o homem, mas sim propunha trabalhar sobre elas (TUAN, 1985, p. 144), fazendo entender que não era mais possível aceitar que fossem desconsideradas as experiências do indivíduo ou do grupo, visto que estas considerações permitem melhor compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares de vivência.

É a conformação destas experiências que irá resultar para cada indivíduo e/ou para cada grupo humano, a formação de sua visão do mundo, que se expressa através das suas atitudes e valores para com o quadro ambiental. Estas experiências representam reflexo direto na forma com que as transformações deste ambiente serão conduzidas. Assim, os geógrafos humanísticos argumentam que sua abordagem merece o rotulo de humanística, pois estudam os aspectos do homem

que são mais distintamente humanos: significações, valores, metas e propósitos (Entrikin, 1976 apud CHRISTOFOLETTI, 1985, p. 22).

Em virtude das proposições de humanização da geografia, a geografia humanística acabou por receber diversas críticas que tentaram desacreditá-la. Buttimer acrescenta que alguns estudiosos chegaram a afirmar que *uma investigação tão ambiciosa pertence somente ao poeta, ao filósofo ou ao místico* (BUTTIMER, 1985, p. 166).

A Geografia Humanística procura valorizar a experiência individual do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares.

1.5 CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA À GEOGRAFIA HUMANISTA

“Eu não sou o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu “psiquismo”, eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, da psicologia ou da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido...”. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 03).

A introdução da fenomenologia na Geografia pressupõe uma abordagem do espaço que considera a percepção do sujeito como integrante e em permanente interação. Assim, o mundo vivido e a subjetividade tornam-se fatores importantes para compreensão do espaço nos estudos geográficos.

O aporte teórico-conceitual também utilizado como base para essa discussão é o da fenomenologia. De acordo com Holzer (1997) esta proposta filosófica não era muito usual na geografia, e quem mais a tinha discutido eram os geógrafos humanistas.

A fenomenologia surgiu no início do século XXI, na Alemanha, por Edmundo Husserl, que recebeu influências do pensamento de Platão, Descartes e Brentano. Entre os pensadores que sofreram a influência do pensamento husserliano, podem-se destacar: Martin Heidegger, Alfred Schutz, Jean Paul Sartre, Maurice Merleau-

Ponty. Além da Europa teve repercussão nos Estados Unidos e na atualidade, existe em todos os continentes. (Silva, et al, 2008, p. 254).

Já na visão de Serpa a fenomenologia foi trazida pela primeira vez, como uma nova forma de abordagem do conhecimento, pelo filósofo alemão Edmund Husserl no início do século XX, o qual, através de sua obra *Meditações Cartesianas* lança as bases de uma fenomenologia transcendental. Seguindo os passos de Husserl, o autor Merleau Ponty, em sua obra *Fenomenologia da Percepção* aborda o espaço antropológico como sendo lugar de experiência de uma relação com o mundo de um ser essencialmente situado em relação com o meio. Outra importante contribuição à pesquisa fenomenológica foi Gaston Bachelard que em sua obra *A poética do espaço* (1998) cria uma “Fenomenologia da imaginação”, a qual estuda o fenômeno da imagem que emerge na consciência humana como produto do coração, da alma, do ser do homem. Tuan foi fortemente influenciado pelas ideias de Bachelard para propor uma Geografia baseada no conceito de topofilia⁴ (SERPA, 2001).

A fenomenologia é uma filosofia que busca fundamentar, em novas exigências, as condições da ciência. Pretende conhecer onde o saber científico de uma ciência concreta ou empírica ganha apoio, tendo como ponto de partida os dados imediatos da consciência, a raiz de que se alimenta. Por isso seu estilo é voltado para o interrogativo, o radicalismo e o inacabamento essencial existente no fenômeno.

Esse método filosófico desvela a cotidianidade do mundo do ser onde a experiência se passa, transparece na descrição de suas vivências. A fenomenologia é uma orientação do pensamento europeu, a qual submeteu a concepção positivista a uma crítica radical do que se apresenta ao ser (Silva, et al, 2008, p. 254).

O termo fenomenologia significa estudo dos fenômenos, daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado, buscando explorá-lo. A própria coisa que se percebe, em que se pensa, de que se fala, tanto sobre o laço que une o fenômeno

⁴ A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente natural. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (Tuan, 1980, p. 107).

com o ser de que é fenômeno, como sobre o laço que o une com o Eu para quem é fenômeno. (Silva, et al, 2008, p. 255).

Tal abordagem filosófica identifica-se por assegurar o sentido dado ao fenômeno. Vai mostrar que o mundo é o fenômeno, o que se mostra, embora precise ser desvelado. Busca chegar ao fenômeno, desvelar o sentido deste que se mostra, para chegar àquilo que a coisa é. (Silva, et al, 2008, p. 256).

Nesse sentido, a fenomenologia proporciona o saber-compreensão, que se fundamenta no rigor, pois procura valorizar o ser na sua singularidade, uma vez que se preocupa com o que se repete, com o que se manifesta. A contribuição da fenomenologia está presente, através da nova abordagem, na renovação dos métodos e no encaminhamento dos problemas nas ciências humanas, de forma notável nas ciências sociais como a psicologia, a psiquiatria, a biologia e na reorientação dos estudos de teologia, antropologia filosófica, filosofia da história, filosofia da linguagem, lógica e estética. (Silva, et al, 2008, p. 256).

Valorizar o ser passa pelo rigor científico desta abordagem, fundamentado nas características do existir. A fenomenologia tem a preocupação em explicar as estruturas em que a experiência se verifica, descrevendo-as em suas estruturas universais. (Meirelles, 2008, p. 110).

Para Rezende (1990, p. 29), “a fenomenologia não é um discurso da evidência, mas das verdades em todas as suas manifestações”.

Por ser a fenomenologia uma “*filosofia e um método*,” como enfatiza Moraes (1993), nos permite chegar à compreensão dos fenômenos que se deixam ver, que se tornam visíveis, diferenciando-se de uma ciência que estuda as coisas como objeto. É preciso olhar para o vivido tal como ele se apresenta e como ele é vivenciado.

Comiotto (1992) corrobora ao dizer que:

“A fenomenologia só é acessível a um método fenomenológico e, sendo um método, a fenomenologia quer atingir o fenômeno através de uma visão categorial e assim poder captar sua essência” (p.176).

A fenomenologia parte do irrefletido e leva o ser humano a pensar sobre fatos que envolvem o cotidiano da sua vida, ao fazê-lo internaliza esta reflexão, que

assumida pela pessoa vai modificando-a e transformando-a. Os valores, os conceitos, as certezas passam a ser questionados a partir da própria existência.

Na revisão teórica que nos propomos a desenvolver, discorreremos sobre a perspectiva fenomenológica na Geografia, enfatizando os conceitos por nós utilizados na compreensão da realidade vivenciada pelos sujeitos da pesquisa.

Os pressupostos fenomenológicos segundo BUTTIMER (1982) propõem para o estudo da geografia a análise dos espaços humanizados enquanto regiões culturais, domínios étnicos, territoriais, etc; espaços diferenciados segundo as disposições subjetivas dos homens-habitantes. Para a autora, os pressupostos apelaram por descrições mais concretas tanto do espaço e do tempo quanto de suas significações no dia a dia da vida humana.

Sobre a fenomenologia, entende-se como uma alternativa de reflexão em relação à construção do conhecimento. Nesta abordagem, o espaço geográfico é tratado como o espaço social e dos horizontes sociais da experiência humana, os quais se manifestam nos processos de interação social e organização desse espaço.

Holzer (1997) comenta que eles procuram uma concepção de *mundo* que seja diversa da cartesiana e positivista que tem dominado a ciência nos últimos séculos. Sua pretensão é de relacionar de uma maneira holística o homem e seu ambiente ou, mais genericamente o sujeito e o objeto, fazendo uma ciência fenomenológica que extraia das *essências* a sua matéria prima. É sob esta perspectiva que serão encaminhadas as reflexões contidas neste texto.

Antes de tudo cabe dizer que a fenomenologia e a geografia tem, em planos diferentes, objetivos convergentes: o de estudar a constituição do mundo.

Como a fenomenologia se propõe a efetuar este estudo? Ela procura levantar as experiências concretas do homem e encontrar nestas experiências uma orientação que não as limite a uma simples sucessão. Ela não se atém a estudar as experiências do conhecimento, ou da vida, tais como se apresentam na história. Sua tarefa é de: "analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos, o sentido do fenômeno global que se chama mundo" (DARTIGUES, 1973, p. 30).

O projeto da fenomenologia é de reaproximar as ciências de nossas vidas, ações e projetos, a partir das experiências ante-predicativas (anteriores aos conceitos e aos juízos), ou seja, relativas à percepção do mundo e de seus objetos enquanto fundamentos dos conceitos.

A fenomenologia é o estudo das essências, dos fenômenos, como se apresentam à consciência. Merleau-Ponty (1971) considera uma filosofia que recoloca as essências na existência, onde a intencionalidade, “*deixa de ser a propriedade da consciência, para ser característica de um sujeito voltado ao mundo*” (Comiotto, 1992, p.179). Fenomenologia se define como a ciência das essências e não dos fatos.

Um problema que se coloca quando nos direcionamos para a fenomenologia é que não podemos nos restringir às denominações positivistas para as diversas ciências. A classificação cartesiana baseia-se em quantidades e métodos empíricos de mensuração. A ciência das essências se refere à existência humana e a nossa experiência do mundo.

A partir da década de 1950, principalmente, vários autores desenvolveram pesquisas na perspectiva fenomenológica na Geografia, contribuindo no desenvolvimento de uma abordagem que ultrapassa modelos teóricos de apreensão da realidade que partem de uma visão racional e cientificista. Esta perspectiva preocupa-se de imediato com a realidade vivida por cada indivíduo em seu cotidiano.

NOGUEIRA (2004) já discorria sobre tal fato quando diz:

O homem com suas experiências pessoais do lugar, com suas emoções em relação a ele, com suas experiências agradáveis e desagradáveis dele, foi pensado pela Geografia, mas logo sufocado pelas críticas de que seria uma análise subjetiva e individual do mundo, e à ciência não interessaria. (NOGUEIRA, 2004, p. 210).

A geografia buscou entender o lugar não apenas como localização, mas como fenômeno experienciado por homens que nele vive.

Sauer tratava a Geografia na perspectiva fenomenológica ao colocar que:

“Toda ciência pode ser encarada como fenomenologia [...]. Todo o campo do conhecimento é caracterizado pela sua preocupação explícita com um certo grupo de fenômenos que ele se dedica a identificar e ordenar de acordo com suas relações” (SAUER, 1998, p. 13).

Desta maneira, pode-se afirmar que a contribuição do pensamento fenomenológico se define como *um modo filosófico de reflexão a respeito da experiência consciente e uma tentativa para explicar isso em termos de significado e significância* (BUTTIMER, 1985, p. 170).

O método fenomenológico, conforme Masini (1989) apresenta consistência e legitimidade em estudos científicos que enfatizam a experiência vivida do homem e sua significação, principalmente, quando não é possível explicá-la por uma relação de causa e efeito, reduzindo-a, a normas, princípios, definições ou conceitos previamente estabelecidos.

Mais adiante Masini (1989) esclarece que:

O método fenomenológico trata de desentranhar o fenômeno, pô-lo a descoberto. Desvendar o fenômeno além da aparência. Exatamente porque os fenômenos não estão evidentes de imediato e com regularidade faz-se necessário à fenomenologia. O método fenomenológico não se limita a uma descrição passiva. É simultaneamente tarefa de interpretação (tarefa da hermenêutica) que consiste em pôr a descoberto os sentidos menos aparentes, os que o fenômeno tem de mais fundamental. (MASINI, 1989: 63).

Optamos por trabalhar a abordagem fenomenológica existencialista no entendimento do ser humano (moradores do bairro do Abial) e de suas relações espaciais. Pode-se dizer que essa linha de pensamento abriu novas possibilidades para o pensamento geográfico acerca da compreensão da sociedade atual, no sentido de encontrar respostas para a construção de valores e atitudes e para confrontar novos desafios que se impõem diariamente.

Se buscarmos compreender os fenômenos humanos, principalmente aqueles relacionados com as sensações individuais, muitas vezes ficamos órfãos das ciências e suas explicações quantitativas e teóricas.

Diante de tal fala, recordo-me do exame de qualificação, onde foi argumentado que os objetivos deste trabalho possuem caráter muito subjetivos, e que não são tão fáceis de serem alcançados.

Assim, logo de início percebe-se a complexidade envolvida nesse entendimento, mesmo porque, não é possível extrair uma realidade universal dos fatos, devido à subjetividade da vida humana e as diferentes formas de sensações envolvidas nos experimentos de tal maneira que é impossível obter, através de

experimentos cartesianos clássicos, explicações das relações humanas. Dessa forma, entendemos que a ciência tradicional dificilmente nos traz respostas satisfatórias aos comportamentos e sentimentos do homem com seu espaço.

Buscamos analisar as relações mais sutis ao comportamento dos moradores do bairro do Abial com seu espaço, recorrendo a uma ciência ao qual entendemos que nos ajudou a responder as questões mais subjetivas possíveis, ou pelo menos, nos aproximar delas. Essa ciência é a fenomenologia. Na acepção sobre a fenomenologia, pontuou Tuan:

Ou medimos e mapeamos o espaço e o lugar, e adquirimos leis espaciais e inventários de recursos através de nossos esforços. Estas são abordagens importantes, porém precisam ser completadas por dados experienciais que possamos coletar e interpretar com fidedignidade, porque nós mesmos somos humanos. Temos o privilégio de acesso a estados de espírito, pensamentos e sentimentos. Temos a visão do interior dos fatos humanos, uma asserção que não podemos fazer a respeito de outros tipos de fatos. (TUAN, 1983, p. 5).

Todo homem, tem uma maneira particular de pensar e processar as informações que o cercam. Portanto a maneira de representar o seu mundo diferencia-se do seu vizinho. O ser humano não apenas observa e percebe os fenômenos do espaço, mas também cria uma rede complexa de significados para esses fenômenos. (SPOSITO, 2004, p. 74).

Tal capacidade de pensamento e processamento foi possível notar por meio desse estudo, tendo em vista a reflexão feita pelos próprios moradores do bairro do Abial, levando-se também em consideração o fato de o mesmo estar separado do restante da cidade.

Como parte do processo de compreensão, fizemos uso da fenomenologia como forma de melhor compreendermos aquilo que talvez com outro método não fosse possível.

Neste sentido, a fenomenologia pode ser aqui entendida como uma proposta de aceitação de diversos outros elementos na construção do conhecimento, que não apenas aqueles provenientes de observações empíricas:

A fenomenologia preocupa-se em analisar os aspectos essenciais dos objetos da consciência, através da supressão de todos os preconceitos que um indivíduo possa ter sobre a natureza dos objetos, como os provenientes das perspectivas científicas, naturalista e do senso comum. Preocupando-se em verificar a apreensão das essências, pela percepção e intuição das pessoas, a fenomenologia utiliza como fundamental a experiência vivida e

adquirida pelo indivíduo. Desta maneira, contrapõe-se as observações de base empírica, pois não se interessa pelo objeto nem pelo sujeito. “A fenomenologia não é uma ciência de objetos, nem uma ciência do sujeito: ela é uma ciência da experiência”. (*Edie, 1962, citado in Entrikin, 1976. (CHRISTOFOLETTI, 1985, p. 22).*

O nível de análise da fenomenologia é altamente abstrato, pois ele pode estar associado com “fenômenos observáveis, da realidade, como também de ideias, conceitos, teorias, etc...”, e resultante da atividade observacional, sem querer encontrar regras absolutas ou definitivas.

Mais adiante, SPOSITO (p. 35) define a fenomenologia como,

Corrente filosófica fundada por Edmund Husserl, visando estabelecer um método de fundamentação da ciência e da desconstituição da filosofia como ciência rigorosa. O projeto fenomenológico se define como uma “volta as coisas mesmas”, isto é, aos fenômenos, aquilo que aparece a consciência, que se dá como seu objeto intencional. O conceito de intencionalidade ocupa um lugar central na fenomenologia, definindo a própria consciência como intencional, como voltada para o mundo.

A partir da reflexão nas palavras de Sposito abordo sobre as contribuições de Tuan para esta pesquisa. Com base nas obras *Espaço e Lugar* (1983) e *Topofilia* (1980) foi analisada a percepção dos “problemas” a partir das ideias de atitudes e valores ambientais. Tuan, dialogando com a obra de Bachelard (2008), propõe que estes estudos sejam feitos considerando o sentimento de *topofilia*, o qual refere-se à afetividade humana para com um lugar.

Na obra *Topofilia* de Yi-fu Tuan, (primeira publicação em 1974, e editado no Brasil em 1980) são abordados os temas percepção, atitudes e valores associando-os às energias para a transformação do espaço. Já de acordo com Pereira e Fernandes (2011) na referida obra o que mais se destaca são as ligações afetivas evocadas pelo ambiente e que transformam um espaço em lugar – tomam importância os sentimentos sobre o lugar (*sense of place*), as relações entre a cultura e o ambiente natural, e o que o lugar pode simbolizar (WARF, 2006, p.234).

Nesta perspectiva, considerar o centro psicológico da motivação como lente através da qual a paisagem é percebida e concebida, significa também considerá-lo como agente transformador do espaço. Para o autor:

As imagens da topofilia são derivadas da realidade circundante. As pessoas atentam para aqueles aspectos do meio ambiente que lhes inspiram respeito ou lhes prometem sustento e satisfação no contexto das finalidades de suas vidas. As imagens mudam à medida que as pessoas adquirem

novos interesses e poder, mas continuam a surgir do meio ambiente. (TUAN, 1980, p.137).

Outras contribuições foram trazidas por Tuan para este estudo estão presentes no livro Espaço e Lugar (primeira publicação em 1977, com edição no Brasil em 1983), onde o autor analisa as diferentes maneiras como as pessoas sentem e conhecem o espaço e o lugar, relacionando as experiências humanas e as dinâmicas espaciais, ressaltando a influência que cultura e experiência exercem na interpretação do ambiente onde se encontram.

Conforme Pereira e Fernandes (2011)

Tuan procura teorizar sobre o sentir e pensar o espaço – perspectivas da experiência humana. O autor demonstra como o antropocentrismo do lugar, constantemente reforçado através das experiências cotidianas, conflita não só existencialmente, mas também epistemologicamente com o rarefeito conceito espaço. Tuan expõe a constante relação dialética entre homem e lugar – em que este seria uma construção puramente humana – visto que objeto (espaço-ambiente) se revelaria sujeito (lugar) e que os significados decorrentes dessa ligação conduziram as ações humanas. Sendo a natureza do lugar e do espaço relativa, variaria de acordo com a experiência ambiental em seus muitos matizes: cultural, social e histórico.

Ao analisar estas questões Tuan fornece o suporte teórico para buscar a compreensão entre os sentimentos humanos, o espaço e a paisagem, abordagem extremamente relevante para a compreensão da percepção dos moradores do bairro do Abial.

1.6 O LUGAR E A EXPERIÊNCIA VIVIDA

O lugar está atrelado, na história do pensamento geográfico, principalmente a duas tradições: a geografia idiográfica de Hartshorne, num primeiro momento, e à Geografia Humanista, três décadas depois. Controvertida e em muitos sentidos pouco entendida, a geografia como diferenciação de áreas de Hartshorne foi pouco continuada, apesar de ter produzido intensos debates e frutos variados. No entanto, no que tange ao uso e à importância da categoria e do conceito de lugar, o grande mérito pela sua promoção é da Geografia Humanista.

Historicamente, poderíamos localizar a década de 1970 como o momento do resgate do conceito. Na verdade, a nova ênfase no lugar se confunde com a efervescência humanista, principalmente através do resgate da base

fenomenológica na pesquisa geográfica. O lugar torna-se, junto com a paisagem, o conceito-chave da renovação da Geografia Humanista (e posteriormente da Geografia Cultural também).

De acordo com Nogueira (2002) o lugar é parte essencial da identidade, como sujeitos.

[...] a Geografia poderia antes de trazer uma caracterização acabada do lugar, procurar investigar e interpretar o saber que cada um traz e que é adquirido na relação de vida com o lugar. Como bem salientou Eric Dardel “para o homem, a realidade geográfica é primeiramente o lugar em que estão, os lugares de sua infância, o ambiente que lhe chama sua presença” [...] Esse lugar está sendo compreendido por nós para além de seus aspectos físicos e geométricos, aqui compreendido como lugar da vida (NOGUEIRA, 2002).

Entre as diversas obras que marcaram este processo, a tese de doutorado de Edward Relph, publicada como livro em 1976 na Inglaterra, merece destaque. *Place and placelessness* é fundamental não apenas para esta nova leitura do lugar a partir da fenomenologia, mas também para as leituras contemporâneas do próprio processo de produção de imagens, representações e renovações urbanas (RELPH, 1976).

O lugar é produto das percepções internas e das relações de alteridade no espaço, respectivamente as subjetividades e as intersubjetividades (TUAN, 1983). É mais que o mero sentido geográfico de localização, refere-se às tipologias de experiências e ao envolvimento com o mundo, além das raízes e segurança necessários (RELPH, 1976; TUAN, 1983; MELLO, 1990; BUTTIMER 1985).

Dentre as conceituações desta categoria, faz-se necessário mencionar a citação que Nogueira faz de Tuan quando este afirma:

Lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação... O lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, com conjunto ‘especial’ que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e as aspirações das pessoas. O lugar não é um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. (TUAN, apud NOGUEIRA, 2004, p. 227).

Como vimos, o espaço percebido e concebido passa a ser um lugar, e considerando-se o lugar como foco de identidade, é possível perceber que diante da complexidade das relações estabelecidas, da interação socioespacial, os lugares

podem adquirir identidades comuns e podem estabelecer associações com outros lugares, criando aquilo que Bossé chama de identidades múltiplas. Nas palavras do autor:

(...) A interação socioespacial com outros lugares - que nem sempre está limitada à oposição ou ao contraste – participa da construção da identidade local. Por ela são reconhecidas as identidades múltiplas do lugar, que não variam apenas em função das diversas consciências sociais presentes em seu interior, mas também segundo as diversas interpretações e orientações espaciais que essas consciências atribuem às relações voltadas para o exterior e ao seu impacto local. (BOSSÉ in: CORRÊA; ROSENDAHL, 2004, p. 172).

Os homens são seres sensíveis: o espaço onde eles evoluem não lhes parece jamais neutro. Eles moram nele: eles têm aí um domicílio, uma casa, um apartamento, ou uma tenda, um trailer rebocado (Collignon e Staszak, 2004, apud Claval, 2010).

A Topofilia, termo apresentado por Gaston Bachelard e amplamente estudado por Yi-Fu Tuan, para designar o sentimento de afinidade em relação a um determinado lugar pode ser utilizado para descrever esta situação. Sendo o “seu bairro” o espaço em que as pessoas estabelecem suas vivências e relações cotidianas, o sentimento de topofilia faz com que diante de um entrevistador o morador tenda a destacar os aspectos positivos deste lugar em detrimento aos negativos, exaltando e valorizando este lugar. (ALMEIDA, 2010, p. 130).

Os geógrafos humanistas insistem que o lugar é o lar, podendo ser a casa, a rua, o bairro, a cidade ou a nação. Enfim qualquer ponto de referência e identidade. Para o capitalista, o espaço é uma mercadoria destinada ao lucro, um meio de apropriação e controle. Para o homem comum, o espaço é transformado em lugar, nas experiências cotidianas e é carregado de valores simbólicos.

Mas deve-se considerar também que para que esta empatia, este sentimento de pertencimento e afeição pelo lugar se desenvolva, é necessário que o mesmo ofereça a aqueles que o vivenciam elementos que façam surgir e que alimentem tais sentimentalidades. Portanto, por mais que haja subjetividade na topofilia, a mesma de alguma forma nos revela qualidades reais de um lugar.

O enraizamento necessário para que uma parcela do espaço se torne um lugar, transmite a ideia de tempo. Para que o lugar seja vivenciado, humanizado, é preciso tempo. Sendo assim, o lugar, dificilmente é concebido por meio de uma

ligeira passagem por ele. É fundamental que ocorra um longo tempo, possibilitando que o contato do indivíduo com o meio que o cerca possa ter um denso envolvimento. Assim o lugar, apresenta uma estabilidade, propiciada pelo enraizamento necessário para considerar tal área como lugar (TUAN, 1983; RELPH, 1976).

A experiência do mundo-lugar está ligada a forma como se percebe o mundo. A experiência aqui ressaltada é a dos homens que as vivem, as que são resultados do envolvimento dele com o mundo (NOGUEIRA, 2001), o espaço está carregado de significados, de valores, para uns o lugar expressa um sentimento de pertencimento, para outros de repulsão, cada homem tem uma experiência singular com o mundo, com o lugar.

Além do tempo, o lugar apresenta intencionalidade, interesses pré-determinados pelos indivíduos que estabelecem relação de afeição com ele. Logo, o lugar é uma criação dos seres humanos com finalidades para o homem (TUAN, 1983). Apesar de considerar a dimensão objetiva do lugar, a perspectiva humanística focaliza muito mais as abstrações da mente do que as materialidades existentes no mundo como as relações de produção. Destarte, as maneiras de os sujeitos agirem neste espaço, bem como os fatores econômicos também fazem parte deste sistema que compõe o lugar (LEFEBVRE, 1974; COSGROVE, 1978).

Quando o espaço se torna lugar

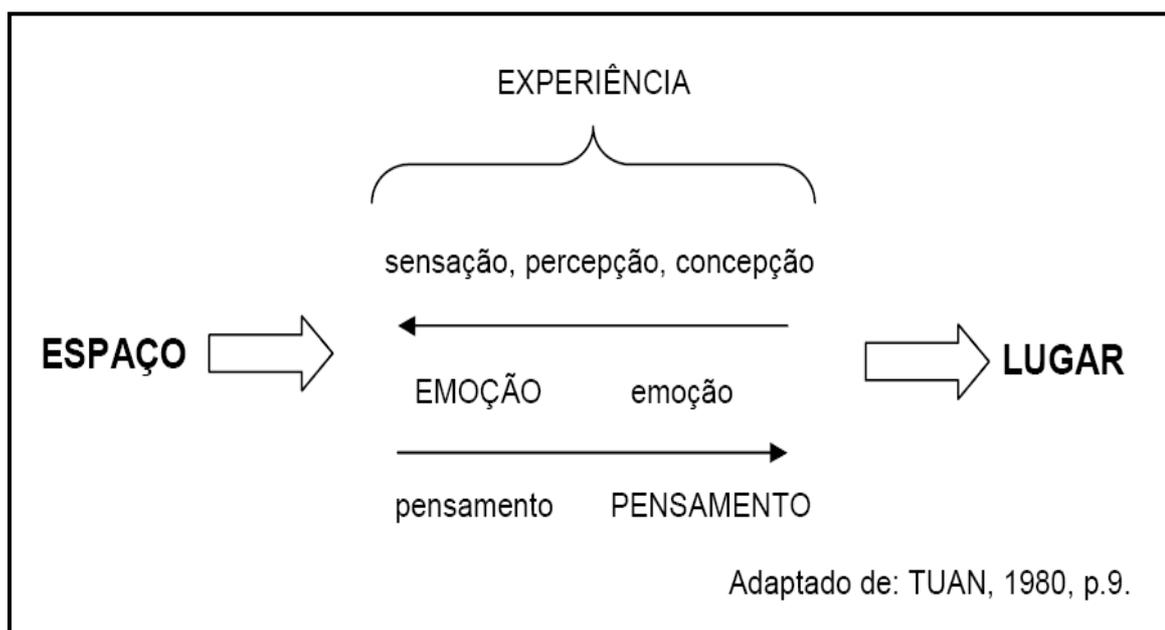


Figura 01: Esquema representativo de quando o espaço se torna lugar.
Adaptado de: TUAN, 1980, Pp. 9.

O esquema acima é uma adaptação do proposto por Tuan (1980) onde o autor explica que ao viver uma dada situação, ao viver uma experiência, esta dota o indivíduo de capacidade de apreender os elementos que compõe o espaço, a paisagem, as dinâmicas, os agentes, todos são dotados de significados que geram uma construção mental, um olhar, uma percepção/concepção, da realidade. Assim, “experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele”. (TUAN, 1980, p.10).

A abordagem do bairro, considerando-o como espaço vivido, deve ressaltar seu caráter como “lugar”, e neste sentido cabe aqui adotarmos os trabalhos de Yi-Fu Tuan.

O espaço vivido é a experiência de vida concreta que cada pessoa tem do lugar onde vive, frequenta e mantêm relações sociais, pois, “o espaço vivido está relacionado com o espaço percebido, e ambos são fases do espaço mental, produzido, portanto, a partir de uma experiência vivida e percebida ao longo do tempo e do espaço”. (NOGUEIRA, 1994, p.62). O espaço percebido é construído e reconstruído no dia a dia, num movimento ao mesmo tempo individual e coletivo, pois as experiências ocorrem individualmente e também coletivamente.

No campo das vivências, das experiências cotidianas Tuan apresenta “Experiência” como um “termo que abrange as diferentes maneiras das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (TUAN, 1980, p.9). Desta forma, vivenciar um determinado fenômeno envolve experienciar de maneira direta, através dos sentidos, da percepção, e de maneira indireta, através dos símbolos e representações que este nos remete. Acerca das relações espaciais estabelecidas com base no campo dos perceptos e das representações, é importante compreender como estes parâmetros nos conduzem a um olhar fenomenológico sobre os conceitos de espaço e lugar. Para Tuan:

Na experiência, o significado do espaço frequentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. (...) A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice e versa. Além disso, se pensarmos o espaço como algo que permite movimento, o lugar é pausa. (TUAN, 1980, p.6).

Diante destas ideias, compreende-se que o espaço, seja uma casa, uma rua, um bairro, ou a própria cidade, uma vez experienciado, é dotado de símbolos, signos

e significados que permite desenvolver um conhecimento sobre este, um sentimento de familiaridade. Neste momento, o espaço se torna um lugar.

Priorizar o bairro como recorte espacial para estudos de geografia urbana significa, sobretudo, tratá-lo como lugar da experiência e da ação, como espaço vivido e sentido. Entender o bairro como “lugar” implica em vê-lo como um sistema de relações singular, já que o lugar é mais que a soma de objetos ou uma localização (RELPH, 1979) e exprime a experiência e o envolvimento com o mundo; o lugar é sempre identitário, relacional e histórico (AUGÉ, 1994); ele é existência, fonte de autoconhecimento e responsabilidade social (SERPA, 2007, p.11).

O bairro do Abial será tratado por nós como um lugar de existência, onde seus moradores possuem uma ligação afetiva, construída a partir da experiência adquirida ao longo de muitos anos.



Figura 02: Crianças que moram no bairro do Abial tomando banho nas águas do Lago de Tefé.

Fonte: Raimundo Nonato. Pesquisa de Campo, 2010.

É um hábito comum entre os moradores tomarem banho nos rios ou nos lagos da região.

CAPÍTULO II

O BAIRRO DO ABIAL: UM CONTINENTE ABIÁTICO?

Neste capítulo foram feitas abordagens sobre alguns conceitos de bairro, tendo em vista esta pesquisa ter sido realizada no bairro do Abial, inclusive pelo fato de alguns moradores do próprio bairro às vezes não terem/verem o Abial como bairro pertencente à cidade de Tefé, mesmo a prefeitura reconhecendo-o como tal. Outro ponto abordado foi sobre o histórico do município de Tefé, fazendo-se também levantamentos sobre a origem do bairro do Abial como forma de ampliar a compreensão deste estudo.

2.1 O BAIRRO NA GEOGRAFIA: UMA REVISÃO CONCEITUAL

O surgimento e desenvolvimento das cidades na história das sociedades humanas foi sempre marcado pela apropriação do espaço. Sejam pessoas, firmas ou instituições, cada um destes agentes deixa suas marcas, conferindo-lhe aspectos e multiplicidades que refletem a forma como estes se relacionam com as cidades e com o espaço urbano de maneira mais ampla.

O bairro, na maior parte das cidades, é um elemento que faz parte da sua organicidade de forma tão expressiva, que seus aspectos, dinâmicas e relações são atraentes para uma gama de ciências, de modo que o conceito deste assume diversas faces a depender do foco sob o qual está sendo analisado.

Confrontar os diferentes conceitos e leituras de bairro, por diferentes ciências tais como Arquitetura, Sociologia, História e Geografia seria um estudo bastante interessante, como também de certa forma, exaustivo. Contudo, nesta pesquisa, o estudo sobre o bairro será feito essencialmente, sob a perspectiva da Geografia, sobretudo a partir das definições adotadas pelos autores que compõe o referencial teórico-metodológico-conceitual desta pesquisa.

Yi-fu Tuan esforça-se para diferenciar o conceito de bairro do planejador do conceito de bairro que consideramos, o primeiro evoca em nossa mente formas geométricas simples e tem como função nos oferecer um quadro de referência para organizar a cidade em subáreas manejáveis, o segundo alude ao campo do espaço vivido, pois a extensão percebida no primeiro não corresponde, muitas vezes, à rede de contatos amistosos presentes no segundo. Essa discussão nos serve de alerta para apreendermos o quanto o conceito de bairro é complexo. Assim, afirma Tuan:

Uma cidade é frequentemente conhecida em dois níveis: um de grande abstração e outro de experiência específica. “Em um pólo a cidade é um símbolo ou uma imagem pelo qual podemos nos orientar, no outro, é o bairro intimamente experienciado” (Yi-fi Tuan: 1980; 259).

Já para Marlene Teixeira e Rosa Maria Machado (1986):

Bairro se define ou se individualiza por três elementos: Paisagem urbana, Conteúdo Social e Função. A paisagem urbana está refletida no tipo, no estilo e idade das construções, no traçado de suas ruas etc.; o conteúdo social é referente ao modo e ao padrão de vida de sua população; a função é a atividade básica que o bairro desempenha dentro do organismo urbano, isto é, função residencial, comercial ou administrativa, para a qual desenvolve um determinado equipamento funcional.

Pode-se dizer que o bairro é uma das várias partes em que se divide uma cidade, que serve de orientação para os seus diversos moradores. Contudo, é preciso frisar que um bairro ultrapassa a noção de uma área delimitada, não se caracterizando apenas como uma feição físico-administrativa com um determinado número de habitantes.

Para uma maior abordagem sobre o conceito de bairro na Geografia, é imprescindível citar o geógrafo Marcelo Lopes de Souza, que no artigo *O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política*, publicado em 1989 na Revista Brasileira de Geografia, se debruça sobre o estudo do bairro como conceito e recorte. Neste texto, é apontada a escassez de trabalhos com este enfoque na Geografia:

Na Geografia, a discussão teórica sobre o bairro tem sido tradicionalmente superficial, não faltaram, é certo, alusões aos bairros nas grandes obras de sistematização teórica em Geografia Urbana, bem como nos estudos de caso de um (ou mais) bairro(s) era(m) objeto de atenção. Todavia, a constituição e os interesses da geografia clássica enquanto “ciência da ponte homem/meio” impediram a construção de um ambiente intelectual favorável ao estudo do bairro num nível de aprofundamento satisfatório quanto à natureza e ao papel social dessa realidade. A Geografia clássica ficava satisfeita em poder estabelecer, partindo do senso comum, do “bairro” como uma noção popular dada “a priori” ao pesquisador, a natureza da individualidade, da “alma singular” de um determinado bairro, enfatizando a relação do meio físico (sítio) com a ocupação humana. (SOUZA, 1989, p. 141-142).

De acordo com Souza (1989) o bairro é um resultado simultâneo de uma realidade objetiva e subjetiva-intersubjetiva, sendo que estas se interpenetram, estabelecendo entre si uma dialética. O autor reconhece ainda que o “bairro pertence àquela categoria de pedaços da realidade social’ que possuem uma

identidade mais ou menos inconfundível para todo um coletivo” (SOUZA, 1989, p. 149).

De fato, o bairro está presente em diversos trabalhos na Geografia, principalmente na Urbana. O conceito de bairro, “a priori” a qual Souza se refere, é em parte fruto da organicidade deste no espaço urbano, ou seja, da sua presença imanente que lhe confere tão facilmente reconhecimento pelo senso comum, e em parte fruto da própria práxis da abordagem positivista, para quem os fenômenos culturais, quando presentes, apresentavam importância secundária, como mero pano de fundo para a realidade concreta. Desta forma, pode-se entender que na Geografia Clássica, tradicionalmente predomina o bairro sítio, espaço físico, tratado como palco inanimado da realidade a qual se pretende.

Diferente da Geografia Clássica, a chamada Geografia Crítica, associada a uma abordagem marxista, o bairro vem sendo tradicionalmente considerado como unidade urbana resultante das relações de produção e das contradições impostas pelo modo de produção capitalista, como é possível observar na citação abaixo:

O bairro, como unidade urbana ou meio residencial específico, não tem, para os marxistas, sua individualidade sustentada por uma relação de tipo ecológico entre um grupo e seu Espaço. Rejeita-se, portanto, a ideia da formação de uma “área natural” (ou “área social”, na pena propriamente culturalista), espacialização de uma cultura analisável individualmente porque internaliza diferenciadamente, comparativamente a outros bairros, as determinações globais de modo de produção, internalização diferenciada essa que é historicamente mutável e comandada pela própria lógica do modo de produção em sua exigência de divisão espacial do trabalho, em seu corolário de segregação socioespacial, etc. (SOUZA, 1989, p. 147).

Sob a perspectiva marxista o bairro perde seu conteúdo cultural e afetivo, que também responde pela resistência sendo reduzido a um mero palco/reflexo das do sistema capitalista, conduzindo a uma dicotomia bairro sem conflito/conflito sem bairro. (SOUZA, 1989).

Já para (LYNCH, 2006),

Bairros são as regiões médias ou grandes de uma cidade, concebidos como dotados de extensão bidimensional. O observador neles “penetra” mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam. Sempre identificáveis a partir do lado interno, são também usados para referência externa quando vistos de fora. (LYNCH, 2006, p.52)

Ou ainda,

Os bairros são áreas relativamente grandes da cidade, nas quais o observador pode penetrar mentalmente e que possuem algumas características em comum. Podem ser reconhecidos internamente, às vezes usados como referências externas – como, por exemplo, quando uma pessoa passa por eles ou os atravessa. (LYNCH, 2006, p.74).



Figura 03: Vista do bairro do Abial, ao fundo. Foto tirada do bairro de Santo Antonio, que fica no outro lado da cidade de Tefé.
Fonte: Raimundo Nonato. Pesquisa de campo, 2010.



Figura 04: Bairro do Abial, julho de 2010.
Fonte: Raimundo Nonato. Pesquisa de campo, 2010.

Uma cidade é um conjunto de bairros, cada um com fisionomia própria, resultante da sua função, de seus habitantes e de sua idade. Todos os bairros, mais ou menos integrados entre si, formam a cidade.

Nos respaldamos no conceito de Tuan, bem como o de Marcelo Lopes de Souza, para quem:

Um olhar fenomenológico sobre a constituição dos bairros evidencia que o bairro corresponde a uma certa parcela da cidade que, por força das relações sociais, constitui para o indivíduo um espaço vivido e sentido. (...) É certo que um fragmento urbano, por mais que encerre unidade de composição material e social, se não despertar o menor afeto, a menor empatia, ou simplesmente como referencial para o dia-a-dia, não é um bairro, mas tão somente, uma parcela da cidade singularizável por este ou aquele critério. (SOUZA, 1989, p. 149).

Tanto a dimensão subjetiva e intersubjetiva, quanto à objetiva, constituem o bairro. Logo, o bairro é parte do espaço socialmente construído por sujeitos que estabelecem com ele relações experienciais e de cotidianidade, isto é, sua dimensão subjetiva e intersubjetiva.

É nos bairros que se encontram as maiores resistências à diluição e fragmentação do espaço vivido, aquele humanizado, repleto de relações experienciais e de cotidianidade (SOUZA, 1989).

Tais conceitos fazem-se necessários em virtude das distintas visões de bairro tidas por diferentes autores, por isso houve uma tentativa de conceituarmos para uma melhor compreensão do tema.

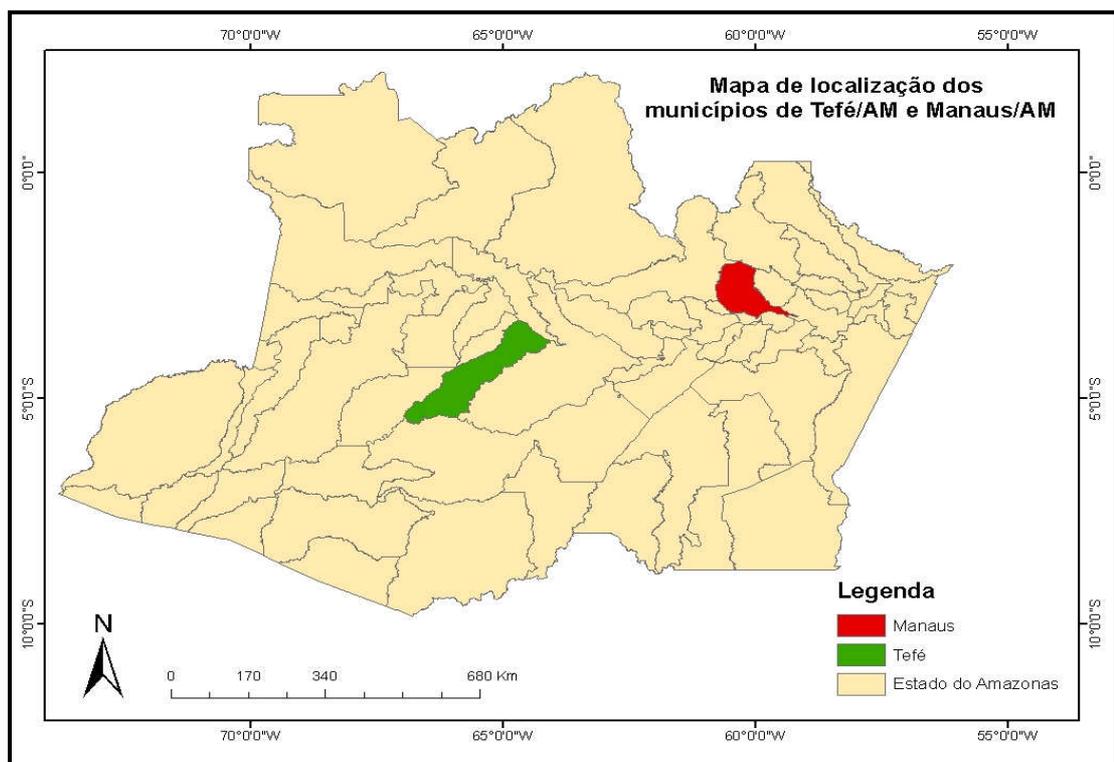
Apesar dos bairros serem pontos das cidades, muitas vezes possuem características que desfocam da cidade onde está inserido, mas não se pode entendê-los sem compreender a cidade onde está encravado, daí termos que contextualizar um pouco da dinâmica da cidade. Neste caso, conheceremos um pouco mais sobre Tefé.

2.2 TEFÉ: BREVE RELATO DE SUA HISTÓRIA

Aos meus leitores que irão estranhar esse luxo arquitetônico, devo esclarecer que Ega-Tefé não é uma cidade qualquer. (Paul Marcoy, p. 107, 2001).

De acordo com Augusto Cabrolié de Souza⁵ *o município de Tefé é um dos mais antigos do Estado do Amazonas, foi fundado entre 1686 e 1688, pelo famoso austríaco Padre Samuel Fritz, que trabalhou no município a serviço da Espanha (1989, p. 14).*

Localiza-se no estado do Amazonas, especificamente na mesorregião de nº. 03, centro-amazonense e na microrregião de nº. 005, microrregião de Tefé. Possui código municipal de nº. 0420, classificado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), sendo um dos municípios mais centrais do Estado. (Mapa 1).



Mapa 01: Mapa de Localização dos municípios de Tefé e Manaus no Estado do Amazonas.
Fonte: Laboratório de cartografia da UFAM, 2012.

O nome Tefé é originário, segundo historiadores, do Tapi ou Tapé, derivação de uma extinta tribo de índios Tupébas ou Tapibas e que desta grafia – Tapi ou Tapé surgiu o nome Tefé (RIBEIRO, 1996).

Mas, de acordo com Octaviano Mello (1967, p. 124),

A Aldeia de Tefé ao ser elevada a Vila, em 1759, recebeu o título de EGA, que é também uma vila portuguesa. A significação da palavra EGA era desconhecida e nem se sabia de onde se havia originado. **Ega** significa

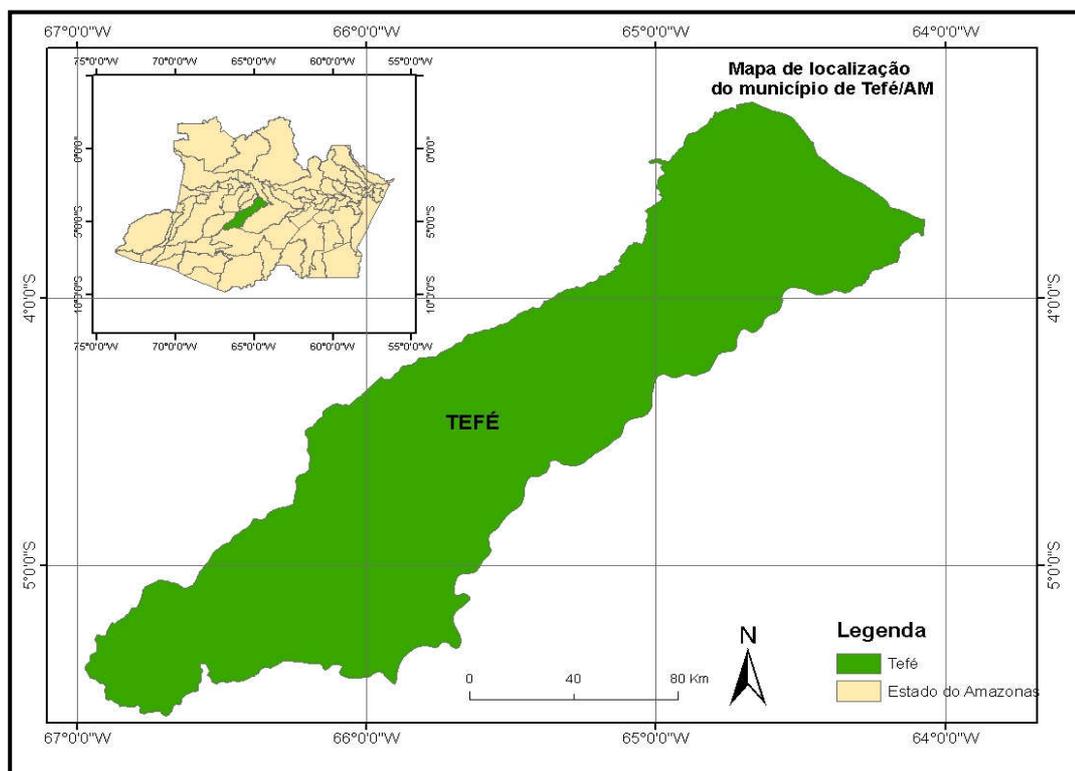
⁵ É um dos historiadores mais conhecidos sobre a história de Tefé.

“Terra da Promissão”. O nome predominante da cidade foi sempre **Tefé**. Esta palavra tem sido escrita de diferentes maneiras, talvez obedecendo à má audição; porém, são meras alterações. Assim temos lido: Tapé, Tapi, Tapy, Tefte, Tefé, Tephe, Tepé, Tepi e Tipi, que é a verdadeira palavra nheengatu, de onde vem Tefé, significando, **profundo**.

Dista da capital Manaus 516km em linha reta e 672km por via fluvial. Ressalta-se aqui que as únicas formas de se chegar a Manaus (capital do estado) ou é por via aérea ou fluvial, tendo em vista que não há nenhuma estrada que ligue o município a capital do estado ou mesmo a outros municípios do estado.

Tefé é um dos municípios mais centrais do Amazonas. Localiza-se geograficamente entre as coordenadas de 03° 15' 39" a 05° 34' 22" de latitude sul e 64° 04' 12" a 68° 58' 32" de longitude oeste, possuindo um extensão territorial de aproximadamente, 23.704km², estando sua sede municipal, com o mesmo nome, assentada na margem direita da foz represada do rio Tefé, que deságua no lago de Tefé, limitando sua porção oeste, noroeste e norte (SILVA, 2009).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), censo 2010, a população total do Município de Tefé corresponde a 61.453 habitantes, dos quais 50.069 se encontram na zona urbana (cidade) e 11.384 na zona rural (interior). Os municípios que se limitam com Tefé são: Coari, Tapauá, Carauari, Uarini, Alvarães e Marãã, conforme figura abaixo.



Mapa 02: Mapa do município de Tefé/AM.
Fonte: Laboratório de cartografia da UFAM, 2012.

Dentre os rios que compõem a hidrografia do município, destaca-se o rio Tefé, o Rio Curumitá de baixo, o Rio Curumitá de cima, o Rio Arabauá, o Rio Caiambé e parte do Rio Solimões. Além desses rios, o município possui o lago de Tefé, em frente à cidade, o Lago de Caiambé, Lago do Merinim e o Lago de Catuá.

De acordo com Pessoa (2005), a cidade de Tefé/AM, possuía 19 (dezenove) bairros, dentre eles, o bairro do Abial, foco principal desta pesquisa. Pode-se dizer que há novos bairros, mas não oficializados.

Como pode ser visto por meio da figura abaixo, Tefé em 1950 não apresentava organização territorial delimitada por bairros, observa-se apenas o nome de algumas ruas iniciais, constando também o nome do principal lago da cidade, o Lago de Tefé. Observa-se na parte sudoeste da referida figura o nome Ponta do Abial, em alusão ao início daquilo que mais tarde se tornaria bairro.

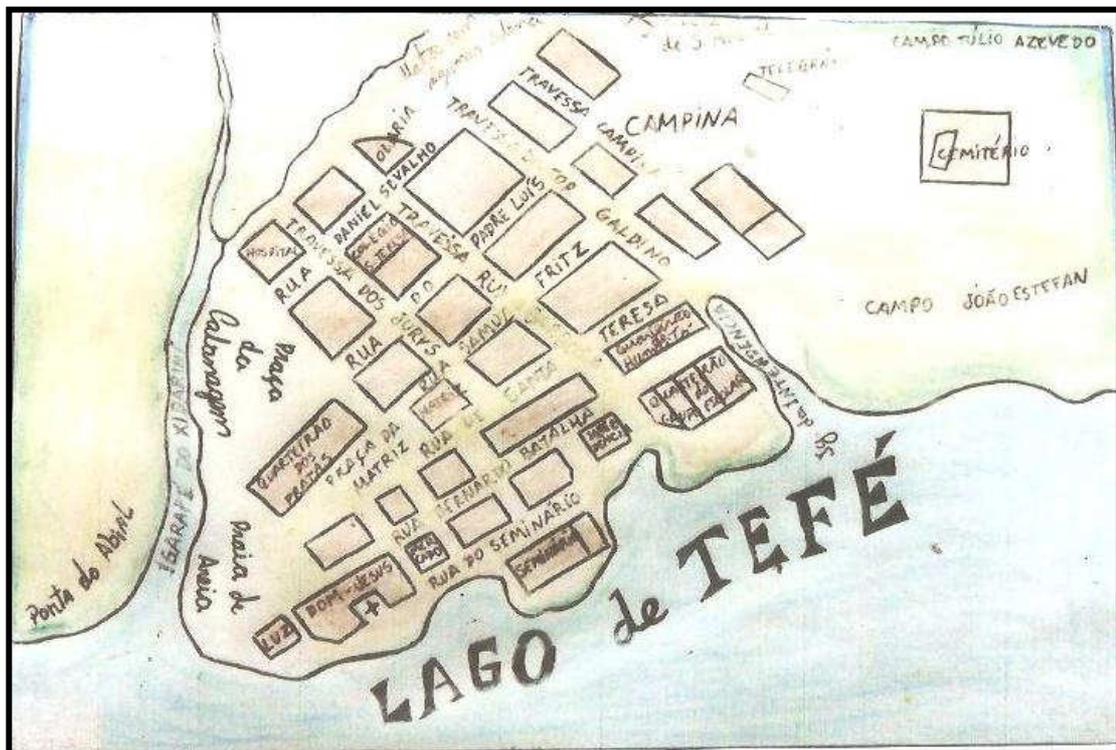


Figura 05: Planta da cidade de Tefé em 1950.
Fonte: Pessoa, 2005, p. 78.

Mas, como podemos observar por meio da figura abaixo, a cidade de Tefé já alcançou uma evolução significativa em relação a 1950 (comparar figura 05, anterior, e figura 06, posterior).

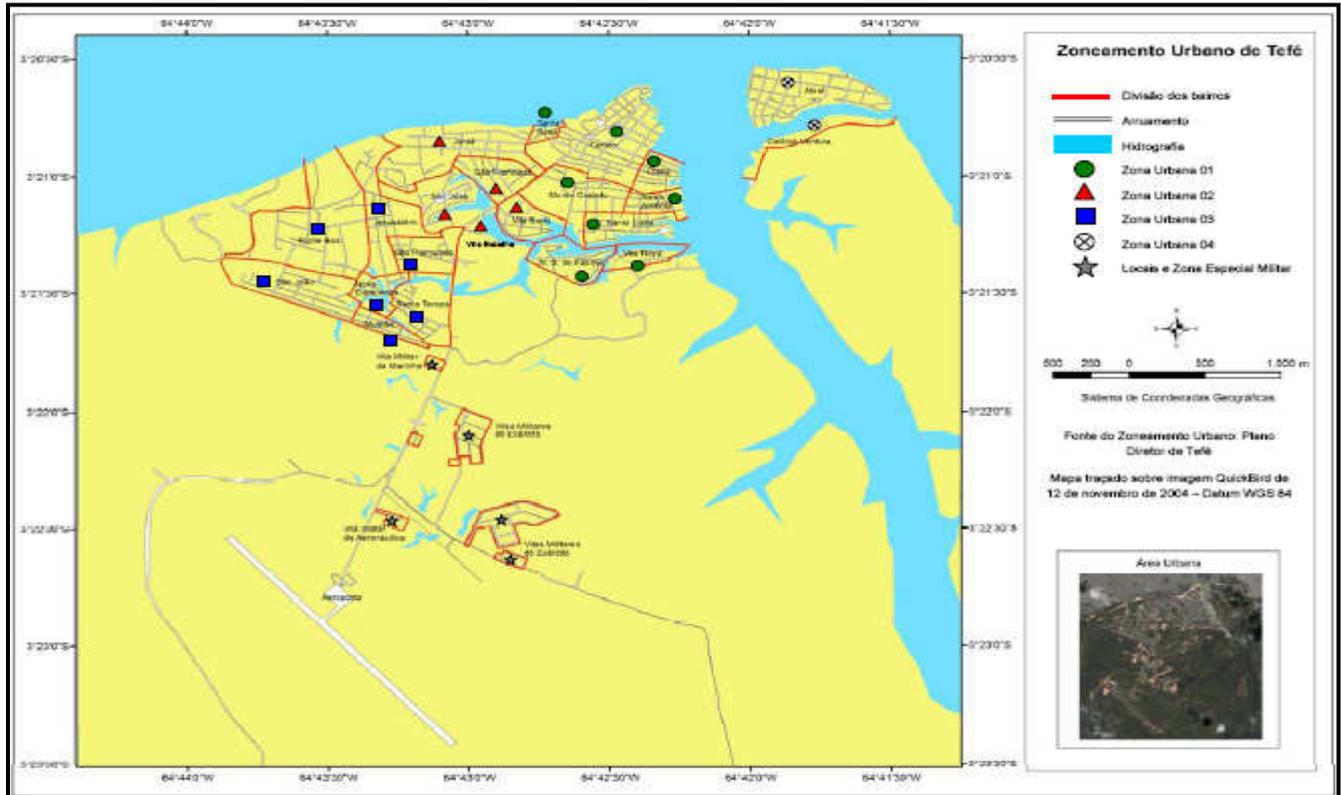


Figura 06: Planta da cidade de Tefé por zonas.

Fonte: Silva, 2009, p. 38.

A cidade de Tefé é dividida em vinte e dois bairros considerados tradicionais, conforme o Plano Diretor do Município (TEFÉ, 2006). Além dos bairros de Tefé, constam as vilas militares do Exército, Marinha e Aeronáutica (TEFÉ, 2006, p. 37), que também fazem parte da área urbana do município na chamada “Locais e Zona Especial Militar”.

Zona Urbana	Bairros
ZU 1	Centro, Santa Rosa, Olaria, Monte Castelo, Santo Antonio, Santa Luzia, Nossa Senhora de Fátima e Vila Nova.
ZU 2	Juruá, São Francisco, São José, Vila Batalha, Vila Buriti.
ZU 3	Fonte Boa, Jerusalém, São Raimundo, São João, Nova Esperança, Mutirão, Santa Teresa.
ZU 4	Abial e Colônia Ventura.

Tabela 01: Zonas urbanas e seus respectivos bairros.

Fonte: Adaptado de Silva, 2009.

Adaptado por Raimundo Nonato.

Quatro desses bairros estão separados da cidade por cursos d'água: Abial e Colônia Ventura (a leste do Centro) e os bairros de Nossa Senhora de Fátima e Vila Nova (ao Sul do Centro).

Segundo Pessoa (2005), a ocupação da terra do município de Tefé está intimamente ligada à catequese, realizada tanto por missionários jesuítas, como os carmelitas, funcionários pagos pelos governos da Espanha ou Portugal. Em 1688, quando o Padre Samuel Fritz, ardoroso defensor dos interesses da Espanha na Amazônia, organizou as missões entre os povos indígenas na Amazônia, fundou uma aldeia a qual deu o nome de Missão de Santa Teresa D'Avila dos Axiuaris, na barra do Rio Tapi, no lugar Tambaqui-Paratu, atual Vila Valente, na foz do Rio Tapi.

Pela Carta Régia, de 21 de dezembro de 1686, Portugal criou o Regimento das Missões. Pelo regimento competia ao missionário à administração, controle da Missão, o recrutamento da mão-de-obra, os descimentos, guerras justas, resgates e agarrações. A Missão de Santa Teresa D'Dávila dos Axiuaris foi transferida por Frei André da Costa, missionário português, em 15 de outubro de 1718, para a aldeia dos índios Tupebas, a qual deu o nome de Missão de Santa Teresa D'Ávila dos Tupebas ou Tapibás.

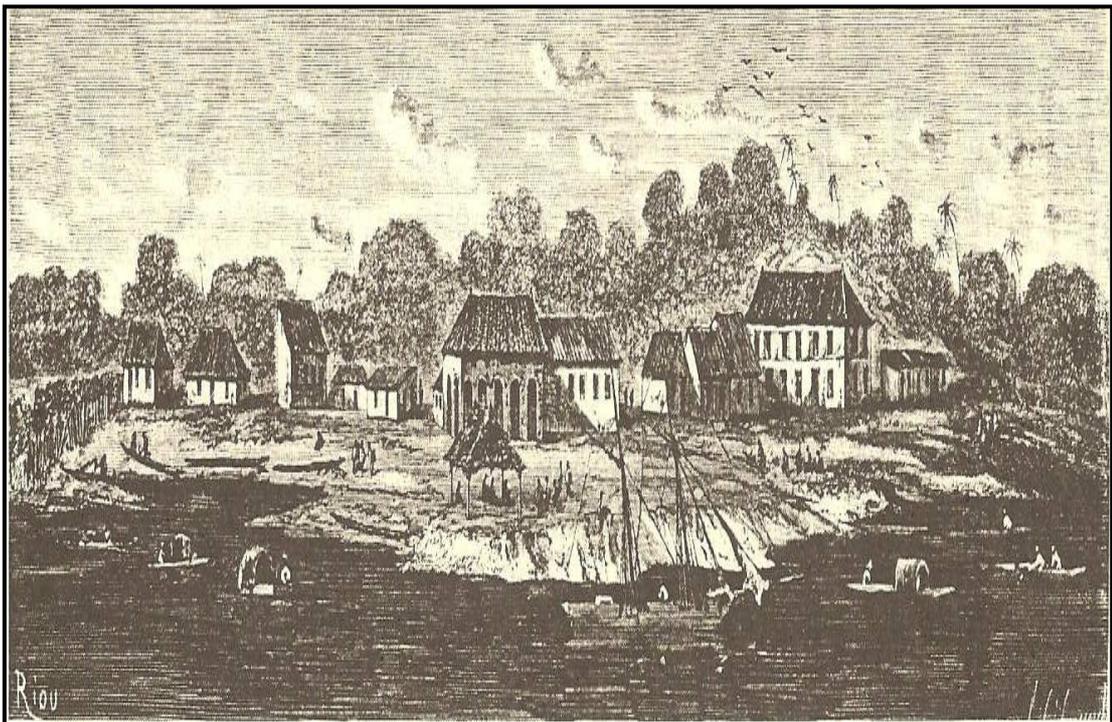


Figura 07: A Vila de Ega ou Tefé.

Fonte: Extraído do Livro Viagem pelo Rio Amazonas de Paul Marcoy, p. 108, 2001.

Em 1759, com apenas 41 anos de fundação pelo Frei André, a Missão de Santa Teresa D'Ávila dos Tupebas foi elevada a **Vila**, pela Carta Régia de 06 e 07 de maio de 1755, com o nome de **Ega**. O missionário na época, frei José de Santa

Teresa Ribeiro, que era o administrador, passou a ser apenas vigário da Vila. Continuou como autoridade, mas nos assuntos de moral e catequese. Segundo Pessoa (2005), na ocasião da elevação de Vila, tinha apenas três ruas, uma que acompanhava o lago e duas transversais. Nessa época, “Ega era uma vila pobre com uma população descendente de índios e brancos [...]” (PESSOA, 2005, p. 27). (Ver figura 07).

O território do município sofreu sete desmembramentos até o ano de 1981. No início possuía 500.000km². Todos os municípios do Alto Solimões se formaram desmembrados do município de Tefé. Apesar destes diversos desmembramentos, Tefé ainda é um município com uma área territorial de 23.704 km² e uma densidade demográfica de três habitantes por km², densidade maior que do estado do Amazonas (dois hab./km²). O município de Tefé ocupa 1,5% da área territorial do estado.

A história de Tefé foi duplamente rodeada por um leque de acontecimentos oriundos de duas potências mundiais: Portugal e Espanha. Esta última, a quem pertencia legitimamente à região, através do Tratado de Tordesilhas de 1494, iniciou suas primeiras viagens missionárias por volta do século XVII, com destaque inicial para o austríaco Samuel Fritz, fundador das primeiras missões no Alto, Médio e Baixo Solimões.

Segundo Reis (2006, p.133), entrando em setembro de 1689, em contato com os Omáguas, Jurimáguas, Cuchivaros e outras gentes indígenas à margem do Solimões (...) reuniu-os, fundando missões (...) E entre elas, as que, mais tarde, sob o domínio português, seriam as vilas de Fonte-Boa, Coari, Tefé e São Paulo de Olivença”.

Vale salientar que o padre Samuel Fritz foi enviado pelas autoridades Espanholas com a intenção de catequizar os índios e também garantir a posse das terras conquistadas. De Napo, no Peru, ao Rio Negro, fundou várias missões que com o passar dos anos se transformaram em grandes cidades, como no caso Tefé.

A posse da terra no período colonial, tornou-se para os dois países uma questão de honra. Disputaram com todas as armas disponíveis, tanto humanas como materiais no novo mundo.

Consoante Jobim (1972, p. 12) menciona o resultado trágico das disputas, confirmando através de seus relatos a veracidade dos trabalhos de Fritz, posteriormente concretizada por Frei André da Costa, com a fundação definitiva da missão no local em que se encontra atualmente a cidade de Tefé:

Tefé foi primitivamente uma das seis missões instituídas pelo Jesuíta Samuel Fritz, a qual em 1709 se empreendeu na furiosa devastação exercitada pelo padre João Batista Sana. O missionário Carmelita Frei André da Costa que então tinha uma missão na ilha dos veados, trasladou-se para a tapera da aldeia de Tefé, tendo por orago Santa Teresa, reunindo as relíquias dispersas das missões destruídas e que foram fundadas antes de 1689. Fritz foi um dos maiores propugnadores dos interesses territoriais da Espanha no Amazonas, e neste sentido criou vários estabelecimentos de catequese dos índios, escreveu alguns trabalhos e deixou o mapa da região.

A suposta devastação realizada na região ocasionou na mudança imediata da localização da missão por Frei André da Costa, devido o terror deixado pela guerra. O remanescente acompanhou o carmelita rio acima e se alojaram no local onde hoje está situada a cidade de Tefé. Frei André escolheu o local por concluir que este proporcionava melhor proteção e investida contra os invasores.

Os carmelitas, logo após a devastação, substituíram Samuel Fritz na missão. Vieram com o intuito de organizá-la, segundo relata Reis (2006, p.125-126) “Jesuítas e Carmelitas não se podem, porém igualar aos Carmelitas. (...) No Solimões, tomaram conta das missões deixadas pelos missionários espanhóis de Samuel Fritz e João Sana, restaurando-as e alterando-lhes a situação por locais apropriados”.

Como pode-se perceber, Tefé em seus primórdios foi muito disputada territorialmente pelas duas Coroas. Dentro desse contexto, várias tribos e etnias foram desarticuladas culturalmente. Todos esses entraves foram praticados por homens que achavam simplesmente que o índio era bicho selvagem, sem alma nem valor, portanto digno de sofrimento.

Em relação à desarticulação de várias tribos e etnias Jobim (1934, p 30), comenta que

Os Índios eram muito maltratados pelos aventureiros que andavam a cata das drogas do sertão, e pelos negociadores de escravos. Obrigavam-os a remar, colher productos naturaes, virar tartarugas nas praias e pescar⁶.

⁶ Ressalta-se aqui que as palavras “erradas” nesta citação estão de acordo com as escritas no livro do autor, por isso não foram feitas alterações, assim como também na citação seguinte.

Mais adiante o mesmo autor assinala que

Os índios, ou fossem comprados aos parceiros, ou arrebatados, eram tratados com o mesmo desprezo e brutalidade. Lançados ao fundo de uma canoa, aonde muitas vezes era também arrastado, “depois de entregue a presa”, o proprio vendedor, e amarrados, descia a frota lúgubre o rio. Expostos durante um e dois mezes de cobertura, ao sol e a chuva, imóveis, agonisavam os tristes. De manhã passava-se revista aos barcos, separavam-se os mortos, que eram lançados ao rio (p. 31).

Segundo Pessoa (2005, p.21) “os remanescentes índios Tupebas que habitavam o lugar e que permaneceram ali após o conflito, deram apoio a Frei André da Costa, que subiu o Rio Tapi e fundou definitivamente a Missão com o nome de Santa Teresa D’Ávila dos Tupebas, nome dado em homenagem à tribo indígena dona da terra nessa ocasião, fato que ocorreu no dia 15 de outubro de 1718”.

Ressalta-se ainda que os Tupebas muito contribuíram no processo de conquista, tornando-se personagens de essencial importância na história tefeense. Hoje essa tribo desapareceu, mas sua participação foi definitiva na concretização da conquista Portuguesa no município.

A febre de perseguições que se alastraram na região, realizada pelos exploradores, ocasionaram uma série de consequências aos indígenas. Várias tribos fugiam de vários locais, movimentando-se em busca de proteção, ocasionando em muitos casos, no processo de povoamento. Com o passar do tempo e com a presença de brancos no local, ocorreu uma mistura de etnias, culminando numa miscigenação que deu origem ao povo Tefeense na atualidade, segundo afirma Jobim (1972, p. 27).

Teffé ao tempo da inauguração da Capitania de São José do Rio Negro em 1758, Tefé era um burgo pobre, acanhado, cuja população pela maior parte, compunha-se de índios ou de descendentes de índios”. Várias nações das muitas que habitavam o Solimões concorreram para a formação de seu povo, podendo-se destacar entre ellas pela plasticidade ao convívio, civilizado, as dos Jurys, dos Coretos, dos Sorimões, dos Uaiupis, dos Coerunas, dos Ambuás, dos Achouaris, dos Jumas, dos Cirús, dos Çatuixis, dos Marianás, dos Cunibas e tantas outras que faltam os escriptores.⁷

Vários fatores contribuíram para o povoamento do local, pois se sabe que com a chegada dos europeus na região, os índios foram forçados a trabalhar de forma desumana e cruel. Por muito deles não aguentar os sofrimentos a que eram

⁷ Ressalta-se aqui mais uma vez que optamos por deixar as palavras de acordo com a grafia do autor, conforme consta no livro.

submetidos, quando tinham a oportunidade, fugiam para dentro da mata em busca de refúgio. Por isso se explica o grande movimento espacial de tribos indígenas em vários locais da região, contribuindo para o povoamento de várias localidades.

2.3 TEFÉ E AS MUDANÇAS SOCIOECONÔMICAS ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX

As práticas econômicas de um povo se definem de forma diferenciada dependendo muito do ambiente onde se vive e dos recursos naturais que este oferece para a sobrevivência do ser humano.

Em Tefé, no final do ano de 1890, a economia era baseada na extração de borracha, castanha, produção de peixe seco, couro de porco do mato, pesca da tartaruga, agricultura, plantio de hortaliças, produtos colhidos na floresta. A pecuária já se encontrava evoluída, com a criação de gados, suínos, criados nas fazendas às margens do Solimões.

Também se criava aves domésticas, como galinhas, perus, e marrecos. A cana de açúcar era cultivada na terra firme em volta dos povoados e fazendas, onde se produziam o açúcar mascavo, mel, rapadura e aguardente, este último com engenho instalado na Comunidade do Caiambé. Todos esses produtos ajudavam na economia da população, outros, porém eram exportados para outros locais os quais formavam a base da economia do município.

Todo o trabalho realizado nessa região, contava com a ajuda dos índios que eram a peça fundamental no processo de manutenção do local, os quais trabalhavam incansavelmente, onde muitas vezes sofriam até necessidades, por não ter tempo de trabalhar para si mesmo e suas famílias.

De acordo com Pessoa (2005, p. 31),

“Os índios contribuíram para o desenvolvimento do município com mão-de-obra, na extração dos produtos naturais como salsaparrilha, o cravo, a baunilha, o cacau e castanha, produzindo manteiga de ovos de tartaruga, plantas medicinais e tantos outros da floresta, além de terem trabalhado nas fazendas”.

Neste mesmo período, ocorreu uma série de mudanças significativas no que tange a economia e desenvolvimento urbano, principalmente com a ascensão da borracha que trouxe para o município uma leva muito grande de migrantes e

imigrantes interessados em fazer fortuna na região. Como menciona Pessoa (2005, p. 65).

A imigração ocorreu, a partir de 1882, com a vinda de sírios, libaneses, judeus e portugueses, para a Amazônia e, particularmente para Tefé, visto que esta cidade era um entreposto comercial mais evoluído e avançado do Alto Solimões. Eles vinham do exterior para cá e daqui eram distribuídos para os rios Juruá, Solimões e Japurá. Muitos deles fixaram residência na cidade. (2003, p.65)

Tanto o estrangeiro quanto o brasileiro tiveram papel importante no seio da sociedade, pois contribuíram não só na formação da população, mas no desenvolvimento econômico de uma forma geral, principalmente os nordestinos, que deixaram como legado, seus costumes e tradições que permanecem no cotidiano dos Tefeenses na atualidade.

Em se tratando da questão social e aparência da cidade, Souza (1989, p.17) menciona “um fator crucial que acelerou o crescimento da cidade entre 1969- 1972 que foi o êxodo rural, ocasionado pelas constantes enchentes que fizeram (fazem) com que os ribeirinhos procurassem (procurem) a cidade em busca de uma vida melhor, o que resultou na criação de novos bairros no espaço urbano da cidade”.



Figura 08: Centro da cidade de Tefé.
Fonte: Raimundo Nonato. Pesquisa de campo, 2010.

Pessoa (2005, p. 59) menciona que em 1900, Tefé já possuía 17 quarteirões com quatro praças, 190 (cento e noventa) casas bem cuidadas, na maioria cobertas de telhas Marselha e de canal, com paredes de taipa pintadas de branco com tabatinga e leite de sorva. Na ocasião, a cidade já possuía um mercado pequeno, mas suficiente para atender a população, uma maçonaria, hospital, delegacia, colégio, seminário, e outros prédios, que foram construídos principalmente com a ajuda dos religiosos, que de forma essencial, atuaram em todos os setores da sociedade.

Vale salientar que Tefé já havia alcançado um crescimento significativo nesse período. Além do imenso comércio da borracha e da pesca do pirarucu havia também a extração da banha de peixe-boi, banha do boto tucuxi, manteiga de ovos de tartaruga, madeiras nobres efetuados pelos índios. Já existiam algumas olarias, várias casas de alvenaria, uma igreja, as pessoas criavam gado, plantavam cana e produziam açúcar, entre outros.

Nas palavras de Jobim (1937, p. 83),

A cultura geral do município hoje é de mandioca, milho, feijão, arroz, enfim todos os cereais, mas, em pequena escala, não chegando a produção para o consumo público. Ainda hoje Tefé importa farinha de mandioca, feijão, milho, arroz, assucar e o mais para atender as necessidades de sua população já crescida⁸ (JOBIM, 1937, p. 83).

Paul Marcoy já assinala que

Ega... era o maior centro do Solimões. Os seus habitantes, se não eram diligentes nos tratos da lavoura, entregavam-se a pescaria, ao fabrico da manteiga de tartarugas que lhes deixaram bons rendimentos (Marcoy, 2001, p. 107).

Pelo censo de 1980, o município de Tefé tinha três distritos, sendo Tefé (sede), Alvarães e Maraã. A população era de 30.743 habitantes, dos quais 15.806 na zona urbana e 14.935 na zona rural. Havia 28 seções e votaram 8.130 eleitores. (PESSOA, 2005, p.158).

Enfatiza-se, portanto que Tefé em seus primórdios passou por um lento processo de desenvolvimento urbano e econômico, mas que com o passar dos anos e com as mudanças ocorridas principalmente no setor econômico, através da extração da borracha e das diversas especiarias, vivenciou um período único de sua

⁸ Mais uma vez, em relação às palavras erradas, optamos por deixá-las de acordo com a grafia do autor.

história, com várias transformações que mudaram a face da cidade nessa época, processo que contou com a contribuição de um grande contingente humano vindo de outras cidades que direta ou indiretamente tiveram influência na formação urbano-social.

Assim a cidade de Tefé foi tomando forma de “moderna” constituindo-se nos lugares (bairros) habitados pelas populações que habitavam as margens dos rios Solimões e Tefé.



Figura 09: Avenida Brasília, bairro de Juruá.
Fonte: Raimundo Nonato. Pesquisa de campo, 2010.

2.4 O BAIRRO DO ABIAL – O CONTINENTE ABIÁTICO

Me apeguei ao bairro pela natureza, pela água, porque o Abial é uma ilha. Pela comunidade, pelo rio, por essa maravilha toda que tem aqui em Tefé. (Raimundo da Silva Nazaré, novembro de 2011).

De acordo o Jornal Pescadores de Notícias⁹ a história do bairro do Abial começa no ano de 1565, quando o comandante da expedição espanhola Afonso Alonso, veio explorar a Amazônia em busca do Eldorado¹⁰, mas encontrou a região habitada por índios de diversas etnias.

⁹ Edição de junho do ano 2009.

¹⁰ De acordo com o referido jornal, Eldorado era uma cidade cujas construções seriam todas feitas de ouro maciço e seus tesouros existiriam em quantidades inimagináveis.

Já de acordo com Pessoa¹¹ a primeira denominação recebida pelo referido lugar foi Ponta do Abial, depois passou a chamar-se Ilha do Abial, pois na cheia do rio o bairro do Abial transforma-se em uma ilha.

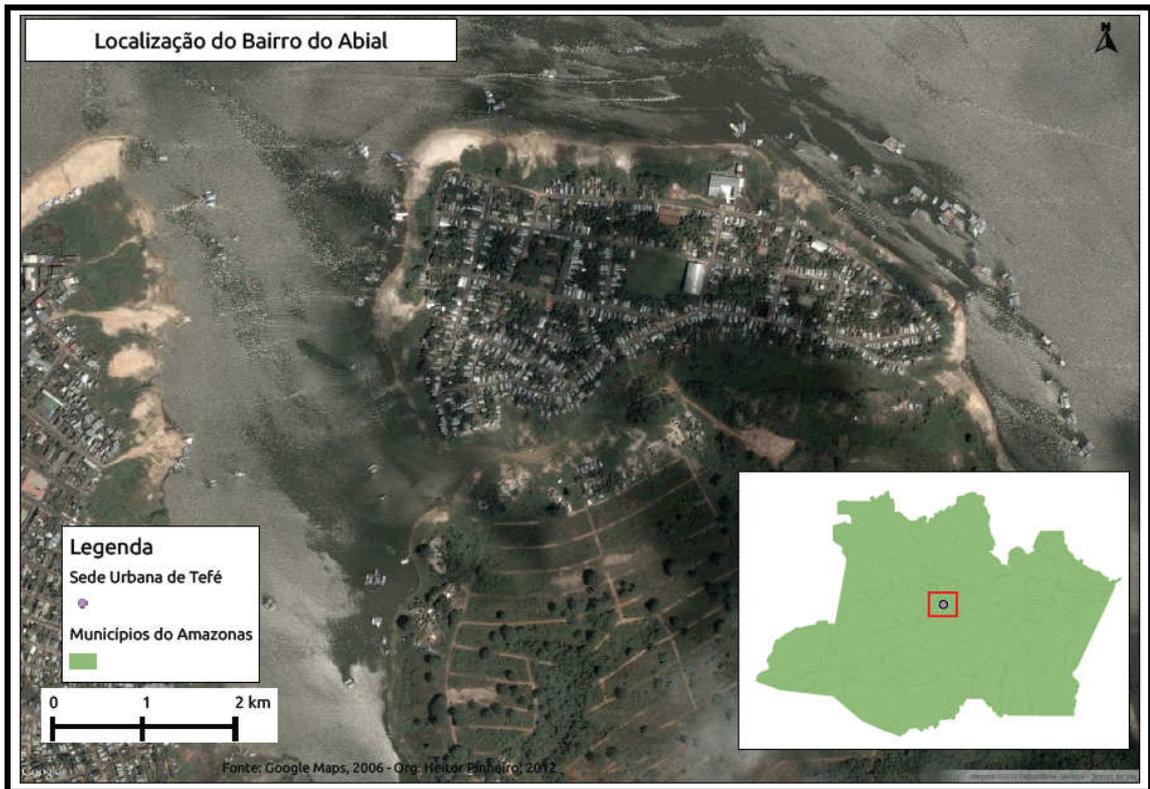


Figura 10: Bairro do Abial, imagem de satélite.
 Fonte: Google Maps, 2006.
 Organizador: Heitor Pinheiro, 2012.

O bairro do Abial localiza-se ao leste do centro da cidade de Tefé, é um dos maiores e mais populosos bairros da cidade, com uma população estimada em 4.989 (quatro mil e novecentos e oitenta e nove habitantes), distribuídos em aproximadamente 902 residências, havendo habitações com famílias extensas, sendo a média de 06 pessoas em cada uma delas. Por ser separado do centro dos demais bairros da cidade pelo Igarapé do Xidarini¹² e por se tornar uma grande ilha, rodeado de águas na época da enchente, ganhou um apelido de "Continente Abiático"¹³.

¹¹ Foi professor da rede pública municipal e atualmente trabalha como historiador na cidade de Tefé.

¹² Na língua indígena significa "piranhas pequenas".

¹³ Expressão utilizada referindo-se ao bairro do Abial e também àqueles que lá moram, como também pelo fato de o nome do bairro iniciar com a letra "A", fazendo também alusão ao continente asiático.



Figura 11: Zona Urbana do município de Tefé/AM.
Fonte: CPD - Universidade do Estado do Amazonas – CEST/UEA - 2011

A origem deste bairro remonta a história de antigos sítios de abius (*Pouteria caimito*), árvore frutífera da família Sapotaceae, nome de origem tupi-guarani que significa fruta com ponta, que com o passar do tempo foram sumindo da paisagem deste bairro. O processo de urbanização deu-se somente a partir de 1940, quando de fato o bairro passou a chamar-se Abial.

Pode-se notar por meio da figura 13 (ano de 1960) uma organização que já demonstra a formação de um bairro. Souza corrobora que o referido bairro “é de formação indígena e que na época da exploração portuguesa foram encontrados sítios com grandes quantidades de plantio de abiu¹⁴ e tucumã” (1989, p. 19).

O bairro do Abial assim como os demais bairros da cidade de Tefé, sofreu e ainda sofre com o crescimento desordenado. Atualmente este bairro é vítima de um verdadeiro aglomerado de casas que avançam para as áreas alagadiças, sendo possível observar nesse ambiente as palafitas, as quais são testemunha fiel da falta de políticas públicas voltadas para a habitação.

¹⁴ De acordo com o Dicionário Didático (2009) é uma árvore de grande porte, tronco áspero e copa densa, com folhas escuras e brilhantes, flores brancas ou esverdeadas, e cujo fruto é oval, de casca lisa e amarela, e com polpa comestível, branca ou amarelada, e adocicada.

Pode-se afirmar que a realidade social do bairro é percebida por muitos de seus moradores, o que de certo modo os tornam conscientes de que podem fazer algo para uma mudança significativa.

Outro fator notório bem verificado é o aglomerado de casas em lugares impróprios como as margens dos igarapés, e os impactos socioambientais provocados por este tipo de ocupação desprovida de qualquer infraestrutura é percebido. Um dos impactos perceptíveis é a grande quantidade de lixo depositada debaixo das casas e as margens do igarapé do Xidarini¹⁵, e os possíveis males que essa poluição causa as pessoas que moram nestes lugares.

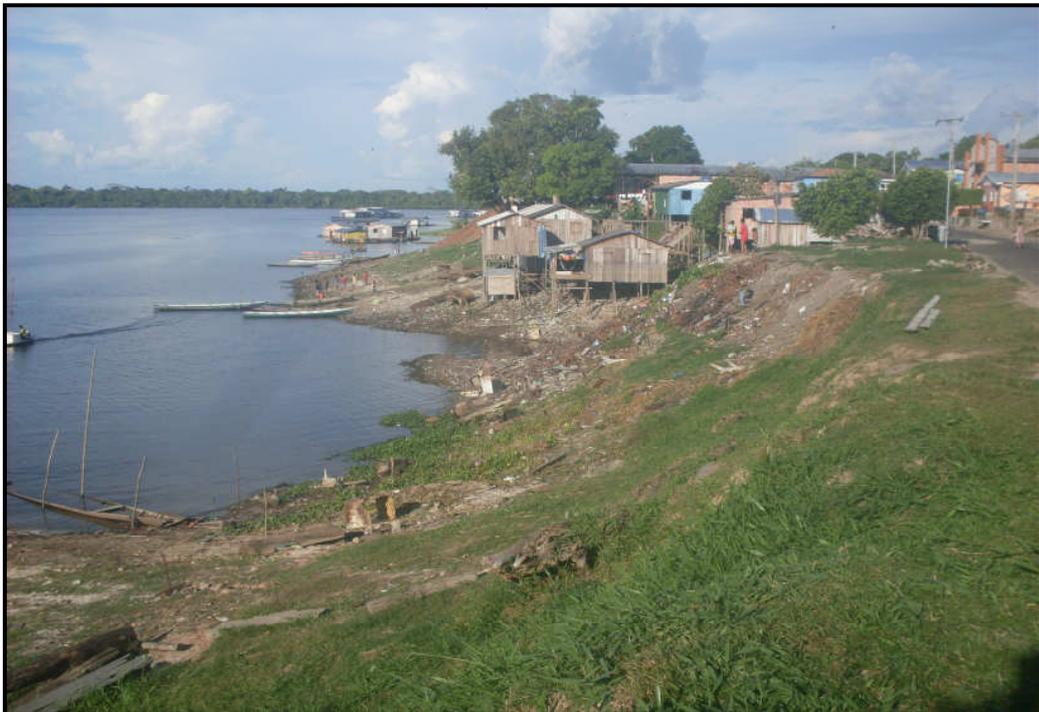


Figura 12: Orla do bairro do Abial – Rua Copacabana.
Fonte: Raimundo Nonato. Pesquisa de campo, 2010.

Os moradores do bairro do Abial quando precisam se deslocar ao outro lado da cidade (onde se encontram os outros bairros) se pronunciam de um modo que num primeiro momento parece estranho, ou mesmo, diferente. Por exemplo, quando vão ao outro lado da cidade alguns utilizam as seguintes expressões: “*eu vou para Tefé*”, outros dizem, “*eu vou à cidade*”. São expressões que permanecem até os dias atuais, e nos mostra como este bairro foi crescendo desarticulado dos outros bairros da cidade, ocupando sozinho uma ilha.

¹⁵Xidarini na língua indígena significa "piranhas pequenas".



Figura 13: Bairro do Abial (ao fundo) no início de sua formação - 1960.
Fonte: Protásio Lopes Pessoa, 2011.

A respeito disso, seu Expedito¹⁶ que foi um dos nossos entrevistados diz: *isso é o costume do povo. É o costume deles. Até eu mesmo falo isso.*

Já o Sr. Raimundo da Silva comenta: *Eu não sei explicar, pois quando eu cheguei aqui isso já existia.*

Dona Corina (uma das moradores mais antigas do bairro) já se posiciona da seguinte forma: *Isso aí eu não sei dizer. Pois se nós moramos num bairro que faz parte da cidade de Tefé nós temos é que dizer: eu vou lá no centro da cidade.*(se referindo ao outro lado ou aos outros bairros).

Analisando tais falas sobre as diferentes expressões utilizadas sobre o bairro em relação ao outro lado da cidade, pode-se notar que Dona Corina é uma das que tem um pensamento diferente em relação aos demais entrevistados, pois, sente-se uma moradora da cidade de Tefé, mesmo o bairro do Abial sendo um bairro afastado.

¹⁶Importante salientar que seu Expedito morava na cidade de Fonte Boa. Atualmente reside em um flutuante localizado no Lago de Tefé há três anos, e também utiliza a expressão “eu vou para Tefé”.

Todos os moradores do bairro do Abial tem de atravessar o Igarapé do Xidarini para poderem chegar ao outro lado da cidade e, assim, poderem trabalhar, estudar, fazer compras, dentre outras atividades do cotidiano, etc.

No período das cheias nota-se a preocupação dos moradores quanto à embarcação utilizada na travessia, pois são embarcações de pequeno porte, popularmente conhecida como catraia. Tais embarcações oferecem alguns riscos aos usuários, isso no caso de ocorrer algum temporal inesperado. Atualmente todos os usuários são obrigados a usar o colete salva-vidas, o que tem ajudado de modo significativo.

Essa “separação” existente entre o bairro do Abial e os demais bairros da cidade de Tefé, talvez seja uma das causas do comportamento diferente dos moradores do outro lado da cidade.



Figura 14: Bairro do Abial ao fundo no período de cheia.
Fonte: Raimundo Nonato. Pesquisa de campo, 2010.

Ao fundo vê-se o bairro do Abial, separado pelo Igarapé do Xidarini.



Figura 15: Ponte de madeira que liga o bairro do Abial ao outro lado da cidade no período de seca. Nota-se a ida de moradores em direção ao outro lado da cidade. Fonte: Maria Auxiliadora – 2010.

Atualmente o meio de transporte mais utilizado pelos tefeenses é a motocicleta, principalmente pelos mototaxistas como forma de obtenção de renda. O número de automóveis que circulam na cidade ainda é reduzido. Há também uma pequena frota de táxi, com aproximadamente 15 (quinze) taxistas.

A catraia passou a ser utilizada como meio de transporte em 1968. Na época estava surgindo o bairro do Abial, separado por um grande igarapé, que nas enchentes, atinge até cem metros de largura entre o restante da cidade e o bairro.

Na época de sua formação, não havia transporte¹⁷ para a população do bairro do Abial se deslocar ao outro lado da cidade, foi quando o Sr. Daniel solicitou ao prefeito a época, permissão para colocar uma ou duas catraias para o transporte dos moradores do bairro para o restante da cidade, tendo assim, portanto acesso aos outros bairros.

¹⁷ A época não havia o transporte regular de catraia para travessia dos moradores.

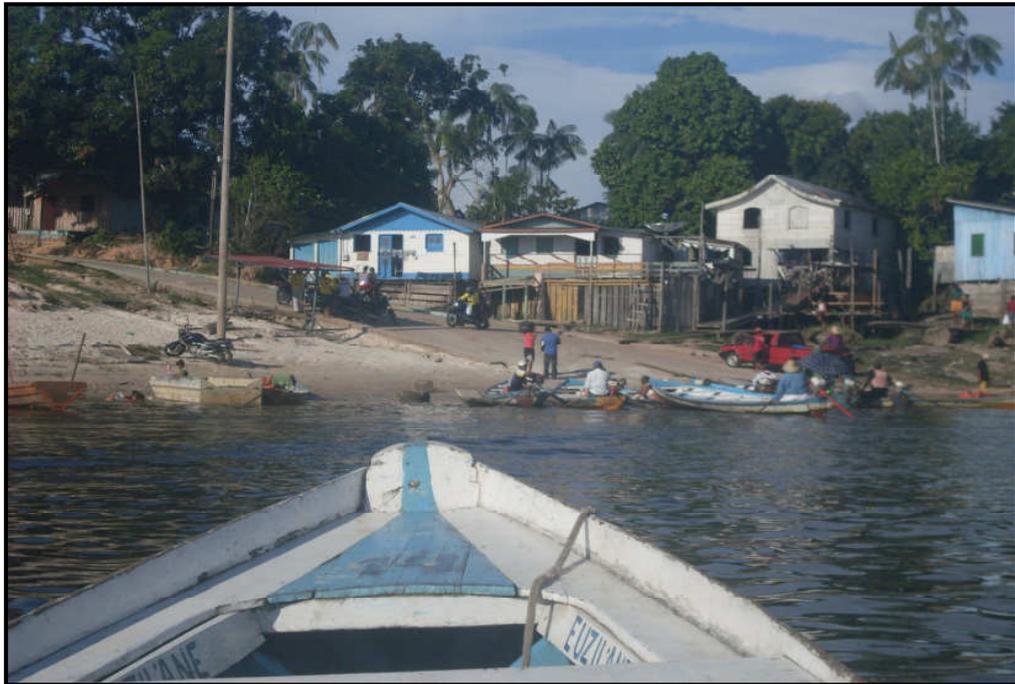


Figura 16: Chegando ao bairro do Abial em uma catraia.
Fonte: Raimundo Nonato. Pesquisa de campo, 2011.

Conforme consta no Jornal Pescadores de Notícias, após este pedido, foram surgindo outros catraieiros. Atualmente há diversos catraieiros. No começo tais embarcações eram movidas a remo, mas, atualmente só podem trabalhar barcos movidos por motores de até 40hp.



Figura 17: Catraieiros aguardando passageiros para irem ao outro lado da cidade.
Fonte: Raimundo Nonato pesquisa de campo, 2010.

Foi possível verificar *in loco* que atualmente as catraias estão bem equipadas e maioria dos catraieiros já são cadastrados na Capitania dos Portos (órgão fiscalizador das embarcações). São embarcações extremamente necessárias, pois transportam pessoas aos mais diversos lugares ao longo do Lago e do Rio Tefé.

A partir de 1960, época em que se intensificou a urbanização do bairro do Abial, as autoridades locais sentiram a necessidade de regularizar o transporte de catraia, concederam a devida autorização para o transporte de catraia no trecho de Tefé – Abial, bem como para outros portos, desde que os catraieiros e embarcações fossem cadastrados na Associação dos Catraieiros e na Capitania dos Portos.

Na opinião de Bastos de Souza (1990, p. 216), “[...] os serviços de transportes urbanos são fundamentais para o bom funcionamento das cidades e tem um reflexo direto sobre a qualidade de vida da população”.

Vejamos na tabela abaixo sobre o preço atual da travessia Abial-outra lado da cidade, e vice-versa.

Passageiro- descrição	Preço/travessia	Observação
Por pessoa	R\$ 0,50	Caso vá mais de uma pessoa
Somente uma pessoa	R\$ 2,00	Caso atravesse somente uma pessoa
Pessoa com moto	R\$ 2,00	Somente catraieiro com a moto e seu dono

Tabela 2: Tabela de preços para travessia na catraia.
Fonte: Raimundo Nonato, 2010 – pesquisa de campo.



Figura 18: Catraieiros aguardando passageiros.
Fonte: Raimundo Nonato, 2010.



Figura 19: Pôr-do-Sol visto a partir do bairro do Abial.
Fonte: Raimundo Nonato, 2010.

Após a caracterização do cotidiano do bairro do Abial, apresentaremos no capítulo seguinte como os moradores de Tefé percebem este bairro. Primeiro como é percebido pelos seus moradores e segundo como é percebido pelos moradores de outras partes da cidade.

CAPÍTULO III

3.1 PERCEPÇÃO DOS MORADORES DO BAIRRO DO ABIAL SOBRE O LUGAR ONDE MORAM

Me sinto bem morando aqui. Desde que cheguei aqui ainda não mudei. Acho que eu vou sair daqui quando eu morrer que eu for pra debaixo da terra. (Maria Nunes, 2011).

A Geografia da percepção, segundo Corrêa (2001, p. 30) “está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real”.

A Geografia da percepção propõe estudos que consideram o mundo percebido, o mundo vivido e o mundo imaginado pelos indivíduos. Para Lencioni (2003, p. 150-151) “a consideração da percepção advinda das experiências vividas é, assim, considerada etapa metodológica importante e fundamental”. A experiência vivida constrói a consciência, sendo que pelo mundo vivido, a fenomenologia coloca o indivíduo em contato com o mundo de objetos exteriores por via da percepção.

O lugar assim é produzido na relação cotidiana entre os homens que nele habitam e que fazem dele parte de si, um mundo que é revelado a partir da percepção de cada ser, um mundo da experiência. Os homens não se movem num lugar abstrato e sim num lugar que é concreto e pessoal, um espaço percebido e vivido, modelado pela experiência. Segundo Merleau –Ponty,

“O mundo da percepção, isto é, o mundo que nos é revelado por nossos sentimentos e pela experiência de vida, parece-nos à primeira vista o que melhor conhecemos, já que não são necessários instrumentos nem cálculos para ter acesso a ele é, aparentemente, basta-nos abrir os olhos e nos deixamos viver para nele penetrar. Contudo, isso não passa de uma falsa aparência. Eu gostaria de mostrar que esse mundo é em grande medida ignorado por nós enquanto permanecemos numa postura prática ou utilitária, que foram necessários muito tempo, esforços e cultura para desnudá-lo e que um dos méritos da arte e do pensamento moderno (os últimos 60 ou setenta anos) é o de fazer-nos redescobrir esse mundo em que vivemos mas que somos sempre tentados a esquecer”. (MERLEAU-PONTY, *apud* NOGUEIRA, 2004, p. 02).

Para Tuan percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. (TUAN, 1980, p. 4)

A visão tida pelos moradores mais antigos do bairro demonstra os sentimentos e a experiência dos mesmos, para eles os problemas existentes não são tão levados em consideração.

Conforme podemos ver na fala da moradora D. Corina: *“Eu gosto desse bairro porque é um bairro tranquilo. Aqui a gente ainda pode dormir sossegada. É um lugar mais a vontade pra gente estar”*.

Dona Corina reside no bairro do Abial há 70 (setenta) anos e mesmo ouvindo comentários ruins a respeito de seu bairro, onde chega se identifica como moradora do bairro do Abial.

Já a relação com o lugar dos mais jovens no que concerne ao bairro onde moram, a primeira vista pode-se dizer que não é uma relação de muita proximidade, apesar de morarem no bairro. Foi possível notar por meio de depoimentos que alguns jovens que moram no bairro do Abial quando se dirigem ao outro lado da cidade se identificam como moradores de outros bairros, isso pelo receio de serem taxados de violentos ou homossexuais.

Ao longo dos anos o referido bairro passou a ter uma imagem negativa por parte de muitos moradores do outro lado da cidade. De acordo com o Sr. Raimundo da Silva Nazaré¹⁸ (conhecido como Raimundo Batuqueiro), essa imagem negativa ou até mesmo essa discriminação começou quando, no dia 13 de maio de 1970 ou 1971, houve um festejo¹⁹ no bairro do Abial em comemoração ao dia de Santa Luzia. No decorrer daquele festejo houve uma confusão ocasionando assim a morte de uma pessoa, deixando outra pessoa ferida (sem um dos olhos), tendo em vista que o agressor os atingiu com uma zagaia²⁰ (instrumento de pesca), recorda ele.

Desde aquele tempo, de acordo com o entrevistado o bairro do Abial passou a ser discriminado. Outro fator que também incomoda alguns moradores do bairro é o fato da discriminação por causa da presença de homossexuais no bairro.

O que pode se dizer é que esses fatores contribuem para que ainda nos dias atuais os moradores do referido bairro ainda sofram discriminação por parte de

¹⁸ Foi um dos entrevistados desta pesquisa. Morador do bairro do Abial há cerca de 42 anos.

¹⁹ No município de Tefé essas festas populares são denominadas arraiais ou festejos.

²⁰ Muitos moradores atualmente ainda são chamados de zagaieiros quando vão ao outro lado da cidade em virtude de tal confusão.

alguns moradores que moram no outro lado cidade, seja de modo consciente ou até mesmo “inconsciente”.

Sempre nos deparamos com situações em que ouvimos algumas pessoas falarem mal de alguns lugares, seja de um simples bairro ou de uma cidade como um todo. Às vezes ouvimos falarem mal de uma cidade pequena por possuir poucos recursos ou de uma cidade grande por causa da violência, marginalidade, etc. Enfim, há diversas situações em que ouvimos maus comentários relacionados a determinados lugares.

Por isso propus este tema como forma de melhor compreender esta relação e contribuir com o conhecimento da realidade vivida e experienciada pelos moradores do bairro.

3.2 A PERCEPÇÃO DO OUTRO SOBRE O BAIRRO DO ABIAL

Cada visão particular do mundo é única, para começar, porque cada pessoa habita um meio ambiente diferente. [...] Cada visão particular do mundo também é única porque cada um escolhe e reage ao meio de maneira diferente. Seleccionamos ver alguns aspectos do mundo e evitamos outros. (LOWENTHAL, 1982, p. 124).

A percepção dos moradores²¹ que moram em diferentes bairros de Tefé sobre o bairro do Abial de acordo com as entrevistas é bastante variada. Em relação àqueles que trabalham no bairro, que possuem parentes ou vão ao bairro para praticarem esporte, a visão é positiva, pois são os que constantemente se dirigem ao bairro, e conhecem alguns moradores em função de alguma atividade.

Podemos observar na fala do Professor Afrânio: *Antigamente quando você chegava no bairro do Abial você via como se você tivesse numa ilhazinha, vivendo numa comunidade um pouco distante da cidade. Hoje não, você não vê diferença.*

Isso se dá em virtude de hoje o bairro possuir uma melhor infraestrutura em relação há alguns anos. Ex: Quando no bairro do Abial não havia escolas com Ensino Médio, os alunos que concluíam o Ensino Fundamental geralmente se deslocavam para as escolas que ficam no Centro da Cidade, ou em outros bairros,

²¹ Vale salientar que tal percepção é de acordo com os entrevistados.

exemplo: Escola Estadual Frei André da Costa e para o Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho²², ambas oferecem o Ensino Médio aos alunos.



Figura 20: Escola Estadual Getúlio Vargas – Abial.
Fonte: Raimundo Nonato. Pesquisa de campo, 2010.



Figura 21: Escola Municipal. A ser inaugurada - Abial.
Fonte: Sebastião Sampaio de Queiroz, 2012.

²² O Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho localiza-se no bairro de São Francisco, e atualmente oferece somente Ensino Médio, no momento intitulado Ensino Médio Inovador.

Vale ressaltar que a Escola Estadual Getúlio Vargas e a Escola Municipal (de pintura branca) ainda por ser inaugurada, ficam próximas um da outra.

Já em relação àqueles que não andam ou não tem costume de passear no bairro a visão é negativa, pelo de fato de somente ouvirem falar.

O Sr. Paulo Alves²³ a respeito da percepção que alguns tem do bairro comenta: *uns se expressam sem saber a realidade do certo e do errado*, referindo-se ele aqueles que tecem comentários a cerca do bairro do Abial sem ao menos conhecê-lo.

De acordo com outros depoimentos foi possível verificar que há moradores que moram no outro lado da cidade que nunca foram ao bairro do Abial, não estabelecendo vínculo algum, dificultando um melhor conhecimento da realidade vivida por seus moradores.

Entende-se por meio das entrevistas que muitos moradores de Tefé veem o bairro do Abial como um bairro oficializado, outros o veem somente como uma pequena localidade dependente dos recursos existentes em Tefé.

Já em relação ao sentimento de pertencimento a Tefé é algo que não é visto por parte de muitos moradores do bairro do Abial, que pelo fato de serem (ou sentirem-se) discriminados, não se sentem parte de Tefé. Mas há um forte sentimento em relação ao bairro onde vivem, onde suas relações sociais são mais acentuadas e dinâmicas.

A envergadura que se dá a ideia de percepção (enquanto conceito científico) vem ganhando um corpo mais robusto, tanto da perspectiva teórica quanto da metodológica, ao longo do século XX. A percepção, portanto, geralmente é interpretada como a 'chave' para entender a relação que indivíduos tem com os espaços de seu cotidiano, sendo capaz de ligar todos os processos interiorizados da mente aos fatores do ambiente.

²³ Foi um de nossos entrevistados. Reside há 70 anos no bairro. É um dos moradores mais antigos do bairro do Abial.

3.3 UMA TENTATIVA DE LEITURA DO BAIRRO

A leitura da percepção e representação do mundo vivido pelos sujeitos contribui na compreensão de (re) construção do lugar e como esse processo é vivenciado pelos indivíduos nos períodos que o constituem.

A identidade de um lugar é dinâmica. Essa dinamicidade é vivenciada e percebida de diferentes maneiras por seus habitantes. Vê-se por meio das entrevistas que as experiências vividas que são carregadas de sentimentos que demonstram desde a tranqüilidade e segurança que permeava o bairro até a manifestação dos atuais problemas sociais que hoje agravam o lugar.

De acordo com Rodrigues (2007)

A maioria dos moradores tem o conhecimento dos problemas com os quais convivem em seu meio socioambiental, contudo não estão sensibilizados a ponto de promover mudanças significativas e de cobrar de seus governantes as medidas necessárias que promovam a melhoria na qualidade de vida da população.

Para os moradores mais antigos o lugar era muito melhor logo no início, pois, segundo eles, não havia tantos problemas como hoje, mas acrescentam que tal confusão que gerou essa imagem negativa para o bairro foi ocasionada por pessoas que nem moravam no bairro, e que direcionou para os moradores do bairro a culpa pelos problemas que o bairro enfrenta.

Os antigos moradores há alguns anos enfrentavam muitas dificuldades no que diz respeito aos meios de transporte, acesso à educação e saúde, contudo, ainda era melhor do que hoje, conforme confirma-se por meio de suas falas.

Dona Socorro enfatiza claramente que “*antes o bairro do Abial era um lugar muito bom*”, e que gostaria muito que voltasse aquela época, mesmo que o bairro não tivesse os recursos que hoje tem. Vê-se que o lugar é constituído por muitas experiências agradáveis, aos quais não foram esquecidas por seus moradores mais antigos.

Muitos antigos moradores só enxergavam o bairro como um lugar de habitação, com o tempo o mesmo tornou-se lugar de segurança, onde havia muita paz e tranqüilidade. Essa relação nos possibilita pensar a relação que Tuan (1983) faz entre espaço e lugar. Para este autor espaço e lugar são termos familiares, mas

acrescenta que o que começa como espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à proporção que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.

Analisando as entrevistas percebemos que os problemas sociais são mencionados por todos os sujeitos da pesquisa, e as modificações que o bairro do Abial vivencia acontece com a inserção de novos elementos tanto positivos quanto negativos que acompanha as etapas de (re) construção do mesmo. Mesmo mediante tantos problemas existentes hoje, esses indivíduos possuem uma relação afetiva com o lugar, e que por esse motivo defendem que seja necessário um olhar mais atento das autoridades para essas situações, pois reivindicam bastante melhorias na infraestrutura do bairro.

A respeito dos mapas mentais utilizados por nós neste trabalho pode-se dizer que os mesmos nos deixam transparecer dados que nos levam a pensar a relação estabelecida entre os habitantes e as características físicas, principalmente as antigas, pois os moradores mais antigos fazem muita alusão ao aspecto paisagístico do bairro, as primeiras famílias que se instalaram no bairro e aos pés de abiu na época existentes, destacando este na paisagem entre as demais espécies existentes.

Atualmente a paisagem é representada com a inserção de novas famílias e a existência de estabelecimentos comerciais, dentre outros (ver mapa mental 1). O bairro do Abial era percebido como um espaço de habitação.

Os moradores percebem e representam o lugar de maneira diferenciada, mas são enfáticos quando dizem que no bairro só havia mato e que muitos moradores a época caçavam no próprio bairro para sobrevivência.

Em seus depoimentos descrevem as relações estabelecidas com o ambiente físico e humano. Enfatizam a tranquilidade, a segurança, o ar puro. Fazem comparações entre o clima e os modos de vida de antes com os atuais. Expressam a satisfação em terem chegado ao bairro e de terem sido os primeiros moradores. Mesmo o bairro possuindo dificuldades no que se refere a oferecer condições para atender às necessidades básicas dos moradores, principalmente em relação à saúde, demonstram muita satisfação em morar no bairro.

3.4 O ABIAL REPRESENTADO ATRAVÉS DOS MAPAS MENTAIS POR SEUS MORADORES

Segundo Tuan, o homem possui uma capacidade altamente desenvolvida para o comportamento simbólico, e a Geografia vai se apropriar dessa capacidade construtiva para dar lugar às expressões dos sujeitos. Os símbolos internalizados são expressos em diversas formas, como os mitos, os rituais e os desenhos: “uma linguagem abstrata de sinais e símbolos é privativa da espécie humana. Com ela, os seres humanos construíram mundos mentais para se relacionarem entre si e com a realidade externa”. (TUAN, 1980, p.15).

De acordo com De Paula

Um dos desafios para a Geografia Humanista é o uso de mapas que não sejam elaborados ou presos à lógica euclidiana. Os mapas mentais são talvez a matéria prima bruta de uma primeira análise daquilo que viria a ser uma ‘cartografia fenomenológica’, a qual estaria preocupada com os sentidos e significados dos elementos de uma experiência espacial (De Paula 2010, p. 25).

Nesse contexto os mapas mentais, conforme Nogueira (2001),

São abordados como representações gráficas que demonstram o vivido imediato, sendo construídos com informações subjetivas do espaço vivido, tratando-se, portanto, de uma interpretação fenomenológica da realidade de cada indivíduo.

De acordo com Richter (2001, p. 125) os mapas mentais possibilitam a seu autor incluir elementos subjetivos que, na maioria das vezes, não estão presentes nos mapas tradicionais. Essa característica torna mais rica essa representação do próprio punho, por incluir contextos que podem ampliar a compreensão do espaço.

Os Mapas Mentais podem ser concebidos como representações dos homens que vivem no lugar, portanto, “os Mapas Mentais são representações do vivido, são os primeiros mapas traçados por nós ao longo de nossa história com os lugares por nós experienciados” (NOGUEIRA, 2001, p. 93), estando esses mapas estreitamente relacionados à perspectiva fenomenológica, que representa o vivido imediato. Eles são subjetivos e construídos a partir da percepção do espaço, nesse sentido os seres humanos elaboram imagens acerca do espaço vivido e percebido (LENCIONE, 1999).

Os mapas mentais são representações do vivido, são os mapas que trocamos ao longo de nossa história com os lugares experienciados. No mapa mental, a

representação do saber percebido, o lugar se apresenta tal como ele é, com sua forma, histórias concretas e simbólicas, cujo imaginário é reconhecido como uma forma de apreensão do lugar (NOGUEIRA, 1994 apud SIMIELLI, 1999). Os mapas mentais revelam como o lugar é vivido e compreendido pelos cidadãos.

Nogueira (2002) cita o trabalho dos geógrafos Yves André e Antoine Bailly, no qual, os mapas mentais são representações do real e são elaborados por um processo que relaciona percepções próprias visuais, audiovisuais, olfativas, lembranças, coisas conscientes ou inconscientes.

Os mapas mentais constituem-se em imagens espaciais que as pessoas tem de lugares conhecidos, direta ou indiretamente. As representações espaciais mentais podem ser do espaço vivido no cotidiano. (...) são representações mentais que cada indivíduo possui dos espaços que conhece. Este conhecimento é adquirido direta (através de percepções dos lugares que lhe é familiar, os espaços vividos) ou indiretamente através de leituras, passeios e informações de terceiros (revistas, livros, jornais, televisão, rádio, etc.) (NOGUEIRA, 1994, p.14).

Conforme Nogueira os mapas mentais, embora sem a preocupação da exatidão, são tão ricos em informação quanto os mapas oficiais desses lugares construídos com a precisão matemática (2001, p. 31).

O espaço vivido é a experiência de vida concreta que cada pessoa tem do lugar onde vive, frequenta e mantém relações sociais, pois, “o espaço vivido está relacionado com o espaço percebido, e ambos são fases do espaço mental, produzido, portanto, a partir de uma experiência vivida e percebida ao longo do tempo e do espaço”. (NOGUEIRA, 1994, p.62)

A ideia aqui não é dizer que os conhecimentos matemáticos, que são tidos como exatos, não são importantes para o conhecimento humano e também geográfico, mas, a linha de estudo adotada é a que entendemos ser a mais adequada para compreendermos a relação que estes moradores possuem com o lugar.

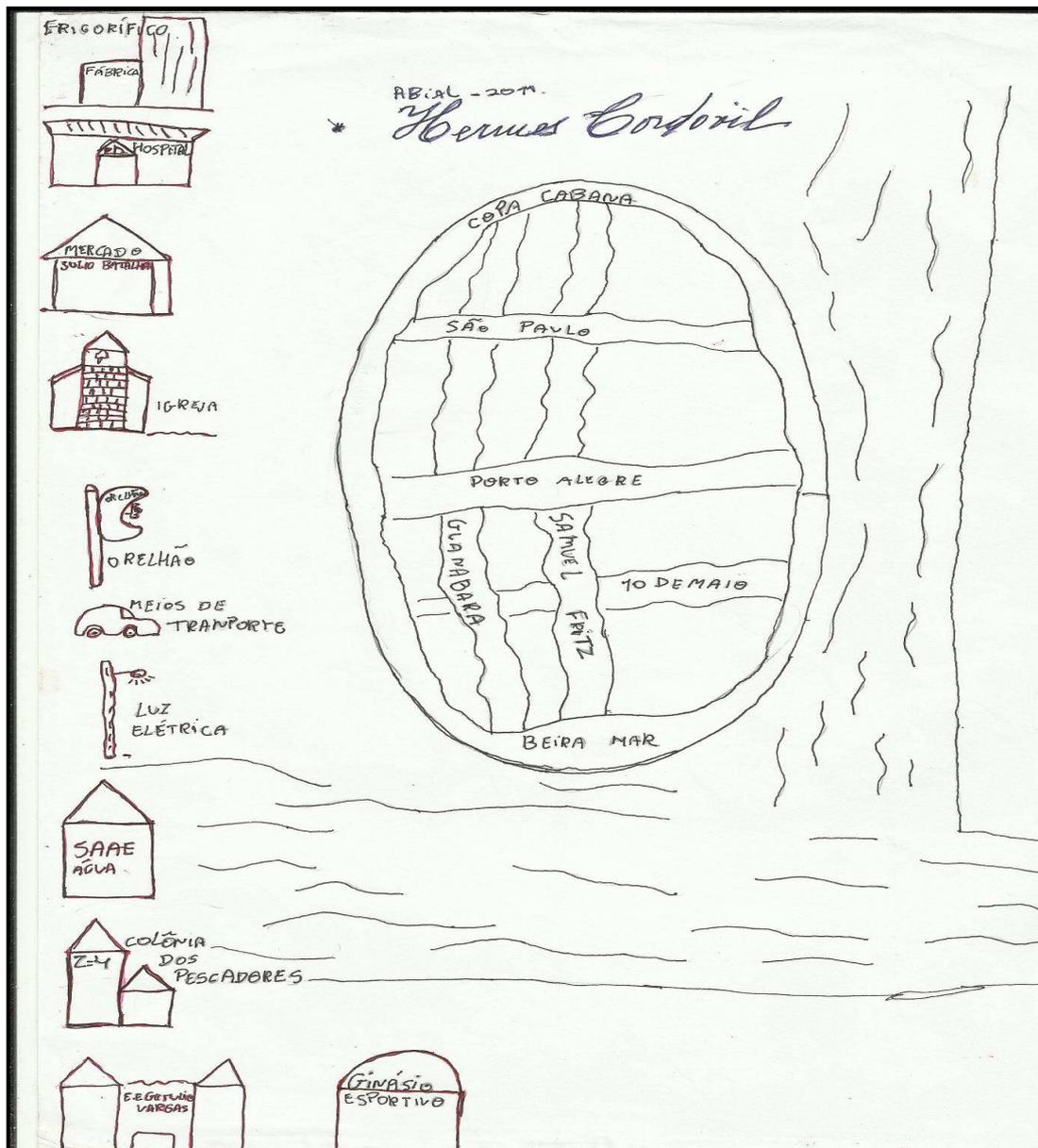
No que tange ao conhecimento deste espaço, ou, deste lugar, seria difícil algumas pessoas que moram do outro lado da cidade de Tefé fazerem/confeccionarem um mental do bairro do Abial, pelo fato de algumas não

gostarem de frequentá-lo, em virtude de algumas construções a partir da fala dos que possuem uma visão negativa do bairro.

Portanto, a interpretação das representações do vivido imediato desses moradores, contidas em seus mapas mentais e nas narrativas nos conduz à reflexão sobre a relação de identidade estabelecida no e com o lugar.

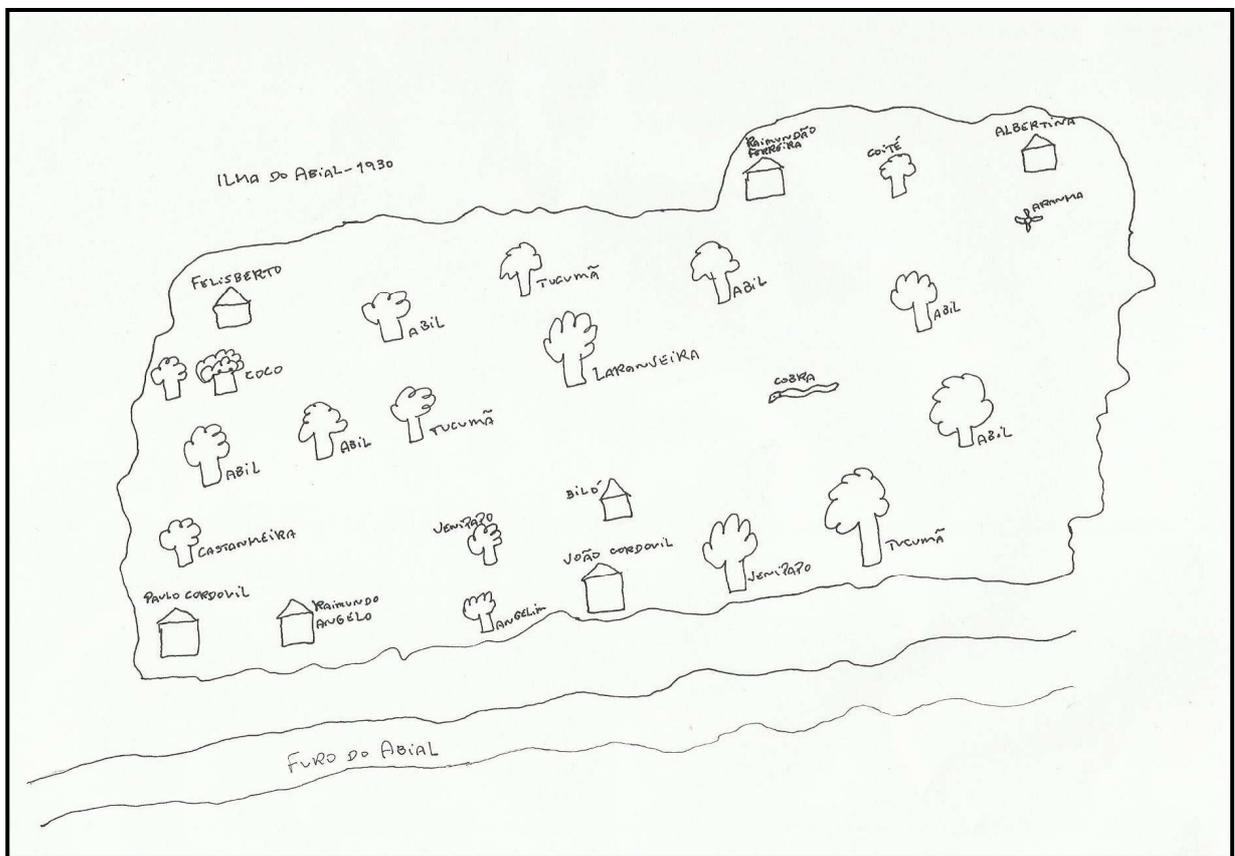
Interpretaremos através de alguns mapas mentais com as narrativas de seus respectivos autores, como pode ser desenhado o bairro do Abial a partir das representações.

Mapa mental 1 – Elaborado pelo Sr. Hermes Cordovil



Meu nome é Hermes Cordovil, moro na Rua Beira-Mar nº. 279, bairro do Abial. Eu tenho o curso primário de antigamente (.....) completo, fui pescador e agricultor, hoje não exerço nenhuma dessas atividades, sou aposentado. Eu cheguei aqui em 1943 o bairro na época não era bairro, era somente uma ilha desabitada tinha poucos moradores (.....). Por sinal a primeira família que chegou aqui foi a família Cordovil. Daí veio a família da mãe da dona Corina, seu Cícero. Lá na frente tinha seu Antônio Tarrafa, apelido. (sorrindo). Daí vinha a família Cazuza que era do Zé Soares, daí tinha a família Felisberto, o cirandeiro da cidade na época. Lá no porto da catraia seu Raimundo e lá na frente outro Raimundo, não, Cícero, pai do compadre Raimundo. Daí vieram onde é o batuqueiro, seu Jorge Arraia. Daí aqui na frente do Mercadinho tinha dona Maria Praia, essa era uma cabocla legítima mesmo, o tempo dela era pegar tracajá na praia e aí pegou esse apelido: Maria Praia. Daí a dona Terenciana mãe do seu Paulo Alves.... vinha do nosso tempo. Daí pra frente vinha uma senhora chamada Maria também, ela cuidava-tratava... e tinha apelido Maria curandeira e lá tinha a família Machado, daí a família Sérgio Nogueira, e aqui chegou dona Isabel, de apelido dona Biló (...), esses moradores. Naquela época (.....). era desabitado, tinha na base de dez famílias, que viviam da pesca, da agricultura (.....), eles não tinham terreno, eles não tinham terreno né, aproveitavam a várzea por onde achavam melhor né, e na terra firme também, era desocupado era patrimônio mesmo né, do município, eles onde se agradavam faziam a roça.

Mapa mental 2: Elaborado pela senhora Maria Nunes (Biló)



Dona Maria Nunes morava na Missão²⁴. Resolveu mudar para o Abial após a morte de seu primeiro esposo. Dona Maria Nunes não lembra o ano que chegou ao Bairro, mas menciona que:

Quando eu cheguei aqui não tinha ninguém, eu vim pra cá porque eu achei muito bonita essa ilha. Nosso lugar era ali, numa enseada onde nós festejava São Tomé, aí eu me mudei pra cá porque achei a praia do Abial bonita, o Abial era bonito era mato mermo, mato brabo, aí o Sabá (segundo esposo), dizia vamo fazer nesse lugar aqui, eu dizia, será? Eu disse. Nós ia fazer (a casa deles), ali onde era o João Zurra que era, eu achei que tava caindo, num tinha aquela caída bonita né? Ele disse aqui não presta aí eu disse então vamo ver ali pra dentro, viemo pra cá (local da casa atual), aí fomo ali na comadre Izaura, ela disse comadre aqui é bom, aqui é bom pra senhora fazer a sua casa, porque foi aqui né?, mas manazinha era um tirirical²⁵ medonho..., aí o Sabá disse vamo limpar aqui mermo. Nós não tinha nada aqui quando chegamo, meu marido morreu e eu fiquei , viemo pra cá porque nós viemo da Missão...., eu morava na Missão, meu marido morreu e eu fiquei lá e eu vendi minha casa, vendi meu gado e foi o tempo que eu adoeci muito e minha mãe me trouxe pra casa dela porque eu fiquei gestante quando ele morreu, depois de um ano e meio casei novamente. No Abial eu trabalhei muito em caieira (fazia carvão), saía de casa às 6:00 horas da manhã e meu marido (Sabá) ia pescar para manter nossa família.. No início não tinha rua, era só mato mermo, só tinha três moradores: A comadre Izaura, seu Paulo Alves, seu Raimundo Ângelo, o resto era só tirirical.

Dona Maria Nunes (Biló) relata que o furo do Abial antigamente era um lugar muito farto onde seus filhos e esposo pegavam tambaqui de anzol, assim como outros peixes grandes, mas lamenta que hoje não se vê mais esses peixes grandes, tudo vai para fora da cidade, comenta. *“O Abial na época da fundação da cidade de Tefé em 1718 pelo Carmelita Frei André da Costa, era uma região muito farta de peixe e caça, sobretudo nos períodos das vazantes”*. (Documento do arquivo do seminário de Tefé, 1987, p.1).

Tal citação acima é corroborada pelo Senhor Humberto quando diz: *quando cheguei aqui no bairro, havia somente umas dez casas, havia muito mato e os moradores caçavam aqui o bairro para se alimentar*.

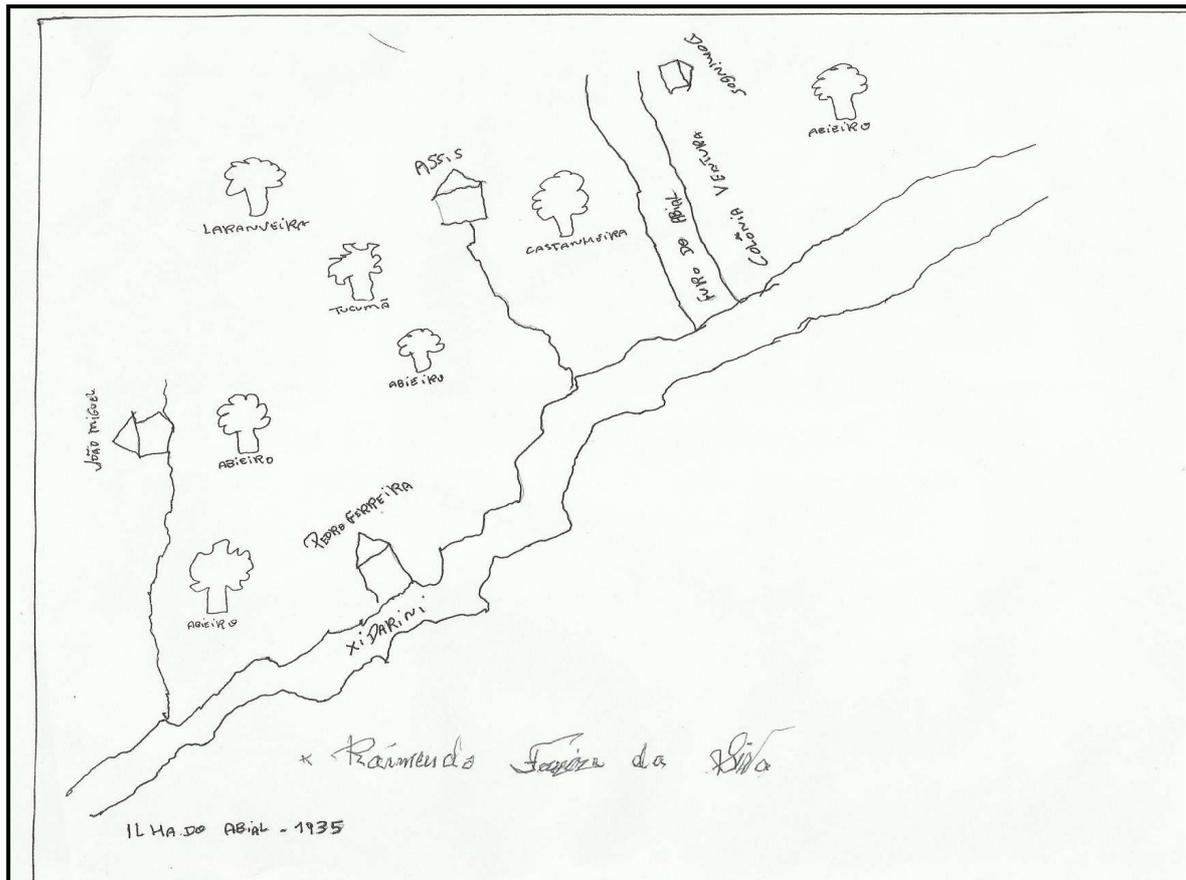
Na época que chegou ao Abial, dona Maria Nunes relata que seu esposo desmatou uma área próxima onde hoje é sua casa e fez ali uma grande plantação de tabaco que vendia para os comerciantes, chegando até a colher e vender oito

²⁴ São comunidades indígenas localizadas na zona rural do município de Tefé/AM.

²⁵ Referindo-se a formigas que havia no local onde construiu sua casa.

arrobas de tabaco e com o dinheiro da colheita comprava mantimentos para sua casa. Relata também que tinha tanta tiririca (mato cortante) que às vezes não podiam nem passar pro outro lado.

Mapa mental 3: Elaborado pelo Senhor Raimundo Ferreira da Silva



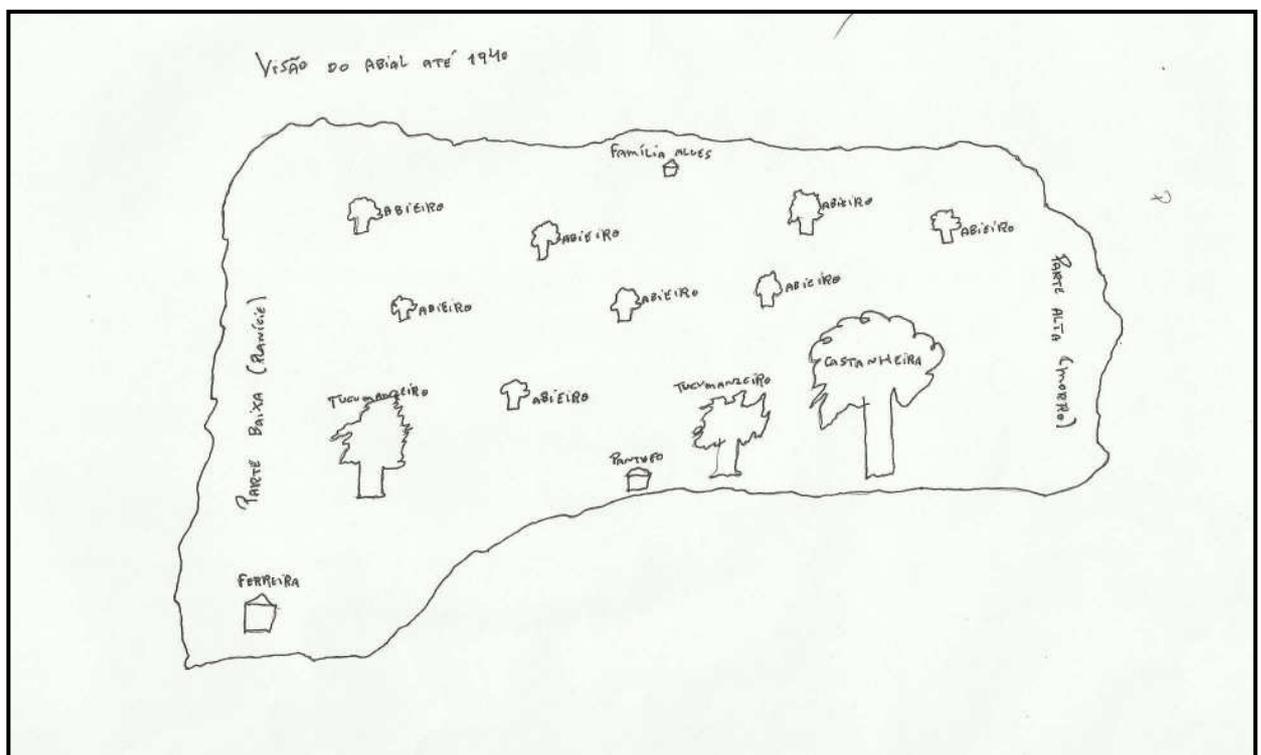
Me chamo Raimundo Ferreira da Silva, hoje sou aposentado não posso mais assumir mais nada. Nasci aqui mermo no Abial, sou abiauense. Aqui o que tinha muito mermo era abiu, é por isso que essa terra pegou o nome de Abial. Isso aqui a maior parte da plantaço que tinha tudo era só abiu, isso aqui quando dava abiu naquele tempo isso era só zoada (barulho) de pássaro que comia fruta que nem o Jacó é... Enfim todo bicho que come fruta no meio de mato, tudo era só mato né? É (.....)Abial(.....).Era mata fechada né, não tinha esse negócio de plantaço não, naquele tempo não existia não, não tinha não. Não sei de onde vieram os primeiros moradores, isso aí eu não sei, mas tinha um pessoal que já morava aqui já tinha um velho, finado Assis e o filho dele, já moravam. Seu Domingos que morava lá no furo só que do outro lado (Colônia Ventura), o finado Jerônimo também morava no furo só que no lado do Abial, perto da beira. Esse furo tinha muita tiririca²⁶ e joari (planta cheia de espinho) era completamente fechado, só tinha pequenos caminhos feitos pelos moradores, era um tirirical.

²⁶ Referindo-se a algumas espécies de formigas.

Naquele tempo tinha um total de quatro famílias com a minha. Chegaram aqui depois do meu pai. Muitos desses que vieram pro abial eram do Juruá e Uarini.

Seu Raimundo menciona ainda que a maior porcentagem de mato que havia no era bairro era referente a fruta abiu, relata também que vinham pessoas da cidade²⁷ pra comer e levar abiu para suas casas. No tempo da fruta eles se embrenhavam na mata e colhiam paneiradas²⁸ de abiu (cesto utilizado na mata). Vinha à família Castelo e a família Alves nos finais de semana, lembra. Em pesquisa feita no (Documento do arquivo do Seminário de Tefé, 1987, p.2) constata-se que “nos domingos e feriados era costume da população da cidade ir aquela área para passear e comer os saborosos abius. No decorrer dos anos, a população do centro urbano começou a chamar de Abial aquela área. Com a continuação o nome se consagrou, e hoje o bairro que serve de cartão postal para muitos na cidade, é o bairro do Abial”.

Mapa mental 04 – Elaborado pelo Sr. Paulo Alves. Visão do Abial em 1940.



²⁷²⁷ Referindo-se aos moradores de outros bairros.

²⁸ O termo paneiradas deriva de paneiro que é um cesto geralmente utilizado para carregar algum produto.

Seu Paulo atualmente encontra-se aposentado. Possui um pequeno comércio de onde tira um complemento de renda. É morador da Rua São Paulo nº 413, bairro do Abial. Tem 74 anos de idade, cursou o 1º ano científico, no Rio de Janeiro na escola particular Veiga de Almeida, curso que corresponde hoje ao 1º ano do Ensino Médio. Passou uma pequena parte da sua juventude em Manaus e no Rio de Janeiro estudando e só depois veio morar definitivamente no Abial. Morador desde o ano de 1937, quando veio com sua mãe e o irmão Manuel para o bairro. É possuidor de diversas informações que adquiriu através da sua própria mãe, a qual repassou quando ainda era bem jovem a respeito do bairro.

Leiamos um trecho de sua entrevista

Eu cheguei aqui, como já disse em outras entrevistas, pendurado nas têtas²⁹ da minha mãe. Não sei dizer de vista, mas digo por informação da minha própria mãe. O Abial na época em que chegamos em 1937 era coberto de tiririca aqui na parte da frente, um tirirical medonho e também um jauarizal. Quando chegamos era praticamente um matagal e capoeiral, na parte lá do morro que o pessoal chama de Abial ainda existia um pouco de mata virgem, mas o resto era tudo mata baixa e capoeira imperando o murucututu, o murucututu (sorrindo). Quando chegamos aqui existiam duas famílias: A dos Pantufos e dos Ferreira, nós fomos a terceira família que habitamos aqui no bairro, hoje bairro, mas antigamente ou era Ponta do Abial³⁰ ou Ilha do Abial. Hoje o que mais me chama atenção aqui no bairro é o sossego, que beleza.

Seu Paulo menciona que sua mãe conseguiu um terreno muito bom que media setenta (70m) de frente com cem (100m) de fundo onde mora atualmente. No 2º mandato do prefeito Armando Retto naquela época, passaram à rua no centro do terreno de sua mãe desmembrando-o em duas partes. Essa rua ganhou o nome de Copacabana. Depois uma parte do terreno foi vendida e outra doada. Relata que sua família ganhou a vida plantando no bairro e tudo que se plantava dava em abundância e de melhor qualidade. Plantavam milho, tabaco, feijão, banana. As pessoas que viviam no bairro viviam da lavoura ou da pesca, aliás, comenta que o caboclo amazonense do interior vive ou sobrevive da pesca ou da agricultura. Em pesquisa feita nos Arquivos do Seminário de Tefé, (1987), constatou-se que a população do bairro do Abial em seus primórdios dedicava-se unicamente a agricultura, a pesca e a extração de produtos naturais, como a castanha e a sorva.

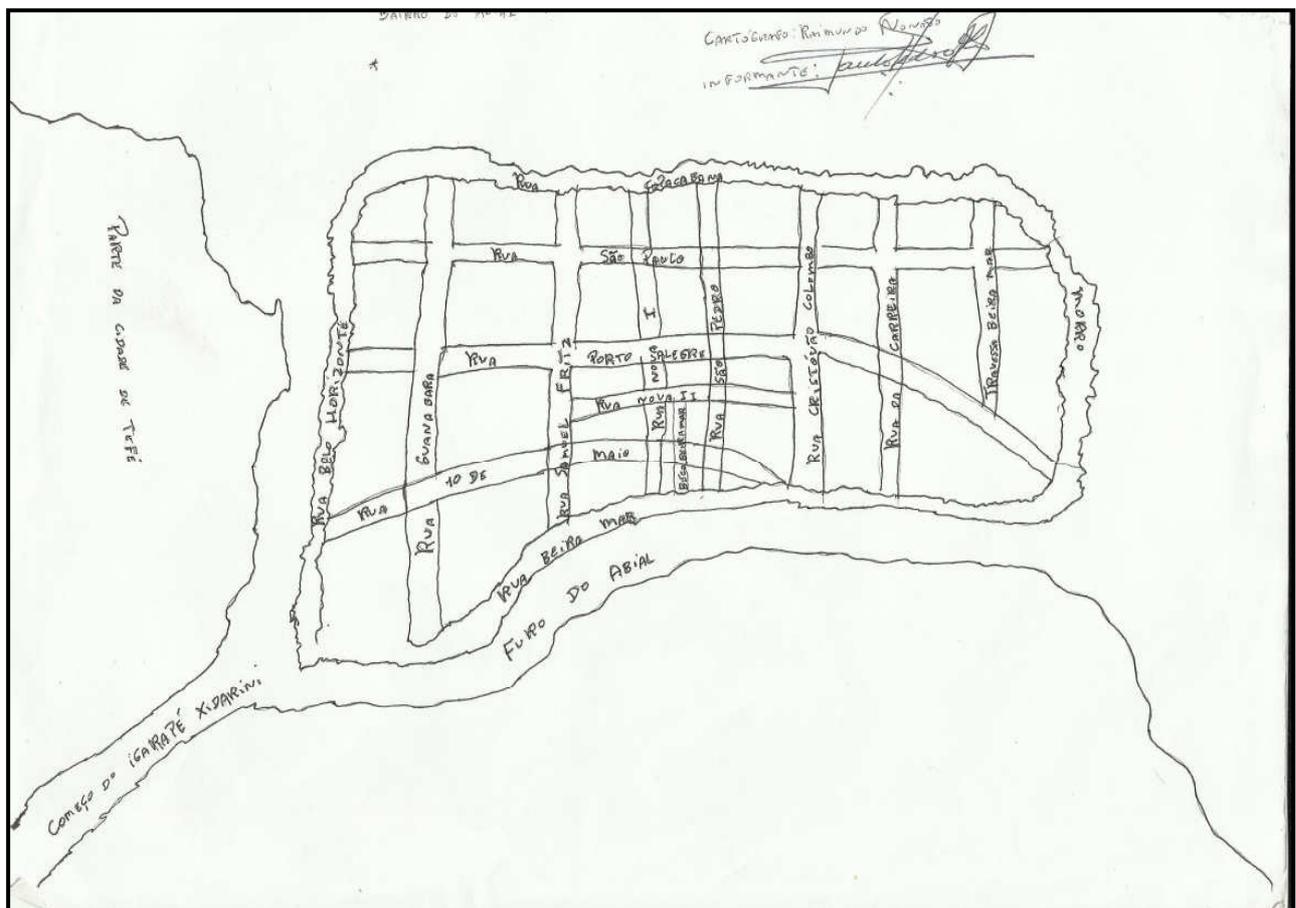
²⁹ Termo utilizado em referência quando ainda mamava nos seios de sua mãe.

³⁰ Primeiro nome recebido pelo bairro, depois Ilha do Abial e atualmente bairro do Abial.

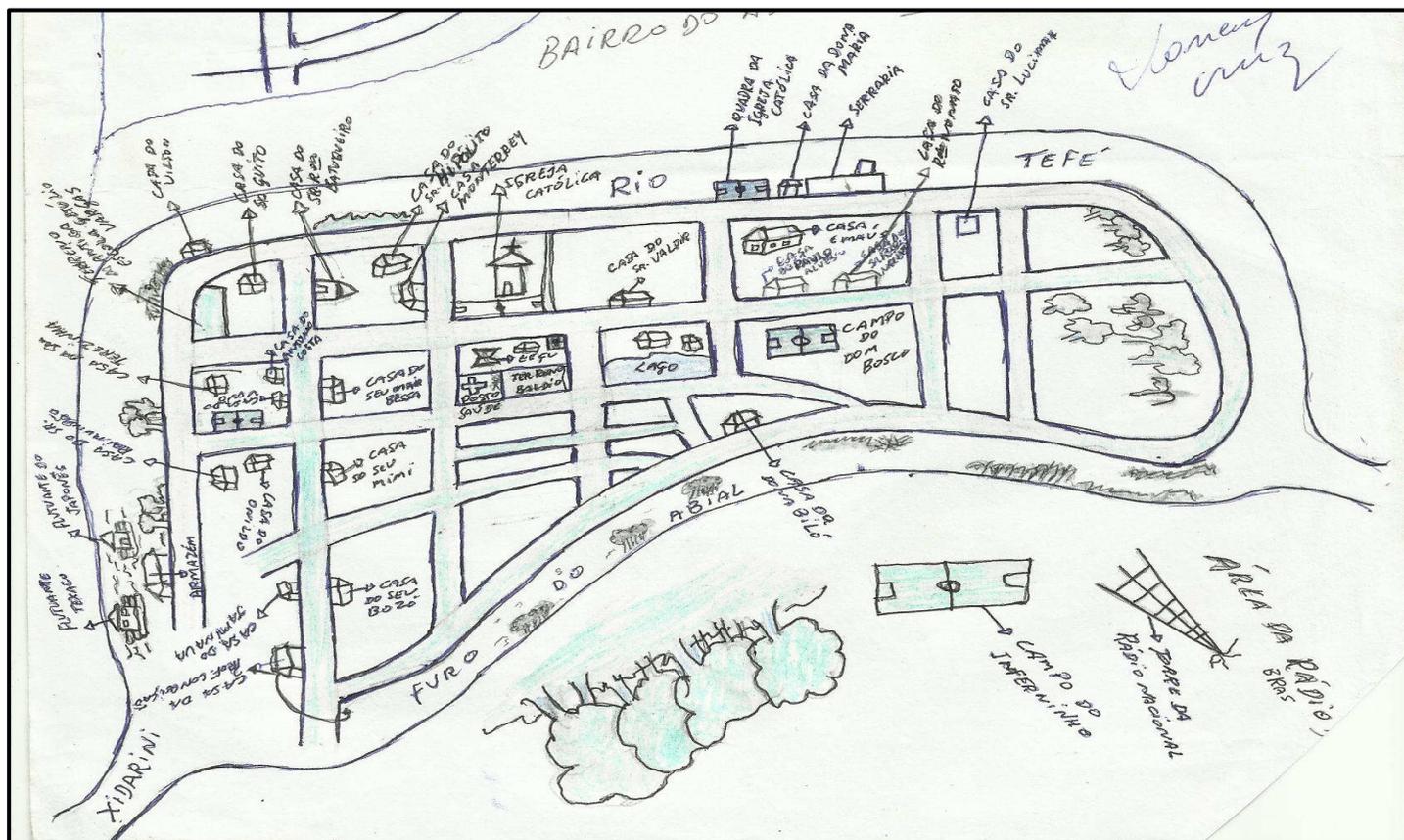
Salienta ainda que naquela época a própria cidade de Tefé tinha poucas famílias e que as casas eram feitas de taipa (madeira com barro), ou de tijolo, por isso não tinha venda pra madeira que seu irmão Manuel tirava na mata com sertões, pois na época não tinha motosserra. Em pesquisa realizada no (Documento do arquivo do Seminário de Tefé, 1987, p.1) constata-se também que “no Abial as casas eram poucas, não atingindo mais de dez habitações, feitas de madeira e coberta em sua maioria de palha. As melhores casas eram de parede de taipa”.

Sobre a questão da gênese do nome do bairro, seu Paulo acredita que a razão maior tenha sido em decorrência da grande quantidade de abieiros existentes no local na época que chegaram, pois acrescenta que só no terreno que sua mãe adquiriu para morar tinha dez abieiros dando frutos. No Abial, de um modo geral predominava os abieiros, muito embora enfatize que o bairro poderia ser chamado também de tirirical, jauarizal e camandauaçu, pois isso tinha em abundância antigamente.

Mapa mental 05 – Elaborado pelo Sr. Paulo Alves.



Mapa Mental 06 – Elaborado pelo Sr. Ivonei Cruz. Abial 1982.



Pode-se notar que o mapa mental acima difere em muito dos outros mapas mentais. O autor deste mapa mental é o mais novo dentre todos que elaboraram os mapas.

pra gente, aí o meu pai resolveu através dos padres nos trazer pra cá. Tinha muito tucumanzeiro, abieiro, e outras árvores. O nome é Abial é em virtude da quantidade de abieiros que existiam aqui. Quando eu cheguei aqui com 8 anos de idade, tinha muito abiu. Tinha abiu de todo tamanho, e o pessoal do outro lado da cidade diziam, vamos lá pro Abial apanhar abiu. Eu gosto desse bairro porque é um bairro tranquilo. Aqui a gente ainda pode dormir sossegada. É um lugar mais a vontade pra gente estar. Muitos dizem que o bairro do Abial não é um bairro da cidade. Devia ser outro continente, que no bairro só tem zagaieiro, gente que anda com o pé sujo e cheio de lama. Já chegaram a dizer que no Abial só morava um bando de capivara. Isso faz com que os moradores se sintam excluídos, vejo que falta uma relação melhor entre os moradores dos bairros. Quando vou ao outro lado da cidade já ouço dizerem: Lá vem mais uma zagaieira do bairro do Abial. Mas, em relação ao fato de dizerem “*eu vou a cidade*”, ou “*eu vou para Tefé*”, isso aí eu não sei dizer. Pois se nós moramos num bairro que faz parte da cidade de Tefé, temos que dizer, eu vou ao outro lado da cidade. Mas acho que é pela separação do rio. Nós temos é que dizer: eu vou lá no centro da cidade. Outra coisa é em relação à violência. Quando acontece alguma coisa errada, já dizem que é o pessoal do Abial. Muitas vezes é um marginal que faz mal feito e se esconde no bairro do Abial.

Na elaboração de um mapa mental a pessoa, antes de tudo, se defronta com preferências, ou seja, os lugares que ela mais se identifica, principalmente quando lembranças ficam marcadas na mente de forma direta ou indireta.

Os mapas mentais, em sua maioria, retratam aspectos antigos do bairro, como por exemplo, as espécies de plantas que antes existiam, principalmente, ao abiu. Dentre as espécies existentes, podem ser citadas: a laranjeira, o tucumanzeiro, a mangueira, a castanheira e o próprio abieiro.

Os mapas mentais foram elaborados pelos moradores mais antigos do bairro, (com exceção do Sr. Ivonei, com 32 anos, mapa mental 06), que colocou em seu mapa muitos detalhes, detalhes estes, não lembrados pelos mais antigos. Por isso, quanto à interpretação dos mapas mentais, sugere-se considerar alguns critérios como, por exemplo, faixa etária, diferenças sociais, herança biológica, cultural e educação, pois estes elementos constroem diferentes percepções do espaço.

De acordo com a moradora Corina, atualmente no bairro há somente um pé de abiu, tendo em vista que em virtude da ocupação, o bairro sofreu um grande desmatamento, restando somente um.

No bairro do Abial havia tanta “mata virgem” que os moradores caçavam no próprio bairro para se alimentarem, tendo em vista a facilidade para tal.

De acordo com Seemann (2004, p.9):

O mapeamento do espaço vivido da vizinhança ou do bairro representa um exercício prático que se baseia nas observações diretas e permite o registro de ruas, nomes de ruas, casas, vegetação etc. A representação do mundo (globo, planisfério), por sua vez, restringe-se apenas a informações generalizadas como a indicação de países, fronteiras, capitais, montanhas e rios e exige um alto nível de abstração.

É importante o fato de que os moradores mais antigos sentem muita falta dos anos iniciais do bairro, pelo fato de que havia muita tranquilidade e também abundância tanto de animais, quanto de peixes e de frutas das mais diversas espécies. Constata-se que se alguns pudessem voltar, certamente voltariam, pelo que o bairro significou e significa para eles aos longo de décadas e décadas de vivência.

CONSIDERAÇÕES

Tecer algumas palavras finais sobre este trabalho só me faz entender quão árdua é esta tarefa. O que dizer de um bairro que é um bom lugar para alguns e ruim para outros, sendo que alguns moradores do próprio bairro o negam em virtude dos comentários tecidos devido alguns acontecimentos ao longo de sua história. E como entender que este mesmo bairro é um lugar agradável para aqueles que mesmo não morando o frequentam constantemente e gostam de ali estar? Após quase cinco anos de moradia em Tefé, fiquei interessado em compreender essas questões ao qual por meio desta pesquisa ficaram mais claras.

Tais considerações estão fundamentadas nos arquivos antigos sobre a cidade de Tefé, na contribuição teórico-metodológica até a análise dos dados obtidos. Os mapas mentais e as entrevistas muito contribuíram no acesso aos dados, possibilitando-nos ter acesso ao mundo vivido de cada morador do bairro.

Os diálogos obtidos com os moradores foram flexíveis e nos levaram a pensar o bairro do Abial como um lugar muito querido por seus moradores, numa construção que acontece nas relações estabelecidas entre os moradores e os elementos físicos que o constituem o bairro.

O sentimento de pertencimento foi algo que me chamou atenção. Por parte de muitos jovens houve uma negação em relação ao bairro. Com medo de serem taxados de gays, marginais ou zagaieiros, muitos moradores do bairro (principalmente os jovens) quando questionados sobre o lugar onde moram dizem que moram em outros bairros e até mesmo se identificam com outros nomes para não serem (re)conhecidos como moradores do bairro do Abial.

Os mapas mentais, assim como, os depoimentos por meio das entrevistas foram tomados como procedimentos que nos conduziram às manifestações do vivido, em um tempo passado, presentes na consciência geográfica imediata de cada sujeito. É possível notar que é muita viva a lembrança que os moradores³¹ tem do bairro, logo no início de sua formação, como também a admiração que os mesmos tem do lugar onde vivem.

Observando as imagens, pode-se considerar que elas revelam diversas maneiras de ver o “lugar”, cada uma trazendo os seus significados, a percepção de

³¹ Enfatiza-se aqui os moradores mais antigos, pela experiência e vivência no lugar.

quem construiu. Os espaços de inclusão e de exclusão social estão bem delineados no imaginário dos moradores, especialmente aqueles relativos ao bairro.

Considerando o que foi apresentado um ponto que nos chama atenção são as expressões utilizadas pelos moradores do bairro do Abial, as quais são: “*vamos a cidade*”, ou “*vamos a Tefé*”, que persistem até os dias atuais, tornando-se difícil dizer se algum dia usarão outras expressões ou se a que usam atualmente permanecerá.

Relph (1979) afirma que o lugar se constitui de experiências topofílicas e topofóbicas. Sendo a Topofilia "o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico", pode-se dizer que os mais antigos moradores do bairro demonstram grande afetividade pelo mesmo.

A fenomenologia tem a preocupação de compreender as experiências vividas do homem, como se realizam, assim como, a percepção e representação do mundo vivido para os mesmos. Toma o corpo não como objeto, mas como sujeito, pois é através dele que o mundo é experienciado.

Através do corpo, mente, emoção e vontade, a pessoa interage com o mundo no qual está inserido e, constrói um mosaico de lugares especiais com os quais possui suas identidades, mesmo havendo redes de interações sociais ou comerciais que causem intensas transformações nesses espaços, criando novas territorialidades. Os habitantes destes lugares os terão na memória, pois fazem parte de suas experiências vividas, onde se desenvolveram suas intersubjetividades.

Nesse sentido, torna-se importante perceber como a Geografia humanista e a fenomenologia tomam as experiências vividas no espaço geográfico, valorizando as relações de pertencimento, a memória, imagens mentais que homens e mulheres possuem de seu lugar.

Esses moradores carregam consigo as lembranças desde quando chegaram ao bairro do Abial, é o que muito impressiona é a forma como contam assim quando chegaram para nele residir.

Os mesmos contam como se deslocavam quando iam pescar, caçar, plantar, enfim; contam como eram as brincadeira que faziam, mesmo ainda quando não existiam ruas.

A forma como os moradores se referem ao bairro, nota-se como gostariam que o “tempo voltasse” para viverem aqueles dias, que em suas opiniões foram os melhores dias de suas vidas.

As lembranças dos moradores muito os liga ao bairro. Os sentimentos afetivos são vistos ao longo de cada análise. Muito diferente de uma abordagem sugerida pela geografia moderna que separa homem/natureza, tomando o homem como um mero espectador das transformações existentes, como se houvesse um abismo entre o ser humano e a natureza.

As modificações que ocorreram no bairro estão fortemente relacionadas à ação humana, mesmo que intencional ou não e, mesmo assim, ainda há trabalhos em que não consideram o homem como agente modificar do espaço.

A importância da abordagem escolhida é que nela, o homem é valorizado e, posto dentro das discussões a respeito das construções e transformações que ocorrem em seu ambiente. Não se trata de um mero espectador, mas, de um sujeito, constituído não apenas de razão, mas também, de emoção.

Dona Corina lembra ao comentar: *nós abríamos caminho na mata, pois aqui era só mato, aí nos plantávamos, pois o bairro tinha uma aparência muito boa para se plantar.*

Esta relação é intersubjetiva e deve ser tratada pela geografia a partir do que interessa primordialmente ao homem: suas ligações existenciais, suas preocupações e seu bem estar, e seus projetos para o futuro.

A discussão da abordagem teórico-metodológica, a leitura das vivências, e da própria (re) construção do lugar, nos remete a reflexão sobre o significado que o bairro tem para os moradores.

Por isso esta abordagem, pois a geografia não seria um conhecimento referido a um determinado objeto, mas sim uma ciência que tem o papel de compreender o mundo geograficamente, do homem ligado à Terra por sua condição terrestre.

O que os deixa insatisfeito são comentários sobre o bairro, muitas vezes aumentados por quem nunca foi ao bairro, e não tem conhecimento da realidade.

A maioria dos moradores do bairro do Abial é natural do próprio bairro, quando chega “algum desconhecido” logo a chegada de novos sujeitos percebida nitidamente tanto pelos antigos habitantes, quanto por aqueles que moram há pouco tempo no bairro.

Os moradores demonstram muita satisfação em relação à melhoria da educação no bairro, pois antes havia escolas muito mal conservadas e pequenas, fazendo com que muitos alunos fossem estudar no outro lado da cidade.

Quanto aos historiadores que moram em Tefé, a gênese do bairro é bastante conhecida e que os comentários a respeito do bairro são impensados e que somente prejudica a relação dos moradores do bairro do Abial com aqueles que moram no outro lado da cidade. Para uma certa minoria tais comentários não atrapalham, visto que o Abial é um bairro da cidade de Tefé.

Vale frisar que aqueles que não moram no bairro do Abial, quando se dirigem ao mesmo, alguns se dirigem de um modo normal e veem o bairro como um bairro de Tefé, outros já se dirigem de forma diferente, como um abairro somente de homossexuais e de pessoas violentas.

Para os antigos o lugar antes era farto, muito peixe e caça. No início havia muito plantio, o que não acontece hoje, a não ser para aqueles que possuem terras em outros lugares.

Um dos fatores mais preocupantes para aqueles que moram no bairro é quando vão em busca de emprego em outros bairros da cidade. Quando dizem que residem no bairro do Abial percebem uma certa rejeição, fazendo com que não sejam empregados devido a imagem que o bairro possui.

A realização deste trabalho nos possibilitou refletir sobre a gênese do bairro do Abial e os fatores positivos e negativos, o que faz com que o mesmo seja bem visto por uns e mal visto por outros.

Quanto aos anseios dos moradores é ver o bairro com uma melhor infraestrutura, tanto hospitalar, comercial, educacional e social.

Neste sentido, o bairro do Abial é percebido por seus moradores como um bom lugar e tornou-se para a maioria de seus moradores o lugar com o qual possuem uma relação afetiva, mesmo mediante as dificuldades enfrentadas.

Vale ressaltar, que as experiências vivenciadas nem sempre são carregadas de sentimentos tofílicos, e nesse caso, a dinâmica de um lugar acontece no contexto das experiências agradáveis e desagradáveis, pois muitos moradores do referido bairro quando vão ao outro lado da cidade.

Entretanto, com todas as dificuldades existentes, o Abial é o lugar onde a maioria dos sujeitos da pesquisa pretende continuar. Nele possuem suas residências e seus moradores o veem como um lugar de paz, tranquilidade, onde podem dormir sossegados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. B. de. **Abordagem fenomenológica transcendental e existencial na geografia: As bases para o entendimento do espaço vivido**. Revista Geografar. Curitiba, v.6, n.2, p.43-57, dez./2011. ISSN: 1981-089X. www.ser.ufpr.br/geografar. Acesso em 02 de janeiro de 2012.

ARCHELA, S. Roseli, Gratidão, H.B. Lúcia e Trostdorf, S Maria. **O lugar dos mapas mentais na representação do lugar**. Revista Eletrônica – V.13, n.1, jan-jun e 2004. Londrina. Disponível no site <http://www.geo.uel.br/revista>.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução de Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Papirus, 1994. 112 p.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal. Porto Editora, 1994.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do Território. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.) **Geografia Cultural um século**. V.3. Rio de Janeiro. EDUERJ. 2002.

BUTTNER, A. Erehwon or nowhere land. In: GALE, S. and OLSSON, G. *Philosophy in geography*. Dordrecht, Holland, D. Reidel Publishing Company, 1979, pp. 9-37.

_____ (1982) Aprendendo o Dinamismo do Mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETTI, A. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo. Difel, p. 165-193.

_____ The Practice of Geography. Harlow: Longman, 1983, pp. 298.

_____. Aprendendo o dinamismo do mundo-vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da geografia**. São Paulo, Difel, 1985. p. 165-193.

CAPEL, Horácio. **Filosofia y ciência em la geografia contemporânea**. Barcelona: Barcanova, 1983.

CARDOSO, Ricardo de Jesus. **A geograficidade dos habitantes do Rio Cuieiras: Percepções de um Mundo Vivido**. Dissertação de Mestrado. UFAM. Instituto de Ciências Humanas e Letras. 2010.

CARDOSO, Ruth C. L. As aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth C. L (Org.). *A aventura antropológica. Teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CHRISTOFOLETTI, A. As perspectivas dos Estudos Geográficos. In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da Geografia*. (Org). Rio de Janeiro. Difel 1982. pp 11-36.

_____. As Perspectivas dos estudos geográficos. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org). *Perspectivas da Geografia*. Editora DIFEL, SP, 1985.

CLAVAL, Paul. *Terra dos Homens: A Geografia* / Paul Claval; Tradução Domitila Madureira. – São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *La Geographie Culturelle*, Ed. Nathan, Paris. 1995.

_____. (1999). *A geografia Cultural*. Tradução: Luiz Fuggazzola Pimenta e Margareth de Castro A. Pimenta. Florianópolis-SC, Editora da UFSC.

_____. 2003, *Géographie culturelle*, Paris, Armand Colin, 1ère édition, Nathan, 1995.

_____. A geografia cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, R.L. et al. (org.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. *Épistemologie de la Géographie*. Paris: Éditions Nathan, 2001.

_____. *Terra dos Homens: a geografia*. Tradução Domitila Madureira. - - São Paulo: Contexto, 2010.

COMIOTTO, Mirian Sirley. **Adultos Médios: Sentimentos e Trajetória de Vida**. Porto Alegre: UFRGS, 1992. Tese (Doutorado em Educação) FAGED Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CORRÊA, R. L. A geografia cultural e o urbano. In: *Introdução a Geografia Cultural*. CORRÊA R.L. e ROSENDAHL (Orgs). *Introdução à Geografia Cultural*, 2ª ed. Rio de Janeiro, 2007, 224p.

_____. et al. Mundo dos significados: Geografia Cultural e imaginação. In: CORRÊA, R.L. et al (Org.). **Geografia Cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. O urbano e a cultura: alguns estudos. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. (Orgs). **Cultura, Espaço e Urbano**. Rio de Janeiro: Eduerj. 2006. P. 141-165.

_____. et al. (Org.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp. 92-123.

_____. et. al. Em direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In: CORRÊA, R.L. et al. (Org). **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSGROVE, D.; JACKSON, P. (2000). Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R.L. et al. (Org.). **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p. 51-66.

DANTAS, A. Monbeig. **Um marco da Geografia Brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

DARTIGUES, André (1973): **O que é a Fenomenologia**. Rio de Janeiro, Eldorado, 163 p.

_____. **O que é fenomenologia?** / Tradução de Maria Jose J. G. de Almeida. 10^a. Ed. – São Paulo: Centauro, 2008.

DEMANGEON, A. Uma definição da geografia humana. Trad. Jaci Fonseca. In: CRISTOFOLLETI. **A perspectiva da geografia**. Difel: São Paulo, 1982.

DE PAULA, Luiz Tiago. Anais do XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. **Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças - Espaço de Socialização de Coletivos**. Porto Alegre, julho de 2010.

DUNCAN, James. O supra-orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, R.L. et al. (Orgs). **Introdução a Geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ENTRIKIN, J. Nicholas. **O humanismo contemporâneo em Geografia**. Boletim de Geografia Teorética. Vol. 10 n.º 19. Rio Claro, SP, 1980. Pp. 5-30.

FAULHABER, Priscila. 1987. **O Navio Encantado: Etnia e Alianças em Tefé**. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

GOMES. P. C. C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GONÇALVES, L. F. **Geografia Humanística e Turismo: Contribuições de enfoque Humanista para o Estudo do Turismo**. Artigo apresentado no V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR). Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008.

GOUVEIA, Anneza Tourinho de Almeida. **Um olhar sobre o bairro: aspectos do Cabula e suas relações com a Cidade de Salvador** / Anneza Tourinho de Almeida Gouveia. - Salvador, 2010.

HOLZER, Werther; HOLZER, Selma. Cartografia para crianças: qual é o seu lugar? In: SEEMANN, J. (org): A aventura Cartográfica: **Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana**. Fortaleza – CE, Expressão Gráfica, 2006. p.201-217.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, no. 03, p. 8 à 19, janeiro de 1997.

_____. **A Geografia Humanista Anglo-Saxônica – de suas origens aos anos 90**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992. (Dissertação de Mestrado).

HUSSERL, Edmund. **Terceira Meditação: Os problemas constitutivos. Verdade e realidade**. Meditações Cartesianas. Introdução à Fenomenologia. Porto: Pés Editora, 2001.

JOBIM, A. Panoramas Amazônicos. Academia Amazonense de Letras do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, Manaus: 1937.

JORNAL PESCADORES DE NOTÍCIAS. **Edição de junho de 2009** – ano 1 / n. 1.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. Ed. Nova Cultural Ltda; São Paulo, 2005. (coleção Pensadores)

_____. **Crítica da Razão Prática**. Tradução de Antônio Carlos Braga. – Editora Escala; São Paulo, 2006.

KOZEL, Salete. **Representação do espaço sob a ótica, dos conceitos: mundo vivido e dialogismo**. Anais do Encontro nacional de Geógrafos. Porto Alegre, 2010.

KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto. (Orgs.) **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991. 270p.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974.

_____. **La presencia y la ausencia**. Contribución a la teoría de las representaciones. México D.F: Fondo de Cultura Económica, 2006. Título original: *La présence et l'absence*. Contribution à la théorie des représentations. Paris: Caterman, 1980.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP, 2003.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A boa forma da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1981.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCOY, Paul. **Viagem pelo Rio Amazonas**. Tradução de Antonio Porro. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto e Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

MASINI, E. F. S. O enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, I. **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.

MCDOWELL, L. A transformação da Geografia Cultural. In: GREGORY, D. et al. (Org.) **Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

MEIRELLES, F. E. **Sartre e a Ontologia Fenomenológica**. VI Jornada de Pesquisa em Filosofia, 2008. Disponível em <http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Sartre-e-a-OntologiaFenomenol%C3%B3gica/28666.html>.

MELLO, J. B. F. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. In: Revista Brasileira de Geografia, 52 (4),p.91-115. 1990.

Mello. Octviano. **Topônimos amazonenses. Nomes das cidades amazonenses, sua origem e significação**. Editora Sérgio Cardoso, Manaus/AM, 1967.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O olho e o espírito**. Trad. De Gerardo Dantas Barreto. - Grifo Edições, 1969

_____. Capítulo II: **Exploração do Mundo Percebido**. *Conversas* – 1948. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MORAES, Roque. **Fenomenologia: Uma Introdução**. Revista Educação. Porto Alegre: ano XVI, n.24, 1993,p.15-24.

NOGUEIRA, A. R. B. Uma Interpretação Fenomenológica na Geografia. In: SILVA, A. A. D. da; GALENO, A. (Orgs). **Geografia: Ciência do Complexus: ensaios transdisciplinares**. Porto Alegre: Sulina 2004, p. 209-236.

_____. **Mapa Mental: Recurso didático no ensino de Geografia no 1º grau**. Dissertação de Mestrado. USP. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 1994.

_____. **Percepção e Representação Geográfica: A “Geograficidade dos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas”**. Tese de Doutorado. USP. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 2001.

PESSOA, P. L. **História da Missão de Santa Teresa D’Avila dos Tupebas**. Manaus: 1ª Editora Novo Tempo, 2005.

Pereira C. J. e Fernandes D. **Cultura e dimensões do viver em Yi-fu Tuan: algumas aproximações geográficas**. In: RA´E GA 22 (2011), p. 53-73. Curitiba, Departamento de Geografia – UFPR. www.geografia.ufpr.br/raega. Acesso em 07 de maio de 2012.

RELPH, E. As Bases Fenomenológicas da Geografia. In: Geografia , 4(7): Rio Claro – SP. Abril 1979, pág: 1 - 25.

RIBEIRO, Raimundo Colares. **Viagens à “corte do Solimões”** – Manaus. Gráfica REX. 1996.

RICHTER. D. **O mapa mental no ensino de Geografia. Concepções propostas para o trabalho docente**. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. 270p.: il.

ROCHA, S. A. **Geografia humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo**. Revista R. RA´E GA, Curitiba, n. 13, p. 19-27, 2007. Editora UFPR.

ROSENDAHL, Zeni. **Geografia Cultural um século**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2000.

SAUER, C. O. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, P. 12-74.

_____. Geografia Cultural. In: CORRÊA, R.L. et al. (Org.) **Introdução a Geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SEEMANN, Jörn. Mapeando culturas e espaços: uma re-visão para a Geografia Cultural no Brasil. In: AL-MEIDA, Maria Geralda de; RATTTS, Alecsandro J.P. (orgs.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Al-ternativa, 2003, p. 261-284

SERPA, A. (org.) **Cidade Popular**. Trama de relações sócioespaciais. Salvador: EDUFBA, 2007.

SILVA, A. D. da. **Geotecnologias e a problemática dos resíduos sólidos urbanos em Tefé – AM** – Dissertação de Mestrado. Manaus: UFAM, 2009.

SILVA, J. M. de O; Lopes, R. L. M; Diniz, N. M. F. **Fenomenologia**. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, 2008 mar-abr; 61(2): 254-7.

SOUSA, A. C. G. de. **Síntese da história de Tefé. Tefé e sua história**. Publicação editada com a colaboração dos professores Luiz Antônio da Cunha e Claudemir Queiroz, 1989.

SOUZA, Marcelo J. Lopes de. **O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política**. *Revista Brasileira de Geografia*. n. 51, 1989, p. 139-172.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. – São Paulo: Editora UNESP, 2004.

TEIXEIRA, Marlene P.V.; MACHADO Rosa Maria. **Conceito de Bairro - Unidade Popular ou Técnica?** Anuário do Instituto de Geociências UFRJ, 1986. Disponível no site [http:// www.Anuario.igeo.ufrj.br](http://www.Anuario.igeo.ufrj.br). Acesso em 21 de Julho de 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

WAGNER, Ph. L.; MIKESEL L, M. W. Os temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 27-61.

WARF, B. Humanistic Geography. In: WARF, B. (ed.). **Encyclopedia of Human Geography**. Thousand Oaks/ London/ New Delhi: SAGE Publications, 2006.

WRIGHT, J. K. "**Terrae incognitae: the place of the imagination in geography**". *Annals the Association of American Geographer*. n.37, 1947, pp.1-15.

ZANATTA, B. A. **A Abordagem Cultural na Geografia**. *Temporis(ação)*. UEG, v. 1, p. 249-262, 2008.